

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CAMILA BARBOSA

“SÃO BICHAS, MAS SÃO NOSSAS”: ANÁLISE DO SURGIMENTO E
CONSOLIDAÇÃO DA COLIGAY COMO UMA TORCIDA ORGANIZADA
AUTOAFIRMADA HOMOSSEXUAL (1977-1980)

Porto Alegre

2018

Camila Barbosa

“SÃO BICHAS, MAS SÃO NOSSAS”: ANÁLISE DO SURGIMENTO E
CONSOLIDAÇÃO DA COLIGAY COMO UMA TORCIDA ORGANIZADA
AUTOAFIRMADA HOMOSSEXUAL (1977-1980)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de História do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como pré-requisito parcial para obtenção
do grau de licenciado em História.

Orientadora: Prof. Dra. Caroline Silveira Bauer

Porto Alegre

2018

Camila Barbosa

“SÃO BICHAS, MAS SÃO NOSSAS”: ANÁLISE DO SURGIMENTO E
CONSOLIDAÇÃO DA COLIGAY COMO UMA TORCIDA ORGANIZADA
AUTOAFIRMADA HOMOSSEXUAL (1977-1980)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de História do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como pré-requisito parcial para obtenção
do grau de licenciado em História.

Aprovada em: 05 de julho de 2018

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dra. Caroline Silveira Bauer (orientadora)

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt

Prof^a. Dra. Natalia Pietra Méndez

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Barbosa, Camila

"São bichas, mas são nossas": análise do surgimento e consolidação da Coligay como uma torcida organizada autoafirmada homossexual (1977-1980) / Camila Barbosa. -- 2018.

116 f.

Orientadora: Caroline Silveira Bauer.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em História, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Coligay. 2. Grêmio. 3. História do futebol. 4. Torcida homossexual. 5. Masculinidades. I. Bauer, Caroline Silveira, orient. II. Título.

Aos sujeitos transgressores que dedicaram, dedicam ou dedicarão as suas vidas às lutas cotidianas por nossos direitos. Continuemos subvertendo as normas socialmente estabelecidas. A luta permanece!

Agradecimentos

Este trabalho marca o fim de um ciclo, possivelmente um dos mais prolongados e difíceis de minha vida até então. E ao fim de uma jornada tão intensa como esta, sinto-me feliz de poder conceder um espaço de reconhecimento àqueles que fizeram parte da construção deste processo.

Agradeço ao ensino público, do qual sou fruto e ao qual sou grata. Ao sistema de cotas, que me permitiu o ingresso em uma Universidade pública e que serve como instrumento básico na luta por uma alteração desta realidade acadêmica racista, machista, lgbtfóbica e voltada às classes abastadas. Aos professores que fizeram parte da minha formação básica, especialmente a Mirtes, a Juciane e o Marcos, que embora não saibam, foram peças importantes na minha paixão pela licenciatura. Aos professores Arthur Ávila e Natália Pietra, pela dedicação em seguir seus posicionamentos, me fazendo compreender cada vez mais o sentido político intrínseco ao ensino de história e, sobretudo, pela disponibilidade das conversas pelos corredores, colocando-se sempre a postos para auxiliar em nossos anseios acadêmicos. Ao professor Benito Schmidt pelo auxílio com os projetos de pesquisa e pelas dicas iniciais para o desenvolvimento deste trabalho. E um agradecimento especial à minha orientadora Caroline Bauer, por ser uma pessoa inspiradora dentro e fora da sala de aula, por instigar e se posicionar ao lado de seus alunos frente aos desafios acadêmicos e, particularmente, por abraçar comigo desde o momento em que eu disse “eu acho que quero aprofundar esse tema”, pelo estímulo, pelas palavras de incentivo, pelos questionamentos e pela paciência com as minhas inseguranças. Sem o teu auxílio, o resultado não teria sido o mesmo.

Aos meus pais por acreditarem em mim, pelo apoio incondicional às minhas escolhas, por me estenderem a mão sempre que necessário. Sem vocês eu jamais teria chegado até aqui. Ao meu irmão por despertar em mim a paixão pelo futebol e deixar de herança a posição. À minha irmã, por tudo o que representas, por todos os questionamentos e pedidos de socorro e para que tu possas ser quem desejar ser. Essa conquista, assim como todas da minha vida, pertence também a vocês.

Ao meu trio pra vida toda que, apesar de distante, a cada reencontro volta a ser o mesmo de anos atrás. Carol e Bia, vocês são parte de mim, são pessoas de quem eu me orgulho e a quem eu pretendo orgulhar. Há de ser assim!

Agradeço aqui a todas as pessoas que conheci neste ambiente e que certamente contribuíram para a minha formação - se não acadêmica - pessoal, são tantas que não é

possível nomear sem falhar a memória. Entretanto, há alguns agradecimentos especiais que devo citar aqui. Agradeço ao Tiago, por ser uma pessoa incrível. Por sua presença no Custódio, que já é parte da rotina semanal. Pelos diálogos travados ultimamente, que serviram e muito para a minha argumentação, e pelas sugestões sempre muito construtivas. À Greice, por compartilhar da minha primeira experiência como docente, tão gratificante. E por ser esta mulher inspiradora! À Carol Suriz, por ressignificar o Titanic, pelos choques de realidade, e pela saudade infinita que nossos desencontros me causam. Ao Bruno, por nossa sintonia de ironias, e por cada um dos milhares de recados destinados a mim que já encontrei nesta casa. À Renata, pela amizade construída lá no início do curso que sobrevive aos longos períodos distantes, e pelo empréstimo tecnológico que me auxiliou com as fontes. À Duda Soletti, por compartilhar dos anseios de lajeadenses em Porto Alegre, pelas conversas sempre produtivas, pelas cabeçadas da vida, pelos incentivos e pelas cervejas pagas.

Aos colegas do APERS, que ao longo deste percurso foram se revelando mais do que colegas, permanecendo presentes para além da rotina. Sinto falta daqueles cafés diários. Repassem aos seus estagiários!

Aos chefes dos meus últimos estágios extracurriculares, Viviane, Vicentina e Miguel. Pelas trocas construtivas para a minha formação, pelos incentivos constantes e principalmente, pela empatia e flexibilidade com as exigências que este fim de curso me fez. Nem todos tem essa sorte, obrigada!

À minha segunda família da capital: aqueles que provavelmente sejam os homens da minha vida – Fábio, por partilhar comigo das dores e das delícias dessa vida de estudante novamente, dos anseios deste período até a subida na vida propiciada por um avião. Que tenhamos menos turbulências daqui pra frente; e Guilherme, por todas as rabugices compartilhadas, mescladas com breves momentos de amor e afeto em nossas rotinas diárias, e claro, por ter lido este trabalho mais vezes que eu mesma. À Sara, pela empolgação e ajuda com as fontes, por ser mais dramática que eu e me mostrar que poderia ser pior, e, sobretudo, por ser o nosso quarto elemento.

À Ghost, “meu eterno amor” e todos os seus integrantes. Pelos momentos vividos, pelas amizades, pela parceria durante todo esse tempo, por comprovar que dá pra ter vida acadêmica sendo gincaneira e, principalmente, por todas as promessas de trago depois do tcc. Um agradecimento especial aqui para a galera dos pepinos. É nós de novo, pra variar!

Ao Fê, pela curta e intensa convivência e por me ensinar que não é errado brigar com o mundo em busca de viver essencialmente quem somos. Espero que estejas orgulhoso de quem me tornei, onde quer que estejas.

À Gabriela o meu mais sincero e tenro agradecimento. Por tua amizade, por teu amor, pela parceria, pela permanência, por me inspirar. Por me ensinar que presença, na maioria das vezes, não é física. Por inverter os papéis e ser meu porto de calma neste período turbulento. Pelo apoio de sempre. E, sobretudo, por não deixar de acreditar em mim, no meu potencial, nos meus sonhos e planos. A nossa sintonia é de outro mundo e não há agradecimento à altura desta constatação.

Ao Depeche Mode, por ter me propiciado uma das melhores noites chuvosas da vida como alívio desta tensão e por ter sido, mais uma vez, trilha sonora oficial durante o tempo de escrita deste trabalho.

Por fim, ao Volmar, pois sem ele não haveria a Coligay, e talvez eu não tivesse encontrado um tema pelo qual me apaixonasse.

Resumo

Este trabalho busca analisar a Coligay, torcida organizada do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, formada por homossexuais, que surge em 1977, durante a ditadura civil-militar brasileira. Considerando o contexto de repressão aos homossexuais, aliado à atuação dos estádios enquanto espaços de reprodução de uma masculinidade hegemônica, busca-se perceber as relações que tornaram possíveis o surgimento desta torcida e sua permanência até 1983. Pretende-se ainda, compreender a identificação destes sujeitos enquanto grupo e seu entendimento por dirigentes, jogadores e torcedores do clube, pelos rivais e pela sociedade em geral. Foi realizada a coleta de reportagens sobre a Coligay em publicações da época: Zero Hora; Lampião da Esquina; Veja e Placar. Além disto, pretende-se utilizar também algumas entrevistas concedidas por Volmar Santos, o idealizador da Coligay. Por questões de tempo hábil para a pesquisa e melhor detalhamento das fontes, optou-se por um recorte entre 1977 e 1980, os primeiros anos de sua existência, período chave para sua consolidação. A partir da análise das fontes, e suas conexões com os referenciais bibliográficos, pretende-se elucidar os questionamentos iniciais da pesquisa, contribuindo brevemente para uma maior visibilidade desta torcida que, ainda que inconscientemente, impôs uma forma de resistência ao subverter a ordem de gênero e sexualidade vigente no espaço futebolístico.

Palavras-chave: Coligay; Grêmio; História do Futebol; Torcida Homossexual; Masculinidades.

LISTA DE SIGLAS

ABI - Associação Brasileira de Imprensa

AI – Ato Institucional

ARENA - Aliança Renovadora Nacional

CBD – Confederação Brasileira de Desportos

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CIA – Central Intelligence Agency

COB – Comitê Olímpico Brasileiro

CODI - Centro de Operação de Defesa Interna

CS – Convergência Socialista

DCDP – Divisão de Censura de Diversões Públicas

DOI - Destacamento de Operações e Informações

DOPS - Departamento de Ordem Política e Social

EUA – Estados Unidos da América

ESG – Escola Superior de Guerra

ESPN - Entertainment and Sports Programming Network

FA – Football Association

GGB – Grupo Gay da Bahia

LAPPACS - Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde

LF – Lésbico Feminista

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT – Partido dos Trabalhadores

RBS TV – Rede Brasil Sul de Televisão

RJ – Rio de Janeiro

SNI – Serviço Nacional de Informações

SP – São Paulo

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ZH – Zero Hora

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Capítulo 1 – “Coisa de macho”: o futebol moderno – do berço inglês ao fascínio brasileiro.....	20
1.1 – “O país do futebol”: popularização, paixão e representação da sociedade brasileira.....	21
1.2 – Futebol e torcida enquanto território de produção de masculinidades.....	28
1.3 – A homossexualidade enquanto sujeito oculto nos estádios.....	35
Capítulo 2 – Os homossexuais em meio à ditadura: um cotidiano de (r)existências.....	42
2.1 – Política de distensão: Período de contradição.....	43
2.2 – Entre a foice, o martelo e o fuzil: sujeitos que não se encaixam neste dualismo se disseminam pelos guetos.....	47
2.3 – “Caça às bruxas” brasileira: a perseguição aos homossexuais.....	54
2.4 – Existir e Resistir: As diversas formas de luta dos homossexuais.....	59
Capítulo 3 – A novidade no Olímpico: “um incentivo diferente”.....	65
3.1 – Eis que surge a Coligay.....	65
3.2 – Uma torcida verdadeiramente organizada	69
3.3 – Conflitos identitários – a atuação política da Coligay.....	74
3.4 – “Cumé que tanta frescura pode ser tão pé quente?”: A amuletização da Coligay, da aversão à tolerância.....	82
Considerações finais.....	95
Anexos	99
Referências.....	108

Introdução

O Brasil é reconhecido como o “país do futebol”. A grande paixão nacional está presente nos sujeitos desde a infância, sendo resposta para a maioria das vezes em que lhes é perguntado “o que você quer ser quando crescer?”. Seu caráter cultural é tão marcante que até mesmo aqueles indivíduos que não apresentam afetividade com o esporte têm um nome como resposta para outro tradicional questionamento social: “que time você torce?”. O futebol, portanto, penetra a sociedade brasileira como um todo, fazendo jus à alcunha de “país do futebol”. O Brasil é também o país que mais mata a população LGBT no mundo. De acordo com os dados apresentados em relatório feito pela Anistia Internacional, no ano de 2017, a média aponta uma morte a cada dezenove horas.¹ As relações inferíveis entre os dois fatos se expõem através do machismo e da homofobia que incidem vigorosamente neste esporte.

Os estádios de futebol constituem-se como ambientes de produção de masculinidade, preenchidos de modo expressivo por homens heterossexuais. A virilidade é uma característica constantemente exaltada neste cenário, chegando a fazer parte de hinos oficiais de clubes, como é o caso do Sport Club Internacional que apresenta o trecho “radioso de luz, *varoni!*”.² Através destas normas que vigoram no universo futebolístico, se estabelece uma delimitação de quem pode gostar, jogar, ou torcer. Estas balizas acabam por incutir, nos sujeitos que não se encaixam nestas características, um não-pertencimento ao ambiente. Em abril de 1977, reuniu-se um grupo de homossexuais, e portanto desenquadrados deste perfil idealizado de torcedor, com o intuito de invadir o estádio Olímpico para torcer pelo Grêmio, desta maneira acabaram sendo pioneiros ao propor uma subversão das normas vigentes no futebol.

A Coligay foi criada em meio a um contexto de conservadorismo social - ampliado dentro dos estádios - e ditadura civil-militar que atuava fortemente sobre uma política de “moral e bons costumes”, perseguindo os homossexuais. Contrapondo esta conjuntura, o grupo encontrou maneiras de permanecer em um ambiente que não lhes pertencia, conquistando a tolerância dos torcedores gremistas que dividiram o seu espaço com estes sujeitos. Neste sentido, a sua atuação dentro dos estádios - espaço que até os dias atuais repercute inúmeros casos de homofobia e intolerância sexual – é uma importante representação de que na conjuntura da ditadura, a resistência e o ativismo político homossexual estavam presentes em outros espaços, além das esquerdas partidárias. A atuação da torcida Coligay nos estádios, e por vezes para além dele, ocorreu entre os anos de 1977 e

¹ Ver mais em: <<https://anistia.org.br/entre-em-acao/carta/informe-anual-20172018-o-estado-dos-direitos-humanos-mundo/>>. Acesso em 15 de junho de 2018.

² O hino do Sport Club Internacional, foi composto por Néelson Silva, no ano de 1957.

1983. Porém, o recorte escolhido para a realização deste trabalho vai de 1977 a 1980 com o intuito de abarcar o seu período inicial, buscando entender o contexto que possibilitou a formação e a consolidação da mesma. Considerando a conjuntura política vigente no país, a homofobia advinda de uma exaltação à virilidade produzida no universo futebolístico, em oposição ao princípio das lutas dos movimentos sociais por direitos humanos, é que pretendo questionar: Quais são os pontos que levam a Coligay a se estabelecer neste ambiente hostil, chegando inclusive a figurar entre as torcidas oficiais do Grêmio? Busco inquirir também qual foi a sua colaboração para o movimento homossexual que se formava concomitantemente à sua atuação nos estádios.

A produção acadêmica sobre a Coligay é muito restrita. Houve neste ano a publicação de um artigo de autoria das jornalistas Bruna da Costa Elias e Vanessa Wendhausen Lima na Revista Vincci³, onde as autoras se propõem a realizar uma análise crítica do discurso da Revista Placar a respeito do grupo. Neste mesmo enfoque, há um artigo do historiador Kelvin Emmanuel Pereira da Silva, que ao contextualizar a polêmica em torno da sexualidade do jogador Emerson Sheik, ocorrida em 2013, retoma o currículo de (re)produção de masculinidades neste espaço, ao analisar os discursos presentes nas reportagens da Revista Placar. O historiador Élvio Antônio Rossi, ao realizar o trabalho de conclusão de curso, no ano de 2002, abordou a Coligay, com enfoque voltado para a tensão provocada nas relações entre a homossexualidade e a masculinidade, especificamente na cultura gaúcha, através da imagem mítica do gaúcho espelhada no futebol. Consta também um artigo derivado deste trabalho que foi apresentado em 2004, em um seminário promovido pelo grupo *Nuances*. Maurício Rodrigues Pinto (2017), em sua dissertação de mestrado, intitulada “Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia”, que aborda as ações de grupos de diferentes períodos históricos que desestabilizaram as normas regulatórias ao reivindicar o direito de torcer para mulheres e LGBT’s, apresenta um capítulo voltado para a trajetória da Coligay.

Há ainda, fora do âmbito acadêmico, o livro “*Coligay: Tricolor e de todas as cores*”, escrito pelo jornalista Léo Gerchmann. De caráter essencialmente descritivo e memorialista, a obra de Léo não se propõe a análises a respeito da torcida. Entretanto, sua obra tem importância por conta da sua contribuição à visibilidade da Coligay, já que circula em outros espaços que nem sempre são alcançados pelas produções acadêmicas. Apesar destas

³ Periódico Científico da Faculdade SATC (Associação Beneficente da Indústria Carbonífera de Santa Catarina).

observações, o livro será utilizado para a produção deste trabalho como fonte de discursos, através das várias entrevistas que Gerchmann faz e reproduz no mesmo.

A metodologia utilizada para a construção desta pesquisa será baseada em análise de fonte primária – reportagens retiradas dos jornais Zero Hora e Lampião da Esquina e das revistas Veja e Placar. Ressalto que o intuito da pesquisa não é analisar o discurso jornalístico existente a respeito da Coligay. Mas, por conta de não ter sido possível trabalhar com fonte oral dentro do período de construção da pesquisa, busca-se utilizar os fragmentos dos mesmos como instrumento para chegar até a torcida, nos discursos de seus membros, de outros sujeitos envolvidos no contexto e na repercussão de sua existência na sociedade em geral. Ainda assim, é necessário, ao se trabalhar com análise de imprensa, que se tome certos cuidados. Incide nesta fonte uma série de aspectos e questionamentos imprescindíveis de se levar em consideração. Abre-se uma gama ainda maior de abordagens pelo fato das fontes a serem utilizadas terem especificidades divergentes entre si (um jornal e uma revista da grande mídia comercial, um jornal de cunho alternativo, e uma revista esportiva, estes últimos atingindo públicos específicos). É preciso, para o bom andamento da pesquisa, que se tenha entendimento do que este conjunto de questões significam.

De acordo com Elmir, a fonte de imprensa não pode ser vista como um dado a partir do qual abstraímos os elementos de uma suposta realidade.⁴ O cuidado metodológico é essencial quando se utiliza este tipo de material como fonte, sobretudo no que tange ao jogo de interesses vigente na produção de informações que objetivam conquistar seus públicos-leitores. Incidem, nos bastidores destas produções, uma série de pressões, as vezes conflitantes ou divergentes, que faz com que os jornais e as revistas não se concretizem enquanto fontes neutras, isentas de ideologia.⁵ Portanto, para o bom andamento de uma pesquisa histórica, é imprescindível que o uso destas fontes não sejam exclusivos. Faz-se necessário complementá-la com pesquisa bibliográfica e teórica para ser possível que se situe o objeto de estudo em um panorama maior de compreensão que permite aferir o grau de veracidade ou intencionalidade das produções jornalísticas.⁶

Escolher, dentro das inúmeras possibilidades de recortes temáticos referentes à ditadura civil-militar, pesquisar a comunidade LGBT justifica-se, acima de tudo, por visar contribuir para a interlocução entre os conhecimentos acadêmicos referentes ao período ditatorial e os que tratam de temáticas de gênero e sexualidade, trabalhando com a união de

⁴ ELMIR, 1995, p. 21.

⁵ LAPUENTE, 2016, p. 18.

⁶ ELMIR, op. cit., p. 25.

dois temas que poucas vezes se fundem como um só, mas que na realidade são completamente interligados. Parte-se da constatação de que a compreensão destas temáticas precisa alicerçar-se em debates teóricos e pressupostos metodológicos que comprometam-se com o reconhecimento da pertinência destas demandas identitárias buscando cooperar com o debate conceitual, ético e metodológico acerca da diversidade sexual.

A presente pesquisa tratará sobre um passado recente, há cerca de quarenta anos. Período em que começa a surgir no país algum tipo de organização do movimento LGBT em busca de direitos, em sua maioria ainda inalcançados. Pode-se dizer que ainda hoje, frequentemente, são refutados a estes indivíduos, o conjunto de direitos humanos que inclui direitos civis, econômicos, sociais, culturais, políticos, ambientais e também, mesmo que muitas vezes ignorados, direitos sexuais e reprodutivos. As características de universalidade, indivisibilidade e interdependência destes direitos está assegurada pela II Conferência Mundial de Direitos Humanos.⁷ Entretanto, são frequentemente questionados, por vezes até mesmo negados, aos membros da comunidade LGBT, por conta da sociedade estar intrinsecamente vinculada a tradições e crenças heteronormativas inconciliáveis com os princípios de garantia à autonomia, respeito, dignidade e liberdade – características essenciais das sociedades baseadas na democracia e na laicidade do Estado.

Minha intenção é de que este trabalho contribua brevemente para os estudos de gênero e sexualidade no período de incidência da ditadura civil-militar no país, propondo um olhar historiográfico para os sujeitos que não estavam necessariamente alinhados com o movimento homossexual que surgia, mas, ainda assim, contribuíram de certa maneira através de suas existências cotidianas. As possibilidades desta pesquisa foram impulsionadas pelo crescente reconhecimento atrelado à atuação das universidades na produção de conhecimentos que subsidiem visibilidade à promoção e garantia de direitos humanos e combate à LGBTfobia. É preciso assumir esta posição de reflexão, acolhimento e ativismo voltado à equidade de gênero e garantia de direitos convergindo os conhecimentos científicos em prol de um ideário de sociedade mais justo e democrático neste âmbito. Afinal, “A batalha pelos direitos humanos jamais será totalmente vencida em qualquer lugar ou em qualquer época. As fronteiras se deslocam continuamente, e não podemos nos dar ao luxo de nos acomodar”.⁸

Acredito ser importante explicitar posições que assumirei, utilizando-as como baliza para as reflexões aqui efetuadas. Há discordâncias historiográficas acerca de nomenclaturas a

⁷ A Conferência foi realizada em Viena, no ano de 1993. Ver mais em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/viena/viena.html>>. Acesso em 18 de junho de 2018.

⁸ Anistia Internacional, informe 2017/18, p. 10.

serem utilizadas para designar o período da história do Brasil compreendido entre 1964 e 1988.⁹ Carlos Fico acredita que somente o golpe de 1964 fora um ato civil-militar, por contar com a participação de uma série de agentes civis enquanto sujeitos históricos como José de Magalhães Pinto, Carlos Lacerda e o Governo dos EUA. Para o autor, o governo que se desenrola a partir dali é estritamente militar. Esta argumentação se justifica por conta dos civis que foram retirados das funções de comando, Carlos Lacerda serve novamente como exemplo neste fato. Portanto, o autor denomina como “ditadura militar” o período 1964-1985.¹⁰ Já Daniel Aarão Reis Filho defende que a ampla participação de setores da sociedade civil não só possibilitou o golpe, como também a implantação e a manutenção da ditadura até o seu final em 1988. O historiador alega ainda que alguns destes setores organizados se beneficiaram muito das políticas repressivas do Estado. Em vista disto, Reis defende que a ditadura civil-militar

não foi um raio que desceu de um céu sem nuvens. Na história humana não há raios que desçam de um céu azul. A ditadura resultou de uma conjunção complexa de condições, de processos e de ações, cuja compreensão permite elucidar o que deixou surpresos e perplexos os contemporâneos, vencidos e vencedores.¹¹

Tendo em vista a rede de complexidades que envolve o período, extrapolando estruturas maniqueístas sobre as noções de direita e esquerda, repressão e resistência, executor e vítima¹² e, sobretudo, por me aprofundar em uma parcela da sociedade que não se encaixa neste dualismo, entendo o período enquanto ditadura civil-militar. Saliento que, as práticas de censura advindas das instâncias repressivas foram, em sua maior parte, incitadas por civis perante o Estado. Concordo com Fico, quando ele argumenta que não se pode ser nominalista a ponto de acreditar que “chegar a um nome, ou um conceito defina a natureza dos eventos”¹³. Contudo, considero a necessidade de tal posição enquanto afirmação política, como forma de denunciar a cooperação de determinados setores da sociedade em prol de um projeto de nação específico, e sobretudo, a participação destes civis no sustento de uma normatização de gênero que se fundamenta na moral, nos bons costumes e na heterossexualidade compulsória, tentando manter nas margens sociais as minorias sexuais historicamente marginalizadas.

⁹ Não é consensual o ano de 1988 como marco final da ditadura civil-militar, sendo mais comumente utilizado o ano de 1985, a partir da posse de Sarney. Esta outra data é defendida através do argumento de que por sua característica “militar”, a ditadura teria chegado ao fim no momento em que um “civil” alcança a Presidência da República. Entretanto, esta corrente dominante de que o ano de 1985 marca o fim da ditadura só é funcional para aqueles que desconsideram as conexões civis dela. Portanto, acredito que a posse de Sarney representa apenas mais uma das várias mudanças institucionais que desemboca em 1988, ano em que finalmente se restaura a democracia no país através da promulgação da Constituição democrática de 1988.

¹⁰ FICO, 2013.

¹¹ REIS FILHO, 2014, p. 18.

¹² FICO, 2013A.

¹³ FICO, 2013, p. 469.

Existe uma significativa produção bibliográfica que diz respeito a ditadura civil-militar brasileira. Entretanto, nela persiste um grande predomínio de temáticas eminentemente políticas como o Golpe de 1964, a luta armada, a resistência democrática e os desaparecidos políticos. Envoltos neste binarismo político que coloca militares, “de um lado”, e esquerda revolucionária, “de outro”, é que se encontram as noções habituais a respeito dos enfrentamentos que rondaram o período da ditadura civil-militar brasileira. Entretanto, esta visão em um único âmbito gera várias questões que conduzem esta pesquisa: Seriam todos os conflitos e tensões da época decorrentes desta polarização entre esquerda e direita? Todo este aparato repressivo, violento e censurador era direcionado somente aos opositores políticos do Estado? O pano de fundo desta oposição estava limitado a uma luta de classes? A resistência à ditadura se deu somente através da violência e da luta armada? Para obter respostas a estes questionamentos é que se faz necessário ampliar o olhar por outras óticas além da política. Neste sentido, Douglas Marcelino respalda que é sintomático deste reducionismo de análises ao plano político da ditadura o estabelecimento de uma memória limitada a esta perspectiva.

A memória construída sobre os anos da ditadura, de modo geral, tende a ressaltar somente a dimensão política da censura que existia no período. Na verdade, a época é lida, como um todo, sobretudo a partir da chave política. Questões como a **sexualidade** e outras relacionadas ao plano comportamental, quando mencionadas, são tomadas apenas como **epifenômenos de uma variante política fundamental**. Assim, a história do Brasil entre 1964 e 85 tem sido reduzida a história política da ditadura militar.¹⁴

James Green e Renan Quinalha, dois dos poucos autores a se debruçarem sobre as relações entre a ditadura civil-militar e as sexualidades dissidentes, manifestam que, a despeito da existência de uma recente profusão de estudos sobre este tema, perdura ainda uma significativa “ausência de produção acadêmica mais profunda que se mostre capaz de analisar, com o devido cuidado, as questões relacionadas às sexualidades dissidentes e suas interações com as mudanças que marcaram o regime de 1964”¹⁵. Para além disto, os autores identificam que, em geral, nas análises que abordam estas questões ignora-se “sua relativa autonomia dos processos políticos mais gerais ou, em sentido oposto, (...) é discutido como se estivesse completamente desconectado da história do período, o que acarreta prejuízos relevantes para a reconstituição das intrincadas mediações aí implicadas”¹⁶.

Voltando à questão da vasta bibliografia a respeito da ditadura civil-militar brasileira, outra problemática que encontrei é que, em sua imensa maioria, consta uma abundante análise em nível nacional (e por nacional entende-se o eixo Rio de Janeiro-São Paulo), diminuindo

¹⁴ MARCELINO, 2011, p. 22, grifos meus.

¹⁵ GREEN; QUINALHA, 2015, p. 18 e 19.

¹⁶ Ibid., p. 19.

consideravelmente à medida que se distancia do centro do país. Referente a esta nacionalização de uma determinada região, Cavalcanti Junior argumenta que

a história que vem sendo escrita e contada, vem valorizando contextos e espaços que envolvem relações do poder. Dessa forma, os estudos ditos nacionais, que apesar de tomar regiões como modelos, acabam por receber olhares mais atentos da historiografia em relação a estudos que se intitulam regionais.¹⁷

Neves, ao dizer que “o estudo do regional, ao focalizar o peculiar, redimensionaria a análise do nacional”¹⁸ afirma a importância das particularidades e diferenças que podem ser encontradas ao nos voltarmos para uma história local, porém também enfatiza que esta não deixa de estar vinculada a um cenário mais amplo.

Ao restringir um pouco mais a temática, voltando-se para homossexualidades e ditadura civil-militar no Rio Grande do Sul, esta bibliografia passa a ser praticamente inexistente.¹⁹ Fato que veio a dificultar que o presente trabalho seguisse por este viés. Por conta disto, apesar da importância devida de se ampliar a perspectiva de “história nacional” e, sobretudo, de o enfoque particular deste trabalho incidir sobre um grupo de homossexuais que atua especificamente no Rio Grande do Sul, a contextualização dele se dará basicamente no eixo Rio de Janeiro/São Paulo. Por fim, ao examinar as fontes, buscarei relacionar as constatações tiradas desta análise do eixo RJ/SP com as questões encontradas no objeto de pesquisa no contexto de Porto Alegre, almejando assim contribuir para o desenvolvimento desta necessária ampliação bibliográfica sobre estas questões no estado do Rio Grande do Sul.

No que se refere à distribuição de conteúdos, optei por dividir este trabalho em três capítulos. Desta forma, o primeiro deles aborda as correlações do futebol com a sociedade brasileira, entendendo-o enquanto um dispositivo cultural, baseado no conceito de dispositivo forjado por Foucault, que o apresenta enquanto “a rede que se pode tecer entre estes elementos”.²⁰ Neste espaço aborda-se o ambiente de produção de um ideal de masculinidade viril atrelado ao futebol. Para tanto, utilizo-me do conceito de masculinidade hegemônica desenvolvido por Connell. Entendendo que a masculinidade desenvolvida dentro deste espaço

¹⁷ LIMA et al, 2010 apud CAVALCANTI JUNIOR, 2016, p. 5.

¹⁸ NEVES, 2002, p. 89.

¹⁹ Realizei buscas tanto na biblioteca da UFRGS quanto na internet sobre a temática homossexualidades e ditadura civil-militar no Rio Grande do Sul, não obtendo sucesso na localização das bibliografias necessárias. Há alguns projetos e pesquisas em andamento, como a do Historiador Benito Bisso Schmidt, intitulada *O “Pederasta Passivo”, a “Havaiana” e o “Veado Maconheiro”*: três possibilidades de dizer e viver o “sujeito homossexual” (Porto Alegre, século XX), que visa realizar uma antologia das existências de três personagens homossexuais que viveram em Porto Alegre em diferentes momentos do século XX: o literato Arthur Pinto da Rocha (1862-1930), o rei momo Vicente Rao (1892-1978) e o militante de esquerda José Carlos de Oliveira, mais conhecido como “Zezinho” (1960-1991).

²⁰ FOUCAULT, 1998, p. 244.

se interliga a uma oposição à homossexualidade, verso ainda a respeito da presença oculta destes sujeitos nos estádios.

O capítulo dois disserta sobre o contexto de ditadura civil-militar e a incidência das políticas em prol da “moral e bons costumes” sobre as homossexualidades, destinando-as à marginalidade. Neste sentido, um dos questionamentos estimulados por Green e Quinalha, norteará este capítulo: “Quais foram os efeitos da ditadura no cotidiano de mulheres que amavam outras mulheres, de homens que desejavam outros corpos masculinos ou mulheres e homens que se recusaram a reproduzir as noções e o comportamento hegemônicos de gênero?”²¹ Analisa-se as violências, perseguições e torturas cometidas durante a ditadura civil-militar, entendendo que estas ultrapassam as esferas políticas, atingindo outras óticas sociais e culturais. Desenvolvo neste espaço o conceito de resistência utilizado no trabalho, baseando-me no referencial teórico de Marilena Chauí, entendendo que as formas de resistência ultrapassam as ações deliberadas, sendo compostas também por toda e qualquer prática exercidas como alternativas cotidianas de existência desenvolvidas por estes sujeitos marginalizados.

Por fim, o último capítulo destina-se, através da análise das fontes, à Coligay especificamente, entendendo-a como pioneira das torcidas organizadas autoafirmadas homossexuais. Inicialmente, aborda-se as atuações da Coligay dentro e fora dos estádios. Posteriormente, adentrando na questão identitária do grupo, se tensiona alguns conflitos existentes entre os discursos analisados quanto à sua constituição enquanto movimento político ou independente deste. Teoriza-se aqui a respeito da prática do desbunde adaptada como forma de resistência pelos homossexuais e levada aos estádios pela Coligay. Utilizo das teorias de Rancière a respeito de ação política para entender o resultado desta autoidentidade e, sobretudo, das atuações da Coligay neste espaço. É objeto de análise também as reações geradas através do surgimento da Coligay e como elas possibilitam a sua permanência a partir de uma *amuletização* da torcida, que faz com que estes sujeitos antes vistos com aversão passem a ser tolerados em um ambiente que não lhes pertence.

²¹ Ibid., p. 19.

1. “COISA DE MACHO”: O FUTEBOL MODERNO – DO BERÇO INGLÊS AO FASCÍNIO BRASILEIRO

*“Para começar, uma confissão:
Desde que era bebê, eu quis ser jogador de futebol.
E fui o melhor dos melhores, o número um,
mas só em sonhos, enquanto eu dormia”.*²²

Este capítulo propõe-se a examinar o esporte que incentivou o surgimento da Coligay, e todas as questões que fundamentam a sua incidência no país enquanto esporte popular e hegemonicamente declarado como espaço de produção de virilidades, antítese da sexualidade demonstrada pela torcida em questão. Para atingir este objetivo, ele se subdivide em três subcapítulos. O primeiro versa sobre o contexto de popularização do futebol, transformando-o em paixão nacional. Além de, ainda neste subcapítulo, buscar a compreensão do mesmo, e principalmente das torcidas como *comunidades imaginadas*, baseadas em uma construção identitária que se fundamenta enquanto dispositivo cultural, agindo como uma representação da sociedade brasileira. O item seguinte adentra no ambiente de produção de masculinidade hegemônica constituído nos entornos do futebol, entendendo-o como um espaço em que o machismo, a misoginia e a homofobia se multiplicam, propagando estereótipos contrários aos sujeitos efeminados. Discorre-se ainda sobre o futebol enquanto um fenômeno cultural de poder simbólico que repercute os seus efeitos, seus simbolismos e a sua salvaguarda de uma masculinidade hegemônica, como reflexos na sociedade em geral. O último subcapítulo se volta para a incidência da homossexualidade enquanto sujeito oculto neste ambiente tido como masculino, abordando a violência simbólica que é exercida sobre estes sujeitos nos atos comuns às torcidas de atribuir uma “ausência de masculinidade” ao outro, como forma de inferiorizá-lo. Por fim, apresenta-se o surgimento de torcidas assumidamente homossexuais como forma de resistência encontrada por estes sujeitos para pleitear espaço neste ambiente eminentemente masculino, viril e heterossexual.

Não existem certezas quanto ao surgimento daquele que hoje é aclamado como o esporte mais popular no mundo: o futebol. Entretanto, há diversos registros que apontam a incidência da prática de jogos com bola desde a Antiguidade. Franco Júnior, ao abordar as “possíveis origens longínquas do futebol”²³ reúne lendas acerca destas atividades supostamente exercidas em diferentes lugares e temporalidades: O *tsu-chu*²⁴ chinês no século

²² Eduardo Galeano, em “Fechado por motivo de futebol”.

²³ FRANCO JUNIOR, 2007, p.15.

²⁴ Tradução literal para “chutar a bola”.

III a.C., o *kemari*²⁵ japonês no século II a.C., o *tlachtli*²⁶ da América Central no século 900 a.C., o *epyskiros* grego no século IV a.C., o *harpastum* romano no século III a.C e o *calcio*²⁷ fiorentino no século XVI.

O futebol moderno surge na Inglaterra no início do século XIX, contextualizando-se no ápice da Revolução Industrial. Em decorrência deste fato, pode-se perceber no esporte resquícios de preceitos comuns em uma sociedade capitalista, como os princípios de competição e produtividade, juntamente com o estabelecimento de regras em busca de resultados favoráveis, o que se evidencia em 1863 com a fundação da Football Association (FA).²⁸ Em meio à expansão imperialista, a Inglaterra passa a exportar produtos, serviços e, conseqüentemente, grande parte dos seus fenômenos culturais e sociais. Desta maneira, seguindo a lógica de influência inglesa, o futebol se difunde primeiro entre as próprias ilhas britânicas, em seguida alcança toda a Europa e posteriormente toma a América Latina, chegando ao Brasil já próximo do final do século. Todavia, deve-se dar destaque também para o fato de que os muitos territórios que fizeram parte do Império britânico (África do Sul, Austrália, Canadá, Estados Unidos, Nova Zelândia) apresentaram grande resistência para aderir ao esporte em suas culturas, o que justifica que ainda nos dias atuais estes países não ostentem muita representação neste universo futebolístico.²⁹

Com o passar do tempo, pode-se perceber uma intensa adaptação do esporte no Brasil, sob o molde das características culturais de nossa sociedade. Perante esta circunstância desenvolve-se também um forte poder simbólico sobre o futebol, atingindo o seu apogeu quando passa a ser assumido como forma de representação do povo brasileiro, assim como o carnaval, outro grande fenômeno nacional.³⁰

1.1 - “O país do futebol” – popularização, paixão e representação da sociedade brasileira

A história oficial aponta Charles William Miller como indivíduo precursor do futebol no Brasil. Brasileiro com ascendência inglesa, estudou na Inglaterra e ao retornar para o país trouxe em sua bagagem o material necessário para introduzir o esporte entre seus pares, a elite paulista. De acordo com esta interpretação histórica, a primeira partida oficial no país teria

²⁵ Adaptado do *tsu-chu*, manteve o nome apenas traduzido para o japonês (“chutar a bola”).

²⁶ Derivado do verbo *tlachia* (“olhar”), *tlachtli* traduz-se por “espetáculo”.

²⁷ Termo usado até hoje pelos italianos para referir-se ao futebol.

²⁸ A FA é a primeira associação de futebol existente, responsável pela formulação das regras oficiais, que persistem pouco alteradas até a atualidade. *Ibid.*, p. 15.

²⁹ *Ibid.*

³⁰ DAOLIO, 2005.

ocorrido em 14 de abril de 1895.³¹ Miller foi, em conjunto com Oscar Cox³², fundador dos primeiros clubes de futebol na elite brasileira, e por conta disto acaba sendo tão valorizado pela versão oficial da história sobre a inserção do futebol no país. No entanto, existem pesquisas que indicam que, antes da volta de Charles Miller ao Brasil, já havia decorrido alguns jogos de futebol entre marinheiros estrangeiros nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. A igreja também é mencionada como um dos pilares fundamentais para a difusão do esporte ao introduzir o mesmo nas atividades paroquiais, bem como certas ordens religiosas (maristas e jesuítas) que empregaram o jogo também em seus colégios.³³ Referindo-se à tendência em se atribuir protagonistas históricos aos fatos, Franco Júnior afirma que:

estabelecer paternidades quase históricas e datas oficiais não esclarece as relações entre o futebol e a sociedade brasileira. Pelo contrário, suas significações mais profundas residem no processo de apropriação pelos diversos setores sociais que o transformaram num fenômeno de massas.³⁴

A história oficial também aponta o Sport Club Rio Grande, fundado em julho de 1900, como o primeiro clube de futebol a existir no país, e o mesmo permanece em operação até a atualidade. Na época, já havia outros clubes em atuação, mas ainda assim o pioneirismo é atribuído ao clube por ser o primeiro a ser considerado uma escola de futebol por seus fundadores. Em alusão à vanguarda do Sport Club Rio Grande, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD)³⁵ instituiu em 1976 o dia 19 de julho como o Dia Nacional do Futebol.

Da mesma maneira que a maioria dos esportes existentes no Brasil, o futebol se instaurou na sociedade como prática de membros da elite urbana, em sua maioria de origem ou ascendência inglesa. O futebol, em seus primórdios no país, era um “esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo”³⁶. Assim permanece até meados da década de 20, período em que, a partir da formação de times por setores populares da sociedade, começam a ser rompidas estas barreiras sociais construídas e/ou impostas pela elite. As indústrias também passaram a incentivar a participação da classe operária nestas práticas. O início da popularização do futebol é marcado por um “processo de apropriação

³¹ “Sendo sócio do São Paulo Athletic Club, fundado em 1888, e funcionário da São Paulo Railway Company, Miller pôde organizar entre as duas instituições a primeira partida oficial [...]”. FRANCO JUNIOR, op. cit., p. 60.

³² Oscar Cox nasceu no Rio de Janeiro e assim como Charles Miller morou na Inglaterra. Ao voltar para o Brasil foi um dos fundadores do Fluminense Futebol Club, clube do qual também fora goleiro.

³³ MASCARENHAS, 2001.

³⁴ FRANCO JUNIOR, op. cit., p. 62.

³⁵ Organização antecessora à Confederação Brasileira de Futebol (CBF). A CBD, fundada em 1914 era responsável pela organização e fomento de todos os esportes oficializados no Brasil. Somente em 1979, após um decreto da FIFA que afirmava que as entidades nacionais de futebol deveriam ser exclusivamente voltadas a este esporte, a CBD sofre modificações em sua estrutura e passa a ser conhecida como CBF. Atualmente, a entidade máxima dos esportes no país é o Comitê Olímpico Brasileiro (COB).

³⁶ Ibid, p. 61.

pelos diversos setores sociais que o transformaram em um fenômeno de massas”³⁷, o que o identifica como “um dos primeiros exemplos de incorporação desses setores numa sociedade caracterizada pela cidadania restritiva e por marcantes diferenças sociais”³⁸.

Sem equipamentos adequados e jogando com bolas desgastadas e mesmo improvisadas, em terrenos ainda não ocupados pelo processo de urbanização, o futebol dos grupos subalternos tornava-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais.³⁹

Isto posto, pode-se conceber que no Brasil o futebol está atrelado a preceitos e valores sociais gerando uma grande onda de identificação nacional, o que viabiliza ao esporte englobar uma grande parte da sociedade. É um fenômeno social que leva uma farta parcela da população (especialmente a masculina) a algum tipo de participação regular (prática ou torcida) em jogos de futebol espalhados por todo o país. Esta grande incidência se dá inicialmente pela pouca exigência de condições materiais, visto que é comum vermos crianças despertando sua paixão pelo esporte em disputas pelas ruas, às vezes até sem bola – que é facilmente substituída por um limão, uma lata, uma improvisação de bola com uma folha de caderno, dentre muitas possibilidades que a criatividade infantil é capaz de encontrar. Mas esta ocorrência se explica também pelo tratamento dado ao esporte pela mídia⁴⁰, que faz com que além de praticado, o futebol seja também o esporte mais assistido em toda a extensão do país e, por conseguinte, transformado em uma das principais manifestações coletivas brasileiras.⁴¹ Portanto, entender o futebol como um esporte, unicamente, pode servir para ilustrar muitos aspectos de sua definição geral, porém é insuficiente para se buscar a compreensão do que ele significa para a maior parte dos seus adeptos brasileiros.

Stemme defende em seus estudos que o futebol “adquiriu função sócio-psicológica e histórica socialmente tão altamente desenvolvida que o processo não pode mais ser revertido. [...] está integrado na sociedade através de todo o mundo”⁴². Neste sentido, enquanto “esporte de massas”⁴³ culturalmente inserido na sociedade brasileira, ele consiste em um fenômeno que oportuniza uma concreta experiência da vida em coletividade, uma bagagem (com)partilhada por milhares de brasileiros.⁴⁴

³⁷ Ibid, p. 62.

³⁸ Ibid, p. 66.

³⁹ Ibid, p. 64.

⁴⁰ Tanto canais de televisão e rádio que fazem a transmissão das partidas, quanto os jornais que chegam a possuir sessões específicas para tratar sobre o futebol na região, no país e no mundo contam com a grande popularização do esporte que assume, para grande parte do seu público, uma importância superior aos demais assuntos.

⁴¹ SOUZA, 1996.

⁴² STEMME apud SOUZA, op. cit., p. 25.

⁴³ FRANCO JUNIOR, op. cit.

⁴⁴ SOUZA, op. cit.

Dunning, ao dissertar sobre os esportes de modo geral, declara que os mesmos, e sobretudo o futebol, transfiguraram-se em uma

instituição central e muito [...] valorizada, uma instituição que para muitas pessoas parece ter um significado religioso ou quase religioso, na medida em que se tornou uma das principais, senão a principal, fonte de identificação, significado e gratificação das suas vidas.⁴⁵

Fato é que nunca houve outra modalidade esportiva que usufruiu de tanta popularidade no Brasil quanto o futebol.⁴⁶ Popularidade esta que se manifesta com nítido poder de identificação coletiva. Há inclusive, em uma parcela significativa da população, um certo propósito de vida atrelado ao significado do futebol para si, sendo visível também o papel central que ele exerce nas relações políticas e sociais. Neste contexto, é profundamente viável que seja concebido um processo formador de identidades alicerçado no futebol ou, mais pontualmente, no simbolismo do “ser torcedor” no Brasil. Mário Filho argumenta que o futebol há bastante tempo deixou de ser apenas um esporte, passando a ser considerado um evento cultural.⁴⁷ Este é o ponto em que deixa-se de retratar apenas os envolvidos diretamente nas partidas e passa-se a considerar também o espectador. “O tempo do futebol divertimento para o jogador passara. O jogador não ia para o campo se divertir, quem ia para o campo se divertir era o torcedor”.⁴⁸

Mesmo após ter se transformado em um esporte de massas, o futebol continua se modificando historicamente. Uma destas construções, que se percebe fortemente nos dias atuais, é a mercantilização deste esporte que age através da comercialização de jogadores, dos altos preços dos ingressos, da venda de imagem para emissoras e da forte indústria de materiais esportivos. O futebol, através da imagem que se construiu sobre ele, tornou-se a representação de algo que vai além de “paixão nacional”. Hoje ele serve como um grande incentivo para a venda de marcas, de comportamentos e de padrões de vida, transformando os grandes craques da atualidade (Neymar, Messi, Cristiano Ronaldo, etc) em algo maior do que o caráter de atletas, repercutindo-se na grande parcela de crianças brasileiras que sonham em ser como eles. Trata-se de mais um instrumento para a sociedade de consumo em que vivemos. Desta forma, apesar do futebol ser um esporte com, algum tipo de, inserção em todas as classes sociais, a mercantilização do mesmo acabou criando um universo próprio e

⁴⁵ DUNNING. In INELIAS E DUNNING, 1992, p. 299.

⁴⁶ Popularidade que foi fortemente incentivada por uma política que visava desenvolver o sentimento nacionalista no país, sobretudo, durante o período da ditadura civil-militar. Trata-se, inclusive, de uma das principais linhas seguidas por pesquisadores da temática futebolística no Brasil. Apesar de não adentrarmos profundamente neste assunto, é importante ter ciência de que o futebol foi e continua sendo utilizado (sobretudo em períodos de copa do mundo) como instrumento articulador da concepção de “orgulho nacional”.

⁴⁷ FILHO, 2003, p. 112.

⁴⁸ Ibid, 112.

restrito, onde boa parte dos brasileiros, a grande massa de torcedores, participam da sua produção como consumidores do espetáculo ao qual foi elevado.

Pensando então o futebol como evento cultural, conforme defendido por Mário Filho, passa-se a conotar, em maior dimensão, relevância às torcidas, afinal todo espetáculo, independente de seus propósitos, carece de testemunhas para obter sua validação e reconhecimento. Estas testemunhas (os espectadores de futebol), no Brasil, são denominadas por *torcedores*, termo que no dicionário⁴⁹ tem o significado simples de “aquele que torce”. Entretanto, fora dele, seu conceito pode ser potencializado.

O verbo ‘torcer’ significa ‘virar, dobrar, encacarolar, entortar’ etc. O substantivo ‘torcedor’ designa, portanto, a condição daquele que, fazendo foga por um time, torce quase todos os membros, na apaixonada esperança de sua vitória. Com isso reproduz-se muito plasticamente a participação do espectador que ‘co-atua’ motoramente, de forma intensa, como se pudesse contribuir, com sua conduta aflita, para o sucesso de sua equipe, o que ele, enquanto torcida – como massa de fanáticos que berram -, realmente faz.⁵⁰

Assim como Rosenfeld, diversos autores defendem a tese de que os torcedores possuem o poder de participação ativa deste processo. Para Sevcenko, a prática do torcer outorga ao corpo do sujeito a possibilidade de agir enquanto uma “caixa de ressonância reproduzindo e ampliando cada movimento, gesto, esforço, violência ou façanha desempenhada no campo diante de si, de tal maneira que esse efeito de ampliação realizado pelo seu corpo retorne e multiplique as energias dos times no campo”.⁵¹ DaMatta menciona que “a expressão, derivada do verbo torcer, indica a ideia de revirar-se, retorcer-se, volver-se sobre si mesmo, como quem estivesse sendo submetido a um torneio físico ou tortura”⁵². De acordo com Vergona o termo torcer deriva da “ideia de que o sujeito torce e retorce o próprio corpo, como se estivesse sendo torturado por seu time”.⁵³ Já Vogel defende a noção de que “o público, no futebol, é um assistente do jogo. Espectador e participante, suas emoções e sua razão se voltam para a semântica social da disputa”.⁵⁴ O futebol e, especialmente, as torcidas podem ser assimiladas pelo conceito de *comunidades imaginadas*⁵⁵, tanto em nível dos próprios clubes, em regiões, ou mesmo a nível nacional por apresentarem possibilidades de serem percebidas como uma construção cultural, “uma ‘comunidade imaginada’, amarrada a símbolos, rituais e práticas que unem a população em celebrações periódicas com um forte sentido de coletividade”. Seguindo esta lógica, constata-se que as torcidas são *limitadas*: elas

⁴⁹ Dicio, Dicionário Online de Português.

⁵⁰ ROSENFELD, 1993, p. 94.

⁵¹ SEVCENKO, 1994, p. 36.

⁵² DAMATTA, 1982, p. 26.

⁵³ VERGONA, 2002 p. 51.

⁵⁴ VOGEL, 1982, p. 112.

⁵⁵ Conceito elaborado por Benedict Anderson, na obra de mesmo nome publicada em 1983.

encontram seus limites umas nas outras e estes limiares se demarcam como se fossem fronteiras entre os clubes. Desta maneira, é possível perceber que as torcidas acabam sendo correlatas entre si, de tal maneira que a identidade do torcedor com a torcida a que pertence advém das definições que se tem em relação ao outro.

Entende-se as torcidas como imaginadas na tentativa de atribuir sentido àquele torcedor que, apesar de não conhecer e interagir pessoalmente com todos os integrantes da torcida a qual se identifica, é capaz de imaginá-los como partes integrantes de um mesmo grupo. As torcidas são também comunidades, pois apresentam habilidades para ignorar as diferenças que integram o seu interior para engendrar um companheirismo entre seus componentes. Apesar de exalar heterogeneidade em sua formação, sendo integrada por diferentes sujeitos que apresentam profundas diferenças sociais, culturais, econômicas, dentre inúmeras outras oposições, as torcidas são capazes, surpreendentemente, de alcançar uma totalidade única em si mesmas ao mesmo tempo em que salientam suas diferenças perante as outras. Consagra-se assim o estabelecimento do “nós” perante ao “eles”, despertando paixões voltadas ao seu interior e agressividade ao que lhe é divergente.⁵⁶ Dentro deste conceito, enquadram-se não só as torcidas dos grandes clubes nacionais, mas também aquelas que surgem em competições escolares, regionais, municipais, ou seja, qualquer instituição, seja ela amadora ou profissional, que seja capaz de representar esta coletividade supracitada. Pois, de acordo com Murad,

[...] o ato de ‘ser’ um time ou de torcer por ele, ou ainda, de pertencer a uma coletividade esportiva, é um instante necessário e saudável do sentimento de inclusão a uma comunidade e a manifestação simbólica da integração e da participação na dinâmica da sociedade maior.⁵⁷

No íntimo da composição da identidade brasileira, o futebol irrompe enquanto sólido marcador social por desempenhar “um importante papel, como princípio aglutinador do ‘povo brasileiro’ na sua constituição [...]”.⁵⁸ Daolio apresenta o futebol enquanto “uma das principais manifestações culturais brasileiras, constantemente atualizada e ressignificada pelos seus atores”⁵⁹, dando a entender que há uma correlação latente: não só o futebol compõem uma construção identitária, como também ele é susceptível de ressignificações através desta. Ou seja, a identidade criada em torno do “ser torcedor” é compartilhada com outras identidades (raça, classe, origem, etc), e estas tantas heranças culturais acabam influenciando a composição do “torcer” enquanto manifestação. Temos então um dispositivo cultural que

⁵⁶ SOUZA, op. cit.

⁵⁷ MURAD, 1996, p. 71.

⁵⁸ GASTALDO, 2002, p. 92.

⁵⁹ DAOLIO, op. cit., p. 6.

transpassa a concepção da identidade brasileira e se manifesta como expressão dela mesma, de acordo com o conceito foucaultiano de dispositivo enquanto característica multilinear, que produz incessantemente formas de ser sujeito. Foucault diz que o dispositivo está sempre inserido em um jogo de poder, “estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles”.⁶⁰

Para DaMatta, o futebol “seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, **descobrir**”.⁶¹ O autor defende que um dos principais elementos propiciadores do fascínio que ronda este esporte é o fato de que, aos olhos dele, o mesmo representa uma metáfora da vida, visto que é passível de ser encarado como um reflexo da própria sociedade brasileira que, com sua alçada de unir e dividir simultaneamente, permite “sua ‘leitura’ enquanto paradigmas de um combate entre as forças coletivas e impessoais e as vontades individuais que buscam escapar do ciclo da derrota e da pobreza”.⁶² Desta maneira, o futebol se fundamenta como um acontecimento capaz de, concomitantemente, revelar e ocultar valores acerca da sociedade brasileira, atuando assim, de maneira paralela à ela.⁶³

O futebol se estabelece intrinsecamente vinculado à cultura, este fato é perceptível através das representações da mesma que estão perceptíveis no esporte. Este vínculo, no Brasil, faz com que o futebol seja entendido como se fosse parte integrante do “ser brasileiro”. Supostamente, a prática do esporte aqui é procedida de uma maneira diferente do resto do mundo. Isso se justifica pelo “estilo brasileiro” de jogar futebol, encarado muitas vezes como aptidão nata do povo brasileiro, atribuindo a este o status de arte. Este “estilo” foi classificado, sugestivamente, como “*futebol-arte*” e é visto pelos brasileiros, ou sua grande maioria, como paradigma de “ideal”. Gilberto Freyre foi o primeiro dos pesquisadores a defender o “estilo brasileiro” de jogo, iniciando este conceito de “arte” que se espalha por todo o universo futebolístico nacional.⁶⁴ É atribuído ao futebol brasileiro uma identidade própria que o particulariza perante o futebol do restante do mundo, ela é instituída quase como uma característica inerente ao cidadão brasileiro, caracterizando-se como uma marca cultural impressa desde o nascimento do sujeito. De certa maneira, esta autorrepresentação

⁶⁰ FOUCAULT, 1998, p. 246.

⁶¹ DAMATTA, op. cit., p. 21, grifo meu.

⁶² Ibid., p. 27.

⁶³ Ibid.

⁶⁴ BARRETO, 2004.

criada gera um modelo singular não só na prática, mas também nas formas de *pensar e vivenciar* o futebol cotidianamente.⁶⁵

Em um país onde supostamente o esporte se diferencia do resto do mundo, onde a arte de jogar futebol se espalha pelo povo, não parece exagero que passe a ser conhecido pela alcunha de “país do futebol”, apesar de não ter sido o criador do esporte. E foi no ano de 1962, após a seleção nacional sagrar-se campeã por duas copas do mundo consecutivas, que esse título surgiu, ganhando popularidade e se perpetuando com o passar do tempo. Dentro desta lógica, entende-se que o esporte é importado, porém a maneira de praticá-lo não. Pelo contrário, ela é composta por características “inatas”⁶⁶ do povo brasileiro, como a malandragem e a ginga advindas da capoeira, “noções intraduzíveis [...] tidas como marcas originais da formação mestiça”.⁶⁷ Desta maneira, o futebol, apesar de possuir grande apelo internacional, é tratado internamente como um esporte legitimamente brasileiro. Damo defende que “ao invés de repetir o velho chavão de que o Brasil é o País do futebol, seria mais interessante pensar que os brasileiros se expressam por meio dele e, por isso mesmo, tornaram-no uma instituição popular”.⁶⁸ Para o autor “há coisas que só o futebol brasileiro pode fazer: dizer algo sobre nós mesmos. Somos, portanto, o País do **nosso** futebol”⁶⁹. Portanto, falar sobre o futebol brasileiro implica não só em um recorte geográfico, mas efetivamente uma maneira específica de entender, praticar e representar o futebol, um “fenômeno cultural total”⁷⁰.

1.2 Futebol e torcida enquanto território de produção de masculinidades

A conexão entre os gêneros e instituições sociais pode ser percebida nos elos existentes entre esporte (neste caso, o futebol estritamente) e construções de masculinidades. Historicamente, o futebol se constitui enquanto um espaço declarada e deliberadamente masculino, legitimado enquanto palco para construção de um tipo específico de masculinidade. Prevalecem neste território, opiniões de que este seria um esporte que exige exteriorização de virilidade, o que o torna inadequado para indivíduos femininos. Estas características ditas viris também servem para desqualificar masculinidades indesejáveis em prol da construção de um conceito de masculinidade ideal. O futebol, além de retratar

⁶⁵ GIL, 1994, p. 100.

⁶⁶ Existem algumas características que foram construídas socialmente e que historicamente adquirem o status de “inatas” a quem nasce no Brasil.

⁶⁷ WISNIK, 2008, P.182.

⁶⁸ DAMO, 2002, p. 152.

⁶⁹ Idem, p. 152, grifo meu.

⁷⁰ FRANCO JUNIOR, op. cit., p. 13.

concepções vigentes na sociedade, opera como um instrumento pedagógico que defende e propaga maneiras específicas de se portar, tidas neste universo como certas ou erradas.⁷¹ “Na associação entre esporte (futebol) e construções de masculinidade(s), ao aprender a jogar ou a torcer, não se aprende apenas a executar essas práticas da melhor forma possível, e sim se ingressa em um universo repleto de significados. Aprende-se a ser ‘homem de verdade’”.⁷²

É propício enfatizar que as masculinidades se constituem através de construções culturais. Com algumas alterações na célebre e polêmica frase da teórica feminista Simone de Beauvoir, podemos afirmar que não se nasce homem, torna-se.⁷³ Através da cultura é que se constituem sujeitos de gênero: Butler defende que “não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero”.⁷⁴ Esse conceito se ancora como organizador social e cultural que “engloba todos os processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos [...]”⁷⁵, inclui-se aqui também os processos de produção, separação e distinção de corpos, responsáveis por atribuir sexo, gênero e sexualidade a estes. Scott identifica esta oposição entre homem e mulher, entre o masculino e o feminino - imaginados enquanto uma característica universal, absoluta e atemporal - como “vícios do pensamento ocidental”. A autora, no caminho de Foucault, defende a existência de uma relação inerente entre *saber* e *poder*. Desta maneira, entende-se que o gênero está encadeado nestas relações de poder, sendo uma primeira maneira de dar sentido às mesmas. O conceito de gênero compreende uma assimilação sobre as diferenças sexuais, e a hierarquização destas diferenças. A autora não apresenta uma negação da existência de diferenças claras entre os corpos, contudo mira o seu enfoque nas maneiras como se estruturam significados culturais em torno destas diferenças, e como estes significados acabam situando-as dentro de vinculações hierárquicas.⁷⁶ O gênero não deve ser minimizado em perspectivas essencialistas, sejam biológicas ou culturais. Trata-se de uma permanente construção de sujeitos sem um processo de linearidade ou evolução de causa e efeito.

Existe uma pluralidade de masculinidades e feminilidades variantes entre tempos e espaços dentro de uma mesma cultura, e dentro desta pluralidade aprendemos formas adequadas de “exercer” um gênero em cada um destes espaços.⁷⁷ O gênero, portanto, se faz cotidianamente. É uma “complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais

⁷¹ GOELLNER, 2005.

⁷² OLIVEIRA, 2016, p. 61.

⁷³ BEAUVOIR, 1980 apud BANDEIRA, 2010.

⁷⁴ BUTLER, 2012, p. 27.

⁷⁵ MEYER, 2012, p. 51.

⁷⁶ SCOTT, 1995.

⁷⁷ BANDEIRA, op. cit.

plenamente exibida em qualquer conjuntura”.⁷⁸ Butler defende que “não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída”.⁷⁹

Também, segundo a autora

As instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou ressignificação.⁸⁰

A filósofa pressupõe a existência de uma frequente desnaturalização e forte mobilização das categorias de gênero “masculino” e “feminino”. A unidade que se manifesta neste binarismo de gênero alicerçada nos dois referidos “sexos biológicos”⁸¹ é decorrente de uma ação reguladora no intuito de regulamentação e uniformização de uma identidade de gênero que posiciona a heterossexualidade como pilar central.

quando o status constituído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino.⁸²

O conceito de gênero se aprimora ao ser ponderado concomitantemente a outros atravessamentos identitários: classe social, raça, etnia, nacionalidade, geração e, sobretudo, sexualidade. Segundo Foucault, por sexualidade entende-se o nome que pode ser dado a um dispositivo histórico, em que, através de subterfúgios de poder e saber, encadeiam-se a estimulação dos corpos, o fomento ao discurso, a intensificação dos prazeres, a construção dos conhecimentos e o reforço das resistências e dos controles.⁸³ É uma questão individual, mas para além disto, se estabelece em um espaço social, entra em disputa cultural e se conecta com as percepções de usos e prazeres corporais. Dentro da nossa cultura a sexualidade é um componente necessário para a construção da identidade. Ela é intrínseca aos sujeitos, não é algo que se possa despir quando bem entender.⁸⁴

Kimmel proclama a existência de múltiplas masculinidades, fato que incorpora na sociedade diferentes concepções do que é ser homem. Dentro deste contexto de multiplicidade, se instaura uma espécie de padronização de práticas que possibilitam uma

⁷⁸ BUTLER, op. cit., p. 37.

⁷⁹ Ibid., p. 48.

⁸⁰ Ibid., p. 18.

⁸¹ De acordo com Butler, não devemos interpretar o gênero simplesmente como inserção cultural de significado em um sexo previamente dado. Ele precisa abranger também o mecanismo pelo qual estes sexos se instituem. Desta maneira, evidencia-se que o gênero “não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura”. Ibid., p. 25.

⁸² Ibid., p. 25.

⁸³ FOUCAULT, 2013.

⁸⁴ LOURO, 2004.

determinada hierarquização. Dentro desta cadeia hierárquica, um modelo de masculinidade ocupa o topo: a hegemônica (branca, heterossexual e dominante).

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico [...]. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela.⁸⁵

A masculinidade hegemônica representa a “estrutura de poder das relações sexuais, buscando excluir qualquer variação de comportamento masculino que não se adeque a seus preceitos”⁸⁶. Esta estrutura infere “um processo de luta contínuo que envolve mobilização, marginalização, contestação, resistência e subordinação das modalidades de ser masculino não sancionadas pela matriz hegemônica”.⁸⁷ Não há, portanto, uma masculinidade enquanto entidade fixa, integrada ao corpo, ou mesmo às características de personalidade do sujeito. As masculinidades se ajustam através de práticas sociais e construções culturais, podendo assim “se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular”⁸⁸. Bandeira argumenta que a investigação de masculinidades em contextos culturais específico estabelece uma tentativa de ratificar a inexistência de uma masculinidade única.⁸⁹

Almeida indica que o ideal de masculinidade se estabelece através de alteridades (principalmente sexual: hetero/homo) e escala hierárquica (onde em menor grau está o mais próximo da feminilidade enquanto a maior posição é ocupada pelo mais “masculino”), apresentando assim paradigmas hegemônicos e nuances subordináveis. Através disto, o autor aponta que “a masculinidade não é a mera formulação cultural de um dado natural; e [...] a sua definição, aquisição e manutenção constitui um processo social frágil, vigiado, auto-vigiado e disputado”.⁹⁰

O futebol é entendido na sociedade quase como um rito de passagem, um método de iniciação do pertencimento ao masculino que serve como forma de acesso à virilidade adulta. Desde a infância, em meio à divisão sexista entre brincadeiras propícias a meninos e meninas, os meninos começam a ser socializados no eixo do campo de futebol como uma das formas de ensinamento do que é tido como “coisa de homem”.⁹¹ “É nas brincadeiras infantis de

⁸⁵ CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245.

⁸⁶ CARRIGAN, CONNELL & LEE apud OLIVEIRA, 1998, p. 14.

⁸⁷ Ibid, p. 14

⁸⁸ CONNELL e MESSERSCHMIDT, op. cit, p. 250.

⁸⁹ BANDEIRA, op. cit.

⁹⁰ ALMEIDA, 1996, p. 163

⁹¹ Em um de seus ensaios sobre questões ligadas ao cotidiano da sociedade contemporânea, ao tratar sobre o futebol, Umberto Eco corrobora a frequência desta prática ao afirmar que “o futebol está para o adulto masculino como o jogo de mamãe para as meninas: um jogo pedagógico que ensina a manter seu próprio lugar”. ECO, Umberto. Viagem na Irrealidade Cotidiana. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p.231.

‘pelada’, relatadas por todos, que o menino é socializado no futebol”.⁹² Esta conjuntura atrela dois pontos – a naturalização da heterossexualidade e a educação moral – da construção culturalmente ideal de masculinidade em uma única socialização, o território futebolístico. E é dentro desta socialização que os sujeitos são ensinados, através de um pertencimento clubístico, a seguir modelos de práticas, valores, e atitudes adequadas ao *ser* masculino e ao *exercer* esta masculinidade nos estádios de futebol ou através destes. É indispensável que se saliente que esta masculinidade tida como ideal e exercida neste contexto cultural apresenta características específicas: ela se qualifica, sobretudo, enquanto uma masculinidade machista e homofóbica.

“O jogo de futebol é “um jogo para homens” [...] os valores dramatizados são, em princípio, os valores do mundo masculino. [...] A macheza é atributo essencial da personalidade masculina entre nós. O medo de enfrentar um desafio, equivale por causa disso, a quebra da honra”.⁹³

O *torcer* no futebol brasileiro constitui uma experiência questionável a respeito da natureza explícita desta manifestação do sentimento de pertencimento clubístico através de condutas másculas e viris que o esporte e, principalmente, seus agentes formadores requerem. No percurso de aprendizado, tanto do jogador de futebol quanto do torcedor, além de receber lições de como desempenhar estas atividades com excelência, estes sujeitos são introduzidos em uma instituição carregada de símbolos e signos, e lhes é exigido “competências necessárias [...] [que] são elas próprias produzidas pelo campo do futebol de espetáculo”⁹⁴. Pertencer a este espaço reflete na necessidade de atravessar uma série de pedagogias. É essencial que se aprenda quando e o que sentir, gritar, cantar, calar, esbravejar, e assim por diante. “A prática e a contemplação esportiva podem ser consideradas atos educativos, sejam eles atinentes ao domínio das técnicas corporais, das sensibilidades estéticas ou dos controles/descontroles emocionais”.⁹⁵ Connell explicita que “a produção da masculinidade no mundo desportivo se caracteriza por uma estrutura institucional competitiva e hierárquica”.⁹⁶

As masculinidades estimadas dentro dos estádios estão condicionadas à presença de ingredientes específicos: coragem e virilidade, principalmente. A existência destes é necessária por apresentar-se enquanto elemento comum de representação de masculinidades esportivas e heroicas.⁹⁷ Esta conexão entre coragem, virilidade, afetividade e composição fundamentalmente masculina é a motivação para que as torcidas incitem uma disputa acerca

⁹² GUEDES, 1982, p. 64.

⁹³ VOGEL, op. cit., p. 98.

⁹⁴ DAMO, 2005, p. 56

⁹⁵ Idem, p. 43-44.

⁹⁶ CONNELL, 2003, p. 59, tradução minha.

⁹⁷ BANDEIRA, 2009.

de valores mais ou menos masculinos, afinal “a virtude mais importante para um verdadeiro homem é defender seu valor diante de outros homens”.⁹⁸ Portanto, dado as exigências do ambiente para com seus frequentadores, pode-se perceber que tanto mulheres, quanto homossexuais que possam interessar-se pelas práticas do torcer nos estádios, acabam sendo excluídos deste pertencimento clubístico, por conta das características que lhe são atribuídas.

As torcidas como um todo podem ser entendidas através do conceito de Comportamento de Massas.⁹⁹ Elas se constituem e ganham força através de uma soma de atitudes individuais de sujeitos que apesar de não possuírem contato direto e, menos ainda, contínuo, voltam-se para uma mesma rota, abandonando, neste contexto, o seu individualismo para conceberem uma “alma de massa”. Os torcedores, quando inseridos nos estádios, apresentam uma conduta não natural. Estes sujeitos são apoderados por múltiplas técnicas e práticas que lhes auxiliam a internalizar quais são as atitudes, expressões e até mesmo as emoções culturalmente convenientes neste ambiente. Manifestar publicamente as emoções é parte de um processo fisiológico, psicológico, mas também cultural. Estas manifestações adentram em uma conjuntura simbólica que estabelece fronteiras que cerceiam os comportamentos lícitos traçando uma linha a ser seguida por aqueles que buscam aceitação dentro destas coletividades identitárias.

Conforme Dunning, a própria prática do jogo apresenta-se enquanto “representação de um confronto que se baseia, no fundamental, na expressão da masculinidade, embora de uma forma que é aprovada e controlada socialmente”.¹⁰⁰ Deveras, o futebol expõe uma exteriorização violenta e imponente das características da masculinidade hegemônica. Ele, assim como algumas outras modalidades esportivas, possui uma pilastra central: o consentimento social em torno de manifestações ritualizadas de agressividades físicas e/ou verbais. Através de atributos de competição, violência e combate, aspectos culturalmente interligados a um ideal de masculinidade, o futebol se estabelece enquanto espaço de construção de masculinidades específicas.¹⁰¹ Nestas masculinidades em questão, seguindo a direção das construções sociais tradicionais, a virilidade é a característica central e serve como base para classificar os homens em uma hierarquia, pois segundo Cecchetto, “virilidade, proezas e outros atributos másculos demarcam um dos maiores eixos através do qual os

⁹⁸ ARCHETTI, 2003, p. 210, tradução minha.

⁹⁹ Conceito desenvolvido por Gustave Le Bon, na obra *Psicologia das Massas* (*Psychologie des Foules*, no original) em 1895.

¹⁰⁰ DUNNING. In ELIAS e DUNNING, op. cit., p. 142.

¹⁰¹ CECCHETTO, 2004.

homens se situam e classificam outros homens”¹⁰². Dentro dos estádios prevalece “uma estética da honra, da alteridade e da masculinidade”¹⁰³. Este esporte, através do tempo, tornou-se uma manifestação cultural dos preceitos masculinos tradicionais, convertendo o apreço por ele em uma das principais experiências de validação da masculinidade dos sujeitos.¹⁰⁴

Através desta lógica, se relativiza, na imensa maioria das vezes, a participação das mulheres neste ambiente – dentro de campo, ou mesmo nas arquibancadas – através da sua orientação sexual, que lhes deixaria à margem desta virilidade requerida. Assim como a sexualidade dos homens jogadores de futebol precisa ser afirmada enquanto heterossexual, a das atletas mulheres é questionada, ou pejorativamente suposta homossexual. O ingrediente da masculinidade continua sendo essencial, mesmo no futebol feminino. Por conta desta masculinização, é que são comuns expressões como “esta joga como homem”, ou a alcunha que se atribui à jogadora Marta, “o Pelé de saia”. Assim como também é comum a diferenciação das mulheres torcedoras em dois eixos: as “masculinizadas” que, portanto, entendem minimamente o esporte; e aquelas que exalam feminilidades e, conseqüentemente, não entendem nem gostam de futebol, mas frequentam seus espaços em busca de parceiros amorosos e/ou sexuais, à estas frequentemente é direcionada a alcunha de “maria chuteira”.

O mundo dos esportes depende da estigmatização, tanto dos homens que se afastam dos caminhos da virilidade tradicional quanto das mulheres que dele se aproximam, associando num mesmo movimento, sexismo e homofobia. Se por um lado a presença de sapatas no esporte também desperta o mesmo pânico moral desencadeado pelas bichas, por outro a pressuposição de que, enquanto lésbicas, seriam também masculinizadas e viris, às tornaria mais aptas às práticas esportivas demandantes de virilidade.¹⁰⁵

Entendendo o futebol enquanto fenômeno cultural detentor de um forte poder simbólico¹⁰⁶, é possível que se conclua que ele tem se afirmado enquanto território de validação da masculinidade hegemônica e, conseqüentemente, salvaguarda de símbolos, comportamentos e valores tradicionais desta masculinidade específica. A produção de masculinidades no contexto dos estádios repercute seus efeitos não só nos indivíduos envolvidos diretamente com o futebol, mas para muito além disto: seus reflexos são externalizados para uma conjuntura mais ampla, penetrando a sociedade brasileira.

¹⁰² Ibid., p. 79.

¹⁰³ DAMO, op. cit., p. 104.

¹⁰⁴ DUNNING e MAGUIRRE, 1997.

¹⁰⁵ LIOTARD, 2003 apud SILVA JUNIOR, 2016, p. 15.

¹⁰⁶ DAOLIO, 2000.

1.3 A homossexualidade enquanto sujeito oculto nos estádios

Foucault, ao longo da obra *História da Sexualidade I – A vontade de Saber*¹⁰⁷, nega a *hipótese repressiva* da sexualidade, considerando-a como um dispositivo que carece de visibilidade para que seja assegurada uma hierarquização das condutas. Nossas vidas, e a determinação das maneiras que a vivemos, são ditadas por relações de poder. Este poder é estabelecido como uma espécie de normativa que atua sobre a sexualidade.¹⁰⁸ Logo, se corrobora a subdivisão na construção objetiva das subjetividades defendida por Vaneigem: “o seu reconhecimento [da subjetividade] oficial é conquistado pelo preço da sua subdivisão em elementos que são hierarquizados e homologados segundo as normas do poder. O subjetivo adquire as formas objetivas dos estereótipos por meio da identificação”.¹⁰⁹ Essa hierarquização age como instrumento instaurador de uma noção maniqueísta de lícito e ilícito, normal e anormal. Dentro deste dualismo, há uma “lei sexual” que regimenta o sexo, e é daí que irrompem os efeitos de marginalização das sexualidades em determinados contextos. Elas existem, todavia ocultam-se se os espaços vigentes não são aqueles que lhes são destinados. Portanto a sexualidade não é reprimida, mas é, muitas vezes, interdita através da inexistência, da não manifestação, da ocultação.

Foucault, acerca das relações de poder, não acredita na inconsciência. Ele defende que estas relações estão profundamente interligadas e determinam, através de ações e reações, uma multiplicidade de enquadramentos.

[...] as relações de poder são, ao mesmo tempo, intencionais e não subjetivas. Se, de fato, são inteligíveis, não é porque sejam efeito, em termos de causalidade, de uma outra instância que as explique, mas porque atravessadas de fora a fora por um cálculo: não há poder que se exerça sem uma série de miras e objetivos. Mas isso não quer dizer que resulte da escolha ou da decisão de um sujeito, individualmente.¹¹⁰

Indo um pouco adiante da questão da sexualidade por si só, no território do futebol há um debate com fortes argumentações a respeito de uma moral, ou melhor, *a moral*. Foucault justifica a diferenciação entre atos e códigos morais argumentando que os atos apresentam-se como representação dos códigos.¹¹¹ Neste sentido, entende-se que o código moral não se estabelece enquanto sentença do que deve ser feito. Ocorre o oposto disto: a norma deliberada é o conteúdo dos desvios. Neste espaço, especificamente, o código moral designa, além de uma masculinidade singular, o desvio do masculino. Nos estádios estabelece-se um processo

¹⁰⁷ FOUCAULT, op. cit.

¹⁰⁸ Ibid.

¹⁰⁹ VANEIGEM, 2016, p. 94.

¹¹⁰ FOUCAULT, op. cit., p. 105.

¹¹¹ Ibid.

invisibilizador sobre condutas homossexuais. Este processo é comumente vigente na sociedade como um todo, entretanto é intensificado neste recinto tido como, estritamente, masculino. Laclau argumenta que as homossexualidades aparecem como possibilidade de normalização simbólica, tendo em vista que o seu estabelecimento enquanto distinção de classe outorga uma comparação de exclusão.¹¹² Através e por conta deste discurso de exclusão que a homossexualidade revela-se e esconde-se concomitantemente no meio futebolístico. O futebol é apresentado enquanto “coisa de homem (macho)” não somente por conta do sujeito masculino que está inserido dentro dele, mas sobretudo porque as características deste mesmo sujeito estão enraizadas neste espaço. O sujeito é composto de vazios que precisam ser preenchidos com certas especificidades.¹¹³ O homossexual é entendido como o não heterossexual, isto é, tudo aquilo que diz respeito ao não ser deste último. Neste contexto, ele não apresenta um sentido em si mesmo, mas em ser contrário ao que é socialmente desejável. Deste modo, esta sexualidade censurada é a mesma que deve estar, inevitavelmente fixada em uma esfera oculta das reproduções públicas. Organiza-se como um jogo político que impõe limites sobre a aparência pública dos sujeitos.¹¹⁴ Ser homossexual e exercer esta sexualidade é, sobretudo, reproduzir em público aquilo tudo que está, social e culturalmente, resguardado ao ambiente privado.

O homossexual [...] torna-se um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida, também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente as todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo, uma vez que é um segredo que se trai sempre.¹¹⁵

Em nossa sociedade, atitudes relacionadas a demonstrações de afeto são culturalmente entendidas como condição de feminilidade. Fato que, em nossa cultura machista e homofóbica, faz com que este comportamento seja recusado por homens que busquem afirmação de masculinidade, com receio de serem taxados de homossexuais. Apesar disto, dentro dos estádios, demonstrações de amor ao clube são entendidas como “coisa de homem”, e, neste cenário, alguns afetos são legítimos: “É pelo futebol que o homem chora, sem nenhuma vergonha, pelas conquistas e derrotas do time”.¹¹⁶ Este é um dos poucos recintos que possibilitam uma composição de “comunidades afetivas masculinas”¹¹⁷. É neste mesmo

¹¹² LACLAU, 2005.

¹¹³ FOUCAULT, op. cit.

¹¹⁴ PRADO e MACHADO, 2008.

¹¹⁵ FOUCAULT, op. cit., p.42.

¹¹⁶ MORATO, 2005, p. 75.

¹¹⁷ BANDEIRA e SEFFNER, 2013.

ambiente onde, como já mencionado anteriormente, se propaga virilidade e se expressam violências físicas e verbais, que também se revelam afetos, cantos e abraços em seus iguais, o que poderia significar uma mancha nesta masculinidade hegemônica tão almejada. No entanto, essa permissividade é limitada. Expressar afeto a outro homem, quando não como uma maneira de homenagear o seu time, revelando subjetividades que não pertencem à “alma de massa” da torcida é uma atitude vigorosamente hostilizada e rechaçada.

Talvez resida justamente nessas pequenas transgressões da masculinidade hegemônica a necessidade urgente de se reforçar a condição de heterossexuais e homofóbicos. Em alguma medida, essa condição constantemente reforçada permite uma maior “garantia” em relação aos comportamentos. A identidade sexual precisa estar resolvida para que as, eventuais, práticas não normativas não atravessem as construções dessas identidades.¹¹⁸

Em relação a esta situação, Damo define o universo futebolístico enquanto um processo de homosociabilidade masculina “tão intensa e carregada de afetividade que a condição de heterossexuais dominadores tem de ser afirmada e reafirmada, a caminho e depois dentro do estádio; uma modalidade de afirmação dada pelo ângulo de aversão aos outros”¹¹⁹, desenvolvendo assim, mecanismos censuradores de homossexualidade, posta neste ambiente como antagonista da masculinidade. Por conta disto, é habitual que os torcedores exaltem as suas personificações de masculinidade (hegemônica), em detrimento de uma suposta ausência de virilidade e, frequentemente, uma feminilização dos seus oponentes, resultando assim em uma produção da masculinidade através da negação da homossexualidade, e/ou atribuição desta ao outro.

Percebe-se que existe uma divisão explícita entre duas representações de masculinidades dentro dos estádios: a “nossa” que diz respeito a uma masculinidade desejável, a hegemônica; e a “deles” – uma masculinidade subalterna. O processo de consolidação e afirmação de uma identidade masculina enquanto “nossa” torcida, como já citado, é diretamente oposto à concepção da masculinidade atribuída à torcida e aos jogadores rivais. Há uma lógica binária que dita que atribuir uma masculinidade inconveniente ao opositor é necessário para a garantia da pertinência da sua. É esta lógica heteronormativa que veta qualquer valorização de identidades homossexuais nos estádios. Cada uma destas comunidades de torcedores preza por celebrar a sua masculinidade e ostentá-la como um troféu. É através deste reconhecimento de “macho” que estes sujeitos se posicionam, tanto dentro dos estádios, em comparação a seus adversários, quanto perante a sociedade. Ao observar esta conduta enquanto manifestação coletiva da torcida, pode-se perceber que as

¹¹⁸ Ibid., p. 269.

¹¹⁹ DAMO, op. cit., p. 395.

referências às torcidas e jogadores rivais são sempre expostas de maneira que inferiorize estes seres. Geralmente, esta inferioridade é conectada a comportamentos sexuais desviantes, tidos como subversivos, reiterando a concepção de que os outros por supostamente serem “bichas”, “veados”, “putos”, “moças”, etc., estão muitos degraus abaixo de si na hierarquia de masculinidade. Esta noção se expõe principalmente através dos famosos cantos entoados pelos torcedores com o intuito de, por vezes declarar seu amor ao time e por vezes insultar o rival. Os gremistas são frequentemente chamados de “gazelas”, por conta de exibir homossexuais assumidos em seu histórico de torcidas organizadas, o que leva os torcedores do time rival a ampliar a homossexualidade para o clube como um todo. Em resposta à conotação pejorativa, estes denominam os torcedores do Internacional de “coloridos”, fazendo um trocadilho de sua nomenclatura com a coloração da bandeira LGBT. Estas agressividades servem como ferramenta para situar o outro em um espaço ausente de masculinidade.¹²⁰ Essa explosão de condutas homofóbicas é naturalizada dentro desta conjuntura futebolística e, por conta disso, não são, muitas vezes, percebidas pelos sujeitos que ali estão como componentes desta grande massa que é a torcida a que pertencem.

Levando tudo isso em consideração, pode-se perceber uma precaução muito grande a respeito do nível de intimidade aceitável nas relações estabelecidas entre homens dentro deste processo de construção de masculinidade. As expressões homofóbicas servem como método de distanciamento destas intimidades: “A homofobia funciona como mais um importante obstáculo à expressão de intimidade entre homens. É preciso ser cauteloso e manter a camaradagem dentro de seus limites, empregando apenas gestos e comportamentos autorizados para o ‘macho’”.¹²¹ Portanto para poder ter sua identificação com o grupo aceita é preciso que o sujeito reconheça o marco limite desta intimidade e não ouse transpô-lo.

Parece necessário exorcizar, de algum modo, qualquer sugestão ou indício de atração por alguém do mesmo sexo. A suspeita desse desejo entre meninos e homens é especialmente assustadora. A masculinidade hegemônica constrói-se não apenas em contraposição à feminilidade, mas também em oposição a outras formas de masculinidade. Tornar-se masculino pode implicar na combinação de uma heterossexualidade compulsória associada à homofobia e à misoginia. Os corpos dos garotos devem proclamar sua rejeição a qualquer traço de homossexualidade. Seus corpos também não podem sugerir nada de feminino.¹²²

Esta multiplicidade de maneiras de expressar machismos e homofobias nos estádios se encaixa no conceito de *violência simbólica*¹²³. E é esta violência que se impõe enquanto

¹²⁰ SOUZA, 1996.

¹²¹ LOURO, 2000, p. 19.

¹²² Ibid., p. 70.

¹²³ O conceito de violência simbólica, criado por Pierre Bourdieu, descreve o processo utilizado pela classe dominante para impor seu modo de pensar perante a sociedade. O autor evidencia que este processo não se restringe ao domínio econômico, há também o cultural e o intelectual: “A violência simbólica consiste em uma

ferramenta de inibição de viabilidade de que os jogadores manifestem, ou - ainda pior - assumam, afetividades ou sexualidades divergentes do parâmetro de masculinidade viril esperado dele. A eficácia deste instrumento inibidor é tamanha que, apesar do futebol masculino ser o esporte mais popular no país, não encontram-se registros de que algum jogador profissional seja assumidamente homossexual. Ainda assim, mesmo sem haver declaração de homossexualidade, seguidamente surgem casos de jogadores com suas carreiras afetadas por atitudes ou suspeitas que os tachem como homossexuais.

Talvez o caso mais conhecido seja o de Richarlyson¹²⁴, apesar de declarar-se como heterossexual sofria perseguição da própria torcida do São Paulo que o ameaçava apenas por aparentar homossexualidade e, ao cantar o nome dos jogadores no início da partida ignorava o do suposto gay que os envergonhava. O caso se popularizou ainda mais em 2007 quando, após uma insinuação em rede nacional feita por José Cyrillo Jr., um dos diretores do Palmeiras na época, o jogador apresentou uma queixa-crime de difamação polemicamente rejeitada judicialmente.¹²⁵ Richarlyson continua sendo considerado homossexual em todos os clubes que passa. Outro fato, em 2013, é o do jogador Emerson Sheik do Corinthians que postou uma foto nas suas redes sociais dando um “selinho” em um amigo em comemoração à vitória em campo. O jogador, que até então era ídolo da torcida corintiana, vira alvo de protestos e ameaças. Com dizeres de “aqui é lugar de homem”, “vai beijar a pqp” e “viado não”, membros da torcida organizada pressionam o jogador por um pedido de desculpas, e a diretoria para manifestar-se em repúdio à atitude de Sheik. Houve também, em 2017, a demissão de três jogadores do Sport Clube Gaúcho pelo vazamento de vídeo em que estes foram filmados em uma masturbação coletiva. A diretoria do clube afirmou que a demissão não foi homofóbica, ela se justifica por indisciplina, já que é proibida a divulgação de imagens relacionadas ao clube sem autorização da diretoria, embora o presidente do clube tenha demonstrado perturbação quanto à possível rejeição da torcida ao fato e a reação da mesma com os jogadores em questão.

O caso do Richarlyson, por alcançar teor jurídico e, principalmente, pela justificativa carregada de preconceitos do juiz Manoel Maximiliano Junqueira Filho ao arquivar o seu processo demonstra a força que tem a violência simbólica dentro do futebol, sendo capaz de

violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la”. (1997, p. 22)

¹²⁴ Richarlyson iniciou sua carreira no São Paulo e hoje, aos 35 anos joga pelo Cianorte e disputa a série D do campeonato nacional.

¹²⁵ O caso ocorreu no programa Debate Bola, apresentado por Milton Neves na Rede Record, e pode servir como exemplo de como este comportamento machista e homofóbico no ambiente futebolístico excede a demarcação dos estádios, atingindo também os editoriais e programas esportivos dos veículos de comunicação.

manter este padrão de masculinidade hegemônica como regra. Ao sugerir que se o atleta “fosse homossexual, poderia admiti-lo, ou até omitir, ou silenciar a respeito. Nesta hipótese, porém, melhor seria que **abandonasse os gramados**”. O juiz constrói a argumentação de que o “futebol é jogo viril, varonil, **não homossexual**”. Sugere ainda, já que é visível o interesse pelo futebol em todos os gêneros e sexualidades que se construa uma distinção, “não que um homossexual não possa jogar bola. Pois que jogue, querendo. **Mas forme seu time e inicie uma Federação**”. Só assim seria possível que se concebesse um futebol jogado por homossexuais, afinal “o que não se mostra razoável é a aceitação de homossexuais no futebol brasileiro, porque **prejudicariam** a uniformidade de pensamento da equipe, o entrosamento, o equilíbrio, o ideal...”. O magistrado demonstra que também atribui a sexualidade de Richarlyson pelo que aparenta ao alegar que “estas infelizes colocações exigem réplica imediata [...] diretamente entre o ofensor e o ofendido” e se Richarlyson fosse mesmo “homem” o faria, no que ele chama de “Tête-a-Tête” ao invés de levar o caso à Justiça dando assim uma “dimensão exagerada a um **fato insignificante**”. O juiz utiliza-se também da violência simbólica como forma de difusão de um não pertencimento de sujeitos homossexuais neste território “masculino”, ele *essencializa* uma inaptidão natural que os torna incapazes de conquistar os conhecimentos necessários para participar deste universo. Esta argumentação judicial serve para exemplificar o quanto esta construção de uma masculinidade hegemônica no futebol transpõe as barreiras dos estádios, atingindo a sociedade em geral.¹²⁶

Dentro deste cenário, o torcer determina à torcida, e aos seus ambientes restritos à reprodução de virilidade, uma *construção de significados* desta prática. Entretanto, “diferentemente deste primeiro, da possibilidade de uma gestualidade retorcida e de um torcer aviadado, afetado, trejeitado, emerge um novo tipo de torcedor com seu jeito insinuantemente torto de torcer: um **retorcer**”.¹²⁷ Surgem (ou tentam surgir) repetidamente desde a década de 1970, até os dias atuais, torcidas organizadas com base no intento de desordenar esta concepção de que um único modelo padrão de masculinidade possui legitimidade de pertencer a este local. A Coligay surge no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, em 10 de abril de 1977, como a primeira e também a mais consolidada torcida homossexual no Brasil chegando a durar por seis anos, influenciando o aparecimento de outros grupos congêneres. Mais recentemente, em 2013, a Galo Queer (do Atlético Mineiro) pioneiriza o movimento de torcidas LGBT e/ou anti-homofobia através das redes sociais, seguida por diversas outras

¹²⁶ Conclusão do processo nº 936/07 em anexo, grifos meus.

¹²⁷ SILVA JUNIOR, op. cit., p. 10, grifo meu.

torcidas de clubes do país. Entretanto, estas torcidas se articulam através da internet, sem conseguir ocupar efetivamente seu espaço nos estádios por conta de ameaças.

A emergência deste “torcer gay” deturpa este recinto de virilidade, entendido como uma intromissão ilegítima de um território que não lhe diz respeito. A presença dele é incômoda por ser dissonante da figura construída, através da masculinidade hegemônica, como ideal daqueles que compõem a torcida. Se este indivíduo torce para o mesmo time que a “nossa” torcida, ele rompe com a lógica de atribuir a imagem dele ao outro, e por conta disso, ele é ainda mais indesejável. Ele não é bem-vindo no estádio, menos ainda, ao “nosso” lado. Por conta desta aversão é que, através de questões históricas e socioculturais, a viabilidade de participação destes sujeitos enquanto praticantes e/ou espectadores no futebol se cria através de uma exigência de *resistência* ao contrapor a norma culturalmente vigente neste espaço.

Este capítulo buscou evidenciar que o futebol, apesar de ter raízes europeias, é um esporte construído culturalmente no país enquanto paixão nacional, parte integrante do “ser brasileiro”. O futebol apresenta, através deste dispositivo cultural, uma correlação com a sociedade, refletindo-a nos seus espaços enquanto, concomitantemente, repercute para ela os seus simbolismos. Ressalta-se o seu caráter machista, misógeno e homofóbico que projeta um arquétipo ideal de sujeito apto a frequentar este espaço baseado em uma masculinidade hegemônica. Neste ambiente, em defesa de sua imagem de “macho”, os torcedores passam a atribuir ao outro a homossexualidade – entendida como ausência de masculinidade – como uma maneira de inferiorizá-lo e, conseqüentemente, elevar a si mesmo e seus pares a um nível superior. Revela-se assim um contexto de violência simbólica dentro dos estádios, destinado aos sujeitos que não se encaixam nos seus padrões. E neste recinto, marcado pela ressonância de virilidade, passa a emergir (ainda que, em geral, não consigam se firmar nos estádios, por conta da opressão e violência que se voltam contra elas) um “torcer gay”, através de grupos que se assumem homossexuais, e/ou defendem uma pauta anti-homofobia, rompendo com a lógica cultural que impõe o homem heterossexual como sujeito-único no universo futebolístico. Por conta disso, a presença deste “novo” jeito de torcer se incide como uma maneira de resistência desenvolvida por sujeitos postos à margem em mais um âmbito da sociedade. Para entender este fenômeno, este trabalho propõe-se a analisar a Coligay, pioneira dentre este “torcer gay”.

2. OS HOMOSSEXUAIS EM MEIO À DITADURA: UM COTIDIANO DE (R)EXISTÊNCIAS

*Enfim, o convencimento, a segurança, a certeza para a definição da personalidade estabelecida, do caráter, da moral e do que ela era: Homossexual!*¹²⁸

Neste capítulo pretende-se analisar o contexto em que a Coligay, enquanto objeto de análise desta pesquisa, e a parcela da sociedade na qual ela se insere estão situadas. Para abranger as questões que integram esta rede de ações e reações, o capítulo se divide em quatro subcapítulos. O primeiro dará o embasamento do momento político que decorre no país, as estratégias utilizadas pelo Estado e pela oposição, a política de distensão de Ernesto Geisel e os primeiros passos de João Figueiredo rumo aos primórdios de uma futura abertura política. Já o segundo subcapítulo irá expor que não só o Estado, mas também parte das esquerdas, bem como a sociedade civil em geral situam as homossexualidades¹²⁹ em uma condição de marginalidade. O item seguinte adentrará nesta marginalidade ao explicar que as violências, perseguições e torturas cometidas durante a ditadura civil-militar ultrapassam as esferas políticas, atingindo outras esferas. Neste espaço busco evidenciar uma ditadura de âmbito machista, homofóbico e heteronormativo que atua por vezes de forma homogeneizadora, ao agrupar todos estes sujeitos em um mesmo grupo de “opositores ao regime”, e noutras de maneira segmentadora, ao incutir nuances nas perseguições, repressões e outras formas de violências direcionadas e específicas a gays, lésbicas e travestis. O último subcapítulo se volta para as diversas formas de resistência concebidas por estes grupos marginalizados culminando no surgimento de um movimento homossexual que inicia uma luta por direitos LGBT’s existente, e necessária, até os dias atuais.

¹²⁸ Cassandra Rios, em “Mutreta”.

¹²⁹ Utilizarei neste capítulo os termos *homossexuais* e *homossexualidades*, sempre no plural. É importante dizer que na atualidade utiliza-se majoritariamente a sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) para se referir às sexualidades dissidentes (sigla que já não abarca mais toda a diversidade sexual e de gênero existente nos dias atuais e vem sendo constantemente modificada), e que o termo homossexualidades não inclui travestis e transexuais. Vale dizer também que, nestes sujeitos, a diversidade se faz presente através da identidade de gênero e não à orientação sexual, como é o caso da homossexualidade. É bem provável, inclusive, que travestis e transexuais foram o alvo mais perseguido no período, uma vez que as suas diferenças quanto ao gênero hegemônico estavam muito mais explícitas, e não eram passíveis de serem ocultadas. No entanto, opto por ater-me à historicidade do conceito de homossexualidade. Na época estudada, o senso comum, apesar de já diferenciar de certas maneiras, destinava todos os sujeitos que apresentassem sexualidades que não se enquadravam nos padrões hegemônicos sociais a um mesmo grupo. Ainda não havia se chegado ao entendimento de que as questões de identidade de gênero não se enquadravam no conceito de homossexualidade, esta discussão só viria à tona nos anos 1990. Portanto, mantendo o cuidado de não cometer anacronismos, mas considerando a ausência de diferenciação entre identidades de gênero e orientações sexuais, entendo que utilizar a expressão da época no plural possa ser uma forma de representar as diferentes formas de “homossexualidades” existentes dentro do termo.

2.1 Política de distensão: Período de contradição

De acordo com Alves, “não existe no Brasil um processo de “transição para a democracia”, mas sim uma tentativa de institucionalização de estruturas de Estado visando ampliar o apoio político e ao mesmo tempo manter o controle básico de classe”.¹³⁰ O recorte selecionado para esta pesquisa (1977-1979) inicia em meio ao período em que Geisel encontra-se no poder, momento em que está em execução uma terceira etapa desta institucionalização do Estado. A primeira etapa ocorreu em um momento inicial da ditadura civil-militar, entre os comandos de Castelo Branco e Costa e Silva e sua função teria sido dar as bases ao Estado de Segurança Nacional, solidificadas através da arbitrária e autoritária Constituição de 1967. Em um segundo momento, sob o comando de Médici, é posta em prática uma nova etapa responsável por desenvolver um modelo econômico ideal e o forte aparato repressivo que principiará um período de crescente violência que se faz valer através do Ato Institucional nº 5, já instituído pelo seu antecessor, o general Costa e Silva.¹³¹ Neste terceiro momento, principiado por Geisel e tendo continuidade através de Figueiredo, “os planejadores do Estado concentraram-se em estruturas mais permanentes e flexíveis para a institucionalização do Estado a longo prazo”.¹³² A partir do crescente nível de dificuldades que se apresentavam no plano econômico pós “milagre”, o Estado de Segurança Nacional passa a perseguir novas possibilidades de articulação em busca de legitimidade e apoio social.

Em torno deste objetivo é que se concretiza a teoria da distensão, que visava suavizar as tensões sociopolíticas que emergiam neste contexto. Definitivamente, tratava-se de uma caçada à legitimação e sustentação do Estado, sem deixar de garantir o controle social através de uma “aplicação seletiva do poder coercitivo”. A ação destinava-se a “desmantelar gradativamente os mecanismos mais explícitos de coerção legal, simbolizados no Ato Institucional nº 5”, além de voltar-se para o sistema eleitoral, objetivando “garantir ao partido do governo força eleitoral a longo prazo”.¹³³ Como bem pontua Green, reitero que o período de distensão e a posterior abertura “foram acelerados por forças que extrapolavam o controle dos generais”.¹³⁴

¹³⁰ ALVES, 2005, p. 389-390.

¹³¹ Foi a partir da aprovação do AI-5 e da ascensão de Médici ao poder que a repressão passou a ser generalizada e direcionada para a sociedade como um todo. Antes disso, ela se focalizava sobretudo nos grupos de oposição e resistência ao regime. Green, em sua obra *Além do Carnaval* corrobora com isto, evidenciando o enfoque dado aos homossexuais e travestis a partir da promulgação deste ato institucional. GREEN, 2000.

¹³² ALVES, op. cit., p. 223.

¹³³ Ibid., p. 224.

¹³⁴ GREEN, 2015, p. 179.

Tratava-se de um programa de medidas de liberalização cuidadosamente controladas, definido no contexto do slogan oficial de “continuidade sem imobilidade”. A “continuidade” traduzia-se numa política de fiel obediência às linhas mestras do modelo econômico de desenvolvimento já estabelecido e aos preceitos teóricos da Doutrina de Segurança Nacional. Desse modo a “continuidade” preservava os principais aspectos do modelo e a engrenagem do aparato repressivo. “Sem imobilidade” encarnava-se no plano governamental de reformas que pretendia constituir um passo adiante na liberalização progressiva para um retorno à democracia. (...) A meta global da política de “distensão” era concluir a institucionalização do Estado de Segurança Nacional e criar uma representação política mais flexível, de modo a baixar os níveis de dissensão e tensão que haviam tornado muito forte as “pressões”.¹³⁵

Logo que ascende ao poder, em discurso feito aos dirigentes da Aliança Renovadora Nacional (Arena)¹³⁶, Geisel anuncia o “processo da lenta, gradativa e segura distensão”.¹³⁷ No vocabulário militar, o conceito de distensão é sinônimo de retirada, o que neste contexto pode ser entendido enquanto retirada de um estado de exceção imposto a partir do golpe de 1964, ratificado pelo AI-5, e conseguinte reestabelecimento de ordem democrática. Contudo, houve uma grande preocupação com os termos sob os quais esta distensão decorreria. Era importante e necessário garantir a transição para um sistema jurídico que conseguisse legitimar o poder e a autoridade dos militares, para que, ainda que com eleições diretas, se assegurasse a permanência destes no governo.

Para dar conta destes objetivos é que se tornam imprescindíveis as características da política imposta por Geisel. A distensão precisava ser lenta, gradual e segura pois o Estado vivia um momento delicado em que seguia defendendo o ideal de país implementado nos anos anteriores e qualquer passo deveria ser bem planejado, pois detalhes mal articulados poderiam resultar no colapso deste modelo construído pela ditadura. Apesar da mudança de tática, o Estado continuava empenhado na consolidação de uma sociedade homogênea no país, portanto seguia suas políticas de eliminação das diferenças e unificação da cultura e dos costumes nacionais em torno de seus princípios e valores morais. Geisel sublinha esta permanência em seu discurso, ao dizer que “nada tem a temer, portanto, quem não infringe a lei, quem não se envolve em processos de contestação do regime, quem não se deixa comprometer nas malhas da subversão”. O ditador reiterou ainda que os órgãos de segurança do governo dariam continuidade ao “combate perseverante, rigoroso mas sem excessos

¹³⁵ Ibid., p. 224.

¹³⁶ O partido político Arena foi criado, em função da implantação do bipartidarismo a partir do AI-2, em 1965, com o intuito de dar sustentação política à ditadura civil-militar. Fato reiterado por Ernesto Geisel em seu discurso, onde diz: “Ao partido, desejo significar, [...], que o Governo confia em sua decidida atuação como suporte político da Revolução Brasileira”. Discurso proferido em 29 de agosto de 1974, no Palácio da Alvorada. P. 07.

¹³⁷ Ibid., P. 11.

condenáveis, duro porém sem violências inúteis, pois lhes compete agir para salvaguarda das instituições e da ordem pública”.¹³⁸

Foram muitas as medidas instituídas nesta terceira etapa da ditadura civil-militar brasileira. Coincidindo com a data de surgimento da Coligay em Porto Alegre, em abril de 1977, valendo-se do AI-5, Geisel fecha o Congresso Nacional para fins de reforma judiciária e mudanças na legislação política.¹³⁹ O projeto de reforma havia sido reprovado por maioria simples no Congresso, o que evidenciava a necessidade de reestabelecimento do controle do Senado para “garantir o bloqueio de qualquer iniciativa oposicionista”.¹⁴⁰ Esta medida e as emendas estabelecidas através dela ficaram conhecidas como “pacote de abril”, que de acordo com Alves

trouxe vantagens incertas ao Estado de Segurança Nacional. Embora as intrincadas formas de controle eleitoral tenham acarretado menos perda de legitimidade do que teria resultado de medidas mais explícitas de coerção, o fechamento do Congresso prejudicou as intenções de legitimação das medidas adotadas e a própria política de distensão.¹⁴¹

A autora defende que a característica principal do período da ditadura civil-militar brasileira comandado pelo General Geisel (1974-1979) é a contradição entre seus discursos e práticas. Enquanto proclamava uma política oficial de liberalização, na realidade cotidiana continuavam sendo fortemente executadas as técnicas de repressão.¹⁴² Ao mesmo tempo em que o plano político concedia “aos setores de oposição mais espaço para se organizar e maior possibilidade de êxito”, em contrapartida as pressões geradas por estes setores em busca de melhorias das condições de vida, pelo fim da censura e da repressão “intensificaram os temores dos setores mais estreitamente identificados com a Doutrina de Segurança Interna”. A política de distensão em vigor acabava por permitir determinadas atividades políticas, para logo em frente desencadear o seu aparato repressivo sobre elas.¹⁴³

¹³⁸ Discurso Geisel, 1974, p. 10.

¹³⁹ Nas eleições parlamentares anteriores Geisel como medida de abertura política, havia liberado a propaganda política nos meios de comunicação. Acreditavam que “eleições mais livres, com acesso à televisão e ao rádio e claro recuo da coerção, aumentariam a legitimidade do sucesso eleitoral do governo”. Entretanto, esta lógica não se concretizou. Como consequência, ocorreu uma grande vitória da oposição, o MDB, partido de oposição, que alcançou 59,3% dos votos para o Senado Federal, obtendo 16 das 22 vagas. ALVES, Op. cit. p. 226.

¹⁴⁰ ALVES, *Ibid.*, p. 234.

¹⁴¹ *Ibid.*, p. 236.

¹⁴² Confirmando esta concepção de permanência de violências cometidas pelo estado no período de governo Geisel/Figueiredo, recentemente foi divulgado pelo governo dos EUA um memorando da CIA que explicita a “decisão do Presidente do Brasil, Ernesto Geisel, de continuar a execução sumária de subversivos perigosos sob certas condições”. O documento relata que “o presidente Geisel disse ao general Figueiredo que a política deveria continuar”, nele o Diretor W. E. Colby conclui que “o Presidente Geisel planejava continuar a política da Médici de usar meios legais extras contra subversivos”. (Tradução minha). Ver mais em: <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve11p2/d99?platform=hootsuite>. Acesso em 10 de maio de 2018.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 242.

A política de enquadramento da sociedade brasileira dentro dos padrões de desenvolvimento da Doutrina de Segurança Nacional defrontou-se, desde 1964 quando colocado em prática, com um surgimento e ressurgimento incessante da oposição. O Estado ditatorial, apesar de insistir através de variadas táticas, não conseguiu eliminar totalmente a oposição e suas múltiplas formas de resistência às políticas impostas pela ditadura civil-militar. Por conta disto, o Estado de Segurança Nacional acabou sendo moldado sob uma certa dissonância do projeto predeterminado pelos militares.

O Estado de Segurança Nacional não foi erigido segundo aqueles planos preestabelecidos, antes emergindo do relacionamento dialético entre as forças no poder e a oposição organizada. Formas específicas de controle tiveram de ser criadas em resposta a desafios apresentados pela sociedade civil (...). Estes desafios tornaram-se particularmente intensos durante as periódicas explosões de rebeldia em que os diferentes setores da oposição se uniam para formar um amplo movimento social de protesto. Estes períodos determinaram a reorganização das estruturas de Estado, de modo a desenvolver novos mecanismos de controle e impor novamente a conformidade.¹⁴⁴

O controle social, particularmente o que incide no encaço dos “elementos subversivos” dissidentes, é iniciado concomitantemente ao início da ditadura civil-militar em 1964 e resulta na formação de um amplo aparato de repressão e perseguição aos opositores que ameaçavam o Estado de Segurança Nacional. Ainda que a ditadura tenha apresentado um alto nível de centralização de poder, não existiu um órgão único, responsável pela política de “higienização social”. A organização do aparato repressivo foi moldada a partir da harmonização entre instrumentos de controle moral preexistentes e órgãos criados sob a noção de “doutrina de segurança nacional”. Este mecanismo foi se construindo, se remodelando e assumindo diferentes configurações institucionais de acordo com a emergência de novas necessidades no cenário ditatorial. De acordo com Quinalha, a edificação do regime autoritário se construiu baseada nos “embates e negociações travados dentro do conjunto das elites civis e militares”.¹⁴⁵

Referente a esta dimensão autoritária, Hannah Arendt conceitua ditadura enquanto imposição de uma ideia. Para a filósofa esta imposição se efetua através de perseguições e eliminações físicas daqueles que pensam diferente, incutindo assim na sociedade o medo de agir. É intrínseco ao Estado ditatorial a intolerância à ideias contraditórias aos seus preceitos, que mesmo que sob constante repressão, existem e resistem de diferentes maneiras. Este conceito da autora condiz com os fatos ocorridos na ditadura civil-militar brasileira. Durante todo o período de incidência ditatorial no país, houve em todas as instâncias sociais, muitas vezes que se impunham em combate às imposições do Estado e, por ousarem confrontar os

¹⁴⁴ Ibid., p. 375 e 376.

¹⁴⁵ QUINALHA, 2017, p. 29.

militares, sofreram consequências repressivas. Estas foram as táticas usadas para impor o terror enquanto suporte para as relações mantidas entre Estado e sociedade civil.¹⁴⁶ Quinalha defende que, na ditadura civil-militar brasileira, “política e moral são duas faces complementares de um mesmo projeto global de repressão que pode ser designado como ‘utopia autoritária’”.¹⁴⁷

2.2 Entre a foice, o martelo e o fuzil: sujeitos que não se encaixam neste dualismo se disseminam pelos guetos

A invasão e controle da esfera particular dos indivíduos não é uma prerrogativa exclusiva das ditaduras. Todos os governos, em suas diversas possibilidades de regime usufruem, em algum nível de intensidade, de normativas, legislações ou instituições reguladoras sobre a sociedade, refletindo na vida íntima e familiar dos cidadãos que governa. Todavia, quanto mais conservador e autoritário é o regime político em curso, evidentemente, maiores são as inclinações a uma forte intensificação das práticas controladoras de espaços públicos e privados. Quinalha defende que “um indicador fundamental do grau de liberdade, inclusão e democracia de um determinado regime ou governo é a maneira como integra ou não uma agenda de diversidade sexual e de gênero nos discursos oficiais e nas políticas públicas”.¹⁴⁸ Neste sentido, o fato das questões sexuais durante a ditadura estarem presentes nos discursos e políticas oficiais do Estado somente enquanto sujeitos a serem reprimidos, censurados e saneados da sociedade, pois representavam uma ameaça subversiva ao regime com suas práticas “atentórias à moral e aos bons costumes, contra a religião católica e nocivas à família tradicional brasileira”¹⁴⁹, versa bastante sobre o cotidiano de marginalização a que estes indivíduos estavam sujeitos neste período.

Um dos eixos centrais para a composição da estrutura ideológica que sustenta a ditadura civil-militar brasileira é composto por um sólido discurso de moralidade pública. A defesa da moral, dos bons costumes, da tradição, dos valores cristãos foram “motes que animaram uma verdadeira cruzada repressiva contra setores classificados como indesejáveis e considerados ameaçadores à ordem moral e sexual então vigente”.¹⁵⁰ Dentro destes moldes, os militares miravam a construção de uma identidade uniforme no país e para atingi-la era preciso dizimar as diferenças, sobretudo as manifestações de homossexualidades. Estes

¹⁴⁶ ARENDT, 2012.

¹⁴⁷ QUINALHA, op. cit., p. 42.

¹⁴⁸ QUINALHA, 2017, p. 20.

¹⁴⁹ GREEN; QUINALHA, op. cit., p. 20.

¹⁵⁰ QUINALHA, 2017, p. 25.

padrões sociais instalados pela ditadura vem a fortalecer os princípios já existentes na sociedade, que de um modo geral era bastante conservadora. Muitos sujeitos não se encaixavam neste perfil ideal imposto pela ditadura e edificado enquanto digno de proteção do Estado. Sobretudo, aqueles que divergiam em gênero e/ou sexualidade do padrão hegemônico que se construía sobre uma sociedade branca, patriarcal, heterossexual, cisgênera e monogâmica. Toda e qualquer subversão a estas normas eram passíveis de serem relacionadas ao comunismo e, por conseguinte, entendidas enquanto ameaça a ser contida.

Alicerçado na análise de documentos oficiais referentes a repressão (relatórios do Serviço Nacional de Informações – SNI- e da Escola Superior de Guerra - ESG), Benjamin Cowan afirma que o Estado de Segurança Nacional durante a ditadura civil-militar recorreu a uma concepção existente desde os anos 30, sob a égide do Integralismo. Essa concepção levou-os a entender as homossexualidades, sejam elas públicas ou privadas, enquanto uma subversão inimiga compreendida, sobretudo a homossexualidade masculina, como uma “prática degenerativa, furtiva e de efeminados, que (...) vaga e variavelmente associaram com subversão comunista e vulnerabilidade política.”¹⁵¹. Estes ideólogos, tanto de dentro quanto de fora do regime “denunciaram a homossexualidade como estratégia sub-reptícia e deliberada dos inimigos e da sociedade”.¹⁵² Dentro desta rede ideológica, nos anos finais da década de 1970 se disseminavam as interpretações médico-legais a respeito dos desejos homossexuais, que os membros do aparato repressivo associavam com ameaça ao estado e à segurança nacional, a ponto de que se não fossem contidos poderiam causar uma dissolução social. O temor maior era a disseminação de uma suposta perda de virilidade causada pelo “desvio homossexual”. De acordo com Cowan, esta visão se sobressai nos dossiês elaborados pela Polícia de Costumes contra os “inimigos do regime”. Ao que tudo indica, o SNI supunha que o espectro de uma possível ascensão de um movimento gay, como já era presente no exterior, se promovia enquanto conspiração do que eles chamavam de Movimento Comunista Internacional.

O moralismo, o machismo, o sexismo e a homofobia exalados pelos setores conservadores vinculados à ditadura eram compartilhados por uma expressiva parcela das esquerdas, corroborando que em meio a este dualismo não havia espaço para os homossexuais que foram constantemente discriminados e marginalizados. Entretanto, ao analisar as posturas políticas dos militantes de esquerda aos homossexuais, deve-se ter cuidado para não nivelá-las ao mesmo patamar dos tratamentos dispensados pela ditadura: “É imperativo ressaltar a

¹⁵¹ COWAN, 2015, p. 32.

¹⁵² Ibid., p. 32.

diferença existente entre o atraso de setores da esquerda nessa pauta e o poder do Estado para reprimir os homossexuais, usando a censura e a violência direta de modo a interditar um debate sério sobre essa questão”.¹⁵³ Enquanto os grupos de direita compreendiam as homossexualidades enquanto subversão, depravação e a máxima manifestação de aniquilamento da ordem social conduzida pelos comunistas, entre a esquerda havia aqueles que consideravam as homossexualidades enquanto “um desvio burguês ou uma doença”¹⁵⁴ e outros que a concebiam enquanto um produto do comportamento decadente da burguesia, que desapareceria com a ascensão do comunismo. Ainda que seguissem por caminhos diferentes, tanto direita quanto grande parte da esquerda destinavam as homossexualidades a um espaço de imoralidade e inferioridade.

Para além de todas as questões culturais e religiosas¹⁵⁵, há também uma categórica explicação teórica para que a esquerda, especialmente a marxista, relutasse em entender e agregar os direitos aos homossexuais em seus programas políticos. Estes grupos acreditavam que a esquerda tinha a incumbência de fomentar alianças classistas arraigadas na classe operária. Em razão de uma das características das homossexualidades incidir sobre uma composição multiclassista, estes marxistas supunham que um movimento em torno de pautas homossexuais resultaria, eventualmente, na defesa de causas que se distanciavam dos interesses da classe trabalhadora. Esta argumentação fundamenta-se em uma negação da existência da homossexualidade entre os setores populares e a classe trabalhadora, assim como na rejeição de se atribuir importância política às homossexualidades, restringindo a expressão natural e saudável de emoção, sexualidade e desejo à circunscrição da vida privada destes sujeitos, o que representa mais uma forma de negar e/ou violar os direitos humanos a esta parcela da sociedade.

Em última instância, esta é a incapacidade de muitos revolucionários marxistas em imaginar um mundo mais complexo que aquele em que tudo é reduzido ao determinismo econômico. Segundo esta visão limitada, a classe trabalhadora é incapaz de organizar formas múltiplas de desejo em seu meio e de ir além de estereótipos fixos, enraizados em noções prescritas de como gênero e sexualidade deveriam se manifestar.¹⁵⁶

Passamani destaca que a repressão sofrida pelos homossexuais partia também de alguns grupos da esquerda que, quando não os reprimiam, se mostravam apáticos à suas

¹⁵³ GREEN; QUINALHA, op. cit., p. 21.

¹⁵⁴ GREEN, 2015. p. 191.

¹⁵⁵ Boa parte dos movimentos de resistência existentes neste período foram originados na corrente progressista da igreja católica, o que viria a implicar na reprodução de princípios e valores cristãos pelos mesmos.

¹⁵⁶ GREEN, 2003, p. 36.

pautas ao considerá-las ínfimas perante as causas defendidas pela classe operária.¹⁵⁷ Definia-se uma escala de prioridades, onde as reivindicações das ditas “minorias” (mulheres, negros e homossexuais principalmente) não eram contempladas. A questão da luta de classes era a causa maior e, para alguns, única. Quando esta se resolvesse, solucionaria também as “causas menores”. Estes grupos acreditavam ainda que protagonizar estas pautas das minorias serviria somente para enfraquecer a luta, dividindo o movimento. Para eles, a luta por questões de gênero e sexualidade era “coisa de quem não tinha o que fazer”.¹⁵⁸ Além disto, se construiu dentro das esquerdas um determinado ideal de masculinidade. A revolução se daria através da ação de homens fortes, másculos e viris, características que não poderia ser encontradas nos homossexuais em geral, indivíduos que reiteradamente subvertiam os papéis de gênero.¹⁵⁹

Esse desencaixe das homossexualidades na sociedade vai ser definido por Fernandes em duas adversidades, a primeira era “estar diante de um estado político militar, de direita” e a outra se resume a

uma outra forma autoritária de fazer política, a da esquerda ortodoxa, que não compreendia a urgente necessidade de se pensar a sexualidade, o racismo, o machismo e o patriarcado, conjuntamente com as demais causas sociais, era um instrumento fundamental para a mudança da estrutura social e o fim da opressão existente.¹⁶⁰

Apesar de não se igualarem à direita neste ponto, são visíveis as sólidas contradições internas desta esquerda revolucionária que “defendia a liberdade, a libertação e uma transformação radical da sociedade, mas que marginalizava homens ou mulheres que não seguiam gêneros e comportamentos sexuais normativos”.¹⁶¹ Por conta disto, os homossexuais que, por ventura, quisessem fazer parte destes grupos de confronto à ditadura, acabavam tendo que ocultar a sua sexualidade. Para estes, o processo de negação da própria identidade duplicava-se, pois enquanto que para a sociedade conservadora sua imagem precisava se enquadrar dentro de um arquétipo moldado pela moral e bons costumes, para os companheiros de causa era preciso demonstrar “macheza” e virilidade, afinal era através delas que a revolução se construiria. Dentro desta perspectiva, de acordo com Green, havia uma parcela dos homossexuais que não consentiam com o posicionamento à esquerda, pois defendiam unicamente a luta pelos direitos homossexuais, enquanto uma considerável fração

¹⁵⁷ PASSAMANI, 2010.

¹⁵⁸ TREVISAN, 2007, p. 334.

¹⁵⁹ O maior símbolo da revolução seria o homem de barba, boina e arma em punho, inserido no imaginário social através da grande popularidade alcançada com a figura de Che Guevara, um dos líderes guerrilheiros da Revolução Cubana, exemplo para os desejos de revolução entre a esquerda brasileira.

¹⁶⁰ FERNANDES, 2015, p. 126.

¹⁶¹ GREEN, 2012, p. 64.

das esquerdas se negava a defender as homossexualidades, restringindo-se à “causa maior”. Havia ainda, outra parte que se afastava das homossexualidades.¹⁶²

Na época, chegaram a existir organizações de esquerda que apresentavam pequenos grupos de homossexuais em sua composição. Contudo, Trevisan nos faz questionar as motivações destes arranjos. Para o autor, esta era uma maneira de comedir, dominar e até mesmo silenciá-los, pois à medida que estavam dentro da organização, estariam submetidos às diretrizes do partido e desta maneira o protagonismo da causa operária não seria ameaçado.¹⁶³ Uma destas organizações é a Convergência Socialista¹⁶⁴, que tem um de seus encontros relatados por Green.

No final dos anos de 1970, no Brasil, quando a oposição ao regime militar estava se fortalecendo, uma organização de esquerda testava os limites da liberalização política reivindicando a formação de um partido político dos trabalhadores com bases socialistas. Em encontro nacional para aprovar o programa do partido, um participante sugeriu que os direitos homossexuais fossem incluídos na lista das reivindicações democráticas, no manifesto da nova organização. Um nascente movimento feminista, bem como os grupos de consciência negra, puseram os assuntos de sexismo e racismo em pauta e a esquerda brasileira titubeava em responder à discriminação social que não se baseava apenas em questões de classe. A presidência da assembleia, rapidamente, concordou com a sugestão mas, no programa final, lia-se apenas: *Nós somos contra a discriminação das mulheres, negros, índios, etc.*¹⁶⁵

Constata-se que o machismo, o sexismo e a homofobia eram presenças marcantes tanto à direita, quanto à esquerda do cenário político vigente durante o período de análise. A rejeição às homossexualidades se dava tanto pelos fuzis dos militares, quanto pela foice e o martelo dos comunistas. As questões de gênero e sexualidade não eram admitidas por nenhum dos lados enquanto demandas legítimas destes sujeitos. Os homossexuais não encontravam um espaço de aceitação dentro desta conjuntura explicitada, uma vez que tanto o Estado, quanto a esquerda, e mesmo a sociedade como um todo, cada um com suas motivações, acabam por discriminá-los, silenciá-los e oprimi-los, empurrando-os para as margens da sociedade.

Para além disto, a construção sociocultural a respeito das homossexualidades atinge as concepções dos homossexuais acerca de suas próprias identidades. Este fato indica que, entre as diversas homossexualidades que constituem um grande grupo marginalizado, as diferenças existentes se personificam enquanto impulso para disputas de espaço e visibilidade. Os

¹⁶² GREEN, 2003.

¹⁶³ TREVISAN, op. cit.

¹⁶⁴ A Convergência Socialista foi uma organização política criada em 1978. Foi uma das correntes atuantes dentro do PT desde que este foi fundado, em 1980, até a sua expulsão do partido em 1992. A CS deixa de existir em 1994 quando seus membros passam a integrar o PSTU.

¹⁶⁵ GREEN, 2003, p. 17.

preconceitos estavam presentes até mesmo entre os segmentos que se enquadravam dentro das homossexualidades como um todo, principalmente direcionados dos grupos gays aos grupos de travestis. MacRae indica que estes primeiros grupos nutrem “profundo desprezo e antipatia pelos travestis, achando que estes simplesmente alimentam os preconceitos dos heterossexuais que acreditam que todo homem homossexual deseja, na verdade, virar mulher”.¹⁶⁶

A constante marginalização social faz com que estes sujeitos dividam-se entre optar por esconder sua homossexualidade¹⁶⁷ ou encontrar meios de sobrevivência e de socialização nestes submundos ao qual estavam destinados. O artigo publicado pelo grupo *Lésbico Feminista* (LF) em 1979 no jornal *Lampião da Esquina* versa sobre esta existência clandestina vivida pelos homossexuais, exercida por medo e/ou receio da não aceitação em diversos níveis da vida social.

Sabemos e conhecemos a existência da repressão. E não falamos apenas daquela do camburão, do cassetete, da bomba de gás. Falamos daquela que está presente nas relações na família, no emprego, com os amigos, na escola. Falamos da repressão que, pelos mais variados mecanismos – meios de comunicação, educação, religião e outros, nos diz o que somos ou devemos ser, querer, desejar, na tentativa de nos amoldar. Diz o que é natural, normal, certo, justo e bom para nós (...). Nos diz, ainda, quais são os valores que devem reger nossa conduta, o nosso comportamento, os nossos desejos. Nos diz enfim que para o bem da ordem, é necessário calar, sufocar, sob pena de ... A repressão perpassa todas as esferas do nosso existir.¹⁶⁸

No Brasil, o final dos anos 1970 se define por uma grande efervescência tanto política, quanto cultural. Este fato acaba por traçar os rumos do país, refletindo inclusive nas homossexualidades. Estes sujeitos que viviam em um “espaço liminar entre a legalidade e a marginalidade”¹⁶⁹ precisavam, como toda e qualquer pessoa, exercer sociabilidades. Já existiam determinados ambientes nas décadas de 1950 e 1960 onde estas homossociabilidades eram possíveis, entretanto limitavam-se, quase que exclusivamente, a locais clandestinos ou ao contexto carnavalesco.¹⁷⁰ Neste período, começam a se intensificar a criação de guetos destinados a estas homossociabilidades nos grandes centros urbanos do país. É importante frisar que o surgimento destes guetos é consequência também da política estatal econômica. O

¹⁶⁶ MACRAE, 1990, p. 54.

¹⁶⁷ Esta escolha resultava da influência das produções sociais, culturais e de contexto histórico sobre as homossexualidades. Contudo, não era uma opção plausível para todos os sujeitos. As travestis, por exemplo, trazem suas diferenças muito mais explícitas fisicamente, o que impossibilita sua ocultação social, assim como homens e mulheres homossexuais que desvirtuem dos padrões de masculinidade e feminilidade impostos pela sociedade.

¹⁶⁸ LAMPIÃO DA ESQUINA, nº12, 1979, p. 7.

¹⁶⁹ GREEN, 2003, p. 26.

¹⁷⁰ Apesar de já ser possível, anteriormente à explosão dos guetos, frequentar teatros onde travestis atuavam, assistir filmes homoeróticos, frequentar festas “liberais” (como os bailes de carnaval), estes atos eram clandestinos. Não havia uma pretensão social de se preocupar com a compreensão das necessidades e dos direitos desta parcela da população. Definitivamente não se discutia o assunto, prezando-se por omiti-lo.

“milagre econômico” brasileiro, ao proporcionar aumento da renda e de poder de consumo à classe média, incide também sobre boa parcela das homossexualidades. Graças a esta ascensão financeira, começam a surgir boates, bares, clubes, saunas e outros espaços de sociabilidade frequentados por homossexuais, que vão se diferenciar das homossociabilidades anteriores que se constituíam de maneira mais clandestina, em círculos menores e mais pessoais. Em Porto Alegre, neste período, existiram duas famosas boates gay: a Flowers e a Coliseu.

Nestas condições, os homossexuais passam a se inserir também, e de maneira mais expressiva, nas artes, no teatro, na música, na literatura. Sob influência de notícias das grandes manifestações do movimento homossexual nos Estados Unidos, chega-se a superar os limites da censura vigente, alcançando capas de revista, jornais e até programas de televisão.¹⁷¹ Para Trevisan, este acontecimento se define como “manipulação da homossexualidade liberada”.¹⁷² O autor acredita que este fato representa uma falsa sensação de liberdade e aceitação social enquanto, na realidade, se tratava de uma frágil tentativa de adaptar os modismos internacionais à realidade nacional, com a pretensão única de suprir necessidades de consumo. Em vista disso, pode-se dizer que as homossexualidades eram, de certa maneira, toleradas pela sociedade em geral, mas não eram aceitas e de forma alguma respeitadas.¹⁷³ Não houve uma inserção dos homossexuais na sociedade, e sim um consentimento de tolerância, desde que restritas aos guetos aos quais estavam destinados.

Dentro deste cenário de ascensão do que Santos vai denominar de “boom guei”¹⁷⁴, ainda que os espaços homossociais estivessem sumariamente circunscritos aos guetos, tornou-se evidente uma exposição das homossexualidades de maneira inédita. Este era um rompimento com o “tradicional silêncio que pairava no espaço público”¹⁷⁵, o que se constituiria enquanto um grande contratempo para a sociedade eminentemente conservadora da época. A partir de então a preexistente repressão a estes elementos adquire um caráter sistêmico, onde a maioria das vítimas são atingidas independente de manifestarem oposição à ditadura, por expressar-se contrariando as noções hegemônicas de gênero e sexualidade, agindo subversivamente ao modelo de cidadão moldado na “moral e bons costumes” defendida pela ditadura civil-militar brasileira. Os homossexuais foram perseguidos pela sua

¹⁷¹ Neste contexto é lançada a Coluna do Meio, escrita pelo jornalista Celso Curi e dedicada ao público homossexual no jornal Última Hora. A coluna alcança considerável sucesso enquanto espaço de homossociabilidade e, em pouco tempo, Curi vai ser perseguido pelos órgãos de censura, sendo processado por ofender a moral e os bons costumes sob a Lei da Imprensa.

¹⁷² TREVISAN, op. cit., p. 335.

¹⁷³ SANTOS, 2017.

¹⁷⁴ Ibid., p. 71.

¹⁷⁵ OCANHA, 2015, 154.

maneira de existência, que opta por exercer sua sexualidade, ou seja, exclusivamente, por serem homossexuais.

2.3 “Caça às bruxas” brasileira: a perseguição aos homossexuais

Por conta dos desejos militares de se obter uma sociedade homogênea, garantindo a supremacia de seus ideais, um dos instrumentos mais utilizados foi a repressão àqueles que pensavam e/ou agiam em corrente contrária a estas ideologias. Este aparelho repressivo se consolidou enquanto uma política de estado institucionalizada que estabelece agências de repressão como o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), os Destacamentos de Operações e Informações (DOIs), os Centros de Operação de Defesa Interna (CODIs), que vão ficar conhecidos por sua responsabilidade sobre a maioria das perseguições e torturas efetuadas contra os opositores.¹⁷⁶ Outra instituição que vai ter muita incidência repressiva neste período é a Delegacia de Costumes que age com seu foco mais direcionado para elementos que não são especificamente opositores políticos da ditadura.

Durante a ditadura civil-militar, foram forjadas determinadas estratégias de poder no intuito de enquadrar, normatizar, heterossexualizar os sujeitos e expelir da sociedade aqueles que não se moldassem nestes quesitos. A repressão, a perseguição, a censura e a propaganda podem ser tidas como as principais estratégias utilizadas pelos militares como forma de controle e intento de homogeneização da sociedade em torno de um projeto de Nação amparado em um ideal de família e promoção de valores morais conservadores. Rodrigues argumenta que “o imaginário de país presente entre os militares era o de uma nação uniforme, moldada em torno de valores cívicos e patrióticos autoritariamente impostos”.¹⁷⁷ Para a autora, esse projeto conservador de sociedade “era a expressão viva da concepção de mundo de parte considerável da população brasileira, (...) servindo como justificativa e legitimação (...) das ações repressoras da DCDP”.¹⁷⁸

Nos anos 1970, as disputas de censura “estavam circunscritas em larga medida às expressões literárias e artísticas que os militares encaravam com um desafio direto à política do regime ou à moralidade pública”.¹⁷⁹ Entretanto, a censura exercida pelo SNI não era homogênea, ela apresentava suas singularidades de acordo com o cenário. Para um “estado ditatorial militar, repressivo, violento e profundamente moralista” qualquer tática era

¹⁷⁶ REIS FILHO, op. cit.

¹⁷⁷ RODRIGUES, op. cit., p. 209-210.

¹⁷⁸ Ibid. p. 210.

¹⁷⁹ GREEN, 2000, p. 39.

justificável em torno da concepção de sociedade enquanto unidade orgânica, fundamentada no dualismo entre homem e mulher, ressaltando a sua assimetria e complementaridade que os concebe como sustentadores de uma ordem familiar heterossexual.¹⁸⁰ Para tanto, era incumbência do Estado, em suas variadas instituições, organizar e manter sob controle as múltiplas facetas da vida social, buscando sempre o desenvolvimento econômico e a valorização da “moral e bons costumes” na sociedade brasileira. Não se trata, portanto, apenas de domínio sob a esfera política, afinal “toda contestação ao Estado é uma ameaça a seus fundamentos”.¹⁸¹

Ademais do aspecto político estrito senso, negros, pobres, a ampla variedade de trabalhadores informais, assim como os **dissidentes sexuais**, tornaram-se alvos preferenciais de ações repressivas de parte dos agentes do estado, de diversos órgãos e instituições, em alguns casos atuando por solicitação expressa de setores da própria população; **tudo o que se desviasse da visão de mundo hegemônica era passível de tornar-se alvo de prisão, tortura e, até, desaparecimento.**¹⁸²

Evidentemente, a homofobia e a transfobia estão presentes na sociedade desde o período em que ocorreu a definição destas sexualidades. O que difere são as maneiras desenvolvidas em cada período histórico para determinar e exercer, em diferentes níveis, um “poder regulador” daquilo que é visto como um desvio de gênero e/ou sexualidade. Quinalha argumenta que é fundamental que se compreenda “não apenas as estruturas de continuidade e de permanência que marcam a cultura do preconceito, mas também o que há de específico, as mudanças e os deslocamentos relativos à violência empreendida em cada contexto histórico”.¹⁸³ De acordo com Rodrigues, as práticas de censura também não tiveram início com o estado de exceção e também não foram extintas depois da redemocratização. Todavia, “durante o regime de exceção houve o acirramento das práticas discriminatórias e a perseguição desse segmento populacional”.¹⁸⁴

Incide uma especificidade histórica nas censuras, perseguições e violências direcionadas às homossexualidades neste período. Os homossexuais foram transformados em alvo pelos militares, tendo como suporte uma grande parcela de sociedade civil que mantinham-se temerosos quanto à disseminação desta cultura de “maus costumes” que ameaçava o predomínio da moral conservadora vigente no país. A ditadura civil-militar “apenas forneceu aos moralistas e conservadores, então no poder, os meios para agirem”.¹⁸⁵ O que há de característica peculiar ao período é o uso dos preconceitos arraigados na sociedade

¹⁸⁰ FERNANDES, op. cit., p. 126.

¹⁸¹ ORTIZ, 2014, p. 120.

¹⁸² RODRIGUES, 2015, p. 202, grifo meu.

¹⁸³ QUINALHA, 2017, p. 35.

¹⁸⁴ RODRIGUES, op. cit., p. 219.

¹⁸⁵ FICO, 2015 apud GREEN; QUINALHA, 2015, p. 15.

pelos órgãos de informações do estado para “alimentar seus dossiês por meio da combinação entre “desvio moral” e “subversão” e, também, tendo em vista a técnica de inculpação que majoritariamente utilizavam”.

Em alusão a esta especificidade, Quinalha indica que

além da repressão política que se abateu sobre toda a sociedade, a comunidade LGBT foi um alvo privilegiado das violências: perseguição a travestis expostas ao olhar vigilante da repressão, sobretudo nos pontos de prostituição, onde eram enquadradas nos crimes de vadiagem (por não terem emprego com registro) ou de perturbação da ordem pública; censura à imprensa, ao teatro, às artes e as outras formas de expressão que simbolizavam de forma aberta as sexualidades, muitas vezes com o respaldo do sistema de justiça; homofobia e lesbofobia institucionalizadas nos órgãos de repressão e controle (...); expurgos de cargos públicos (...); difusão, pela imprensa, do preconceito contra os ‘desvios’, para reforçar a ideia de degeneração dos valores morais e o estereótipo do ‘inimigo interno’ que justificava a repressão e agravava os preconceitos.¹⁸⁶

Um dos maiores empecilhos para a institucionalização da repressão aos homossexuais na ditadura foi encontrar um embasamento legal para estes atos. A legislação brasileira não apontava proibição às homossexualidades e, uma vez que não era considerado crime ser homossexual, e nem mesmo prostituir-se, era preciso encontrar alguma brecha legal para enquadrar estes sujeitos e justificar que a polícia se voltasse para políticas repressivas contra eles. Ao longo de toda a vigência da Lei de Segurança Nacional, de 1969, o artigo que mais se aproxima deste enquadramento é o que condena indivíduos por “tentar subverter a ordem ou a estrutura político-social vigente no Brasil, com o fim de estabelecer ditadura de classe, de partido político, de grupo ou indivíduo”.¹⁸⁷ Apesar desta aproximação, o artigo não explicita o termo *homossexualidade* ao denominar, ironicamente, as possíveis “ditaduras”, mas pode justificar a frequente acusação de “subversão” aos sujeitos homossexuais.

Outra forma de enquadramento, e talvez a mais utilizada durante o período, foi através da lei das contravenções penais, que vai servir para fundamentar as diversas prisões arbitrárias justificadas através da exploração da subjetividade dos recursos legais de “vadiagem” e “perturbação da ordem pública”.¹⁸⁸ Acontece que a contravenção penal de vadiagem atua

¹⁸⁶ QUINALHA, 2015, p. 248.

¹⁸⁷ Artigo nº 23 do Decreto-Lei nº 898, de 29 de Setembro de 1969, que define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social, estabelece seu processo e julgamento e dá outras providências.

¹⁸⁸ Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de Outubro de 1941. Art. 14. Presumem-se perigosos, além dos indivíduos a que se referem os ns. I e II do art. 78 do Código Penal: II – o condenado por vadiagem ou mendicância; Art. 42. Perturbar alguém, o trabalho ou o sossego alheios; Art. 59. Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita: Art. 61. Importunar alguém, em lugar público ou acessível ao público, de modo ofensivo ao pudor; É importante lembrar que os recursos legais de “perturbação da ordem pública” e “vadiagem” eram utilizados, desde a promulgação do decreto, como instrumentos para prisão de homossexuais. Neste sentido, pode-se ressaltar as diversas prisões pelas quais passou Madame Satã, figura que adquiriu fama por tensionar as definições tanto de “malandro brasileiro”, quanto de “homossexual” e ainda de “travesti”, ao mesclar sua identidade entre estas definições, misturando o masculino e o feminino e apresentando atos de

sobre um modelo padrão de trabalhador baseado nas profissões formalmente regulamentadas, que comprovam-se através da carteira assinada. Considerando que, de acordo com fichas de inquérito de vadiagem analisadas por Ocanha, “bastava somente uma testemunha de acusação para o inquérito ser instaurado”, na prática essa vulnerabilidade acabava permitindo que fossem definidos alvos para a sua aplicação, afinal “bastava somente o depoimento do investigador e a falta de comprovação de renda”, comum nesta época, para que a acusação se concretizasse e o indivíduo fosse preso.¹⁸⁹

Através destas adequações legais, se intensificam as rondas policiais de combate às homossexualidades. O instrumento mais utilizado pelos aparatos repressores, e talvez o mais violento, foram as centenas de prisões de homossexuais nas rondas feitas aos guetos frequentados por estes sujeitos. Os principais pontos de homossociabilidades sofreram, além de monitoramento constante, prisões arbitrárias sob condenáveis métodos de violência, como o uso de torturas físicas e psicológicas, extorsões, dentre outras práticas violadoras dos direitos humanos a esta população marginalizada. No ano de 1977, as estatísticas apontam que “em média dezoito pessoas eram presas por dia por vadiagem, na cidade de São Paulo”.¹⁹⁰ Foram realizadas inúmeras batidas destinadas a “retirar de circulação ‘mulheres, ladrões e **anormais**’”.¹⁹¹ Estas ações convergiam “para um campo ideológico cuja base era a repressão ao ‘desviante’ como forma de sanear o espaço urbano e a convivência social”.¹⁹² Muitas vezes as rondas eram nomeadas como “operação de limpeza”, trazendo esta ideia, corroborada por setores civis, de que as cidades necessitavam ser limpas desta ameaça à moral e aos bons costumes.¹⁹³ Morando defende que “o apelo à moralização, associado a ações de contingenciamento, de atos considerados imorais, obscenos, atentatórios ou ultrajantes ao pudor, foi uma mola mestra dos discursos policiais e de outros órgãos responsáveis pela

virilidade – ao brigar nas ruas e enfrentar policiais – não atribuídos normalmente aos homossexuais. Em uma destas prisões, ocorrida em 1946, um comissário de polícia define Madame Satã enquanto “um indivíduo de estatura modesta e aparenta gozar de boa saúde. É conhecidíssimo na jurisdição dessa DP, como sendo desordeiro, sendo frequentador costumeiro do Largo da Lapa e imediações. É pederasta passivo, usa as sobancelhas raspadas e adota atitudes femininas alterando até a própria voz. Entretanto é um indivíduo perigosíssimo, pois não costuma respeitar nem as próprias autoridades policiais. Não tem religião alguma. Fuma, joga e é dado ao vício da embriaguez. A sua instrução é rudimentar. É solteiro e não tem prole. É visto sempre entre pederastas, prostitutas e outras pessoas do mais baixo nível social”. CABRAL, 1971, p. 3 apud GREEN, 2003, p. 216.

¹⁸⁹ OCANHA, op. cit., p. 156.

¹⁹⁰ Ibid., 160.

¹⁹¹ MORANDO, op. cit., p. 78, grifo meu.

¹⁹² Ibid., p. 79.

¹⁹³ Um dos mais empenhados nestas operações de limpeza foi o delegado José Wilson Richetti, famoso por sua frase: “a lei aqui sou eu”. Richetti comandou as mais violentas rondas na cidade de São Paulo e “vangloriava-se de ter detido 600 homossexuais somente em uma ronda policial”. A sua perseguição aos homossexuais era tão ferrenha, que vai servir como um estopim para as primeiras manifestações por direitos homossexuais. OCANHA, op. cit.

manutenção da ordem”. Este apelo alcança seus objetivos, pois neste contexto de rondas, perseguições, prisões e saneamento social foram criadas complexas redes de apoio a esta política compostas por comerciantes, sindicatos, associações de moradores, jornalistas, deputados.

Paralelamente à política de perseguições, a prática censória se expande para além da imprensa, atingindo com mais força os espaços de cultura e entretenimento. Os principais alvos deste novo enfoque da censura foram atividades artísticas como o teatro, a literatura, o cinema, a televisão, os bailes musicais, as apresentações de cantores em casas noturnas. É neste contexto de censura direcionada às homossexualidades que se promove a perseguição às obras da escritora Cassandra Rios, “a artista mais censurada deste país”.¹⁹⁴ A autora chegou a ter trinta e seis dos seus livros em que versava sobre lesbianidade censurados, as acusações se fundavam no argumento de que ela estaria através de seus escritos corrompendo e, sobretudo, aliciando toda a juventude brasileira para a homossexualidade.¹⁹⁵ No campo do teatro, a maior incidência da censura recaí sobre o sucesso do grupo *Dzi Croquettes*. Suas apresentações eram compostas por homens de barba e bigode que usavam vestes femininas, sutiãs expostos em seus peitos viris, meias de futebol e cílios postiços, satirizando os papéis sexuais convencionais. O Dzi, ao usar as representações artísticas dos corpos de seus treze integrantes como formas de contestar a masculinidade e o machismo hegemônicos na sociedade, vai acabar sendo banido pelo Serviço Nacional de Teatro.

Rodrigues indica que a censura televisiva também incide fortemente neste período, tendo como um de seus fundamentos “o controle daquilo que, para os detentores do poder e setores da população, pudesse violar uma suposta moral da família brasileira”.¹⁹⁶ Os programas de auditório, principalmente, abusavam de arquétipos homossexuais cujo estilo de gênero era referido como “efeminado” com o propósito de alavancar a audiência, figuras como Clóvis Bornay, Denner Pamplona e Clodovil Hernandez já tinham se sagrado como personalidades nacionais. Mas a partir deste ideal de necessidade de controle para manter a ordem moral, estes sujeitos passam a ser um incômodo, e determinados setores vão exigir o seu banimento dos programas de televisão. Sob a acusação de que “seus maneirismos, sua falta de masculinidade, são prejudiciais à formação moral da infância e da juventude”, a censura vai buscar findar estas práticas de exploração de figuras homossexuais para fins de

¹⁹⁴ FERNANDES, op. cit., p. 128.

¹⁹⁵ Cassandra Rios, pseudônimo de Odete Rios, foi uma das primeiras escritoras brasileiras a abordar temáticas lésbicas nas suas obras. Escritora de grande sucesso, seus livros na época eram os mais vendidos, chegando a atingir a marca de trezentos mil exemplares.

¹⁹⁶ RODRIGUES, op. cit. 209.

entretenimento.¹⁹⁷ Todas as manifestações artísticas que de alguma forma fossem vistas como uma ameaça ao projeto de homogeneização social foram alvo de algum tipo de censura, o que pode servir como uma evidência de que, alinhado a uma conjuntura repressiva, havia um esquema de instrumentalização, incorporado por diferentes setores da sociedade, designado ao controle particular da vivência destes sujeitos.

Os homossexuais, durante o período de recorte desta pesquisa, foram censurados, vigiados, denunciados, perseguidos e punidos por exercerem performances de feminilidades ou masculinidades julgadas pelos agentes da ditadura e pela sociedade enquanto subversivas por não encaixarem-se dentro dos moldes hegemônicos de gênero e sexualidade. Ocanha defende que estes sujeitos estavam destinados a um *espaço semipúblico*,

pois cotidianamente estavam sujeitos a atitudes hostis da polícia, da imprensa e de setores conservadores da sociedade. Por mais que a abertura política tivesse representado um avanço perante as décadas passadas, a manutenção dos territórios onde era possível viver experiências homoeróticas e homoafetivas não se dava de forma tranquila, sendo negociada e vigiada pelas forças policiais que realizavam rondas para controlar tais territórios.¹⁹⁸

Esta sequência de atos repressivos direcionados aos homossexuais vai resultar em grande impulso para o ressurgimento de formas organizadas de resistência que, em anos anteriores, haviam sido desmanteladas em seus primórdios.

2.4 Existir e Resistir: As diversas formas de luta dos homossexuais

Em conjunturas impostas por estados de exceção, como é o caso da ditadura civil-militar brasileira, a sociedade civil acaba por integrar este processo através de uma relação ambígua. De um lado há uma aceitação (as vezes envolta em concordância, outras não) das arbitrariedades provenientes dos detentores do poder, de outro questionamentos deste autoritarismo mediante enfrentamentos e contra violências. Chauí denomina esta aceitação como conformismo, já as inúmeras estratégias desenvolvidas como formas de enfrentamento a estas arbitrariedades conceitua enquanto resistência. A autora defende que esta relação ambígua não deve ser vista como uma coisa ruim, que causa o enfraquecimento da luta, afinal há conformismos na resistência e também resistências no conformismo. O termo resistir compreende os esforços empregados como reação às opressões, violências e formas de

¹⁹⁷ Ibid., p. 213.

¹⁹⁸ OCANHA, op. cit., p. 149-150.

controle orquestrados através dos mecanismos de poder. Em outras palavras, resistir é lutar “para ser considerado um sujeito, isto é, alguém dotado de direitos”.¹⁹⁹

Entretanto, a resistência não consiste somente nas contra violências, como a luta armada. Diversas outras estratégias utilizadas, por indivíduos ou grupos, como reação à opressão também se enquadram enquanto resistência, “que tanto pode ser difusa – como na irreverência do humor anônimo que percorre as ruas, nos ditos populares, nos grafites espalhados pelos muros das cidades – quanto localizada em ações coletivas”.²⁰⁰ Concordando com a autora, entendo que as formas de resistência não se resumem somente nas ações deliberadas que vão surgir neste contexto, abarcam também toda e qualquer prática exercidas por estes sujeitos como alternativas cotidianas de (r)existência provindas de um sentido que as convertem em atos de resistência.

Neste sentido, uma alternativa de resistência à prisão foi desenvolvida pelas travestis que realizavam *trottoir* pelas ruas.²⁰¹ Acostumadas a carregar consigo navalhas como ferramenta de proteção dos perigos encontrados na noite, passaram a utilizá-las para cortar os seus próprios braços quando pegas em flagrante para driblar o enquadramento de “vadiagem” e evitando a violência policial atrelada à situação. Uma entrevista de Antônio Chrysóstomo pelo *Lampião da Esquina* com a travesti gaúcha Paulete relata estas práticas.

Percebo o seu braço cheio de cortes e cicatrizes, dos pulsos até a altura do cotovelo. Indago o que é aquilo. [...] pergunta se não sei, debochado: “Ocê não tá com nada, heim cara? Não sabe porque a gente se corta? É o único jeito de não ir presa quando a polícia baixa na Lapa e na Cinelândia. [...] Não dá outra. Os homens tem de levar a gente pro hospital, senão morre de sangrar. E no hospital a gente não apanha; até tratam bem.”²⁰²

Nestas circunstâncias começam a ganhar força os movimentos de liberalização que buscavam trilhar seus caminhos independentemente das orientações ideológicas. Estes sujeitos passaram a mandar “às favas – sob aparência frequente de irresponsabilidade – os compromissos com a direita e a esquerda militarizadas da época”.²⁰³ O desbunde era a palavra de ordem do período e se caracterizava como mais uma das maneiras de resistir às imposições da ditadura.²⁰⁴ Este termo veio a ser presença constante nos guetos homossexuais. Caetano Veloso em seu livro *Verdade Tropical*, discorre sobre o *desbunde* alegando que é

¹⁹⁹ CHAUI, 1989, p. 121.

²⁰⁰ Ibid., p. 63.

²⁰¹ Foi denominado como *trottoir* a prostituição em que o aliciamento de clientes é feito nas ruas. O termo é francês e sua tradução literal é calçada.

²⁰² Ver entrevista completa em *Lampião da Esquina*, n.º 1, 1978, p. 5.

²⁰³ TREVISAN, 2007, p. 284.

²⁰⁴ Inicialmente, desbunde era um jargão utilizado, entre as esquerdas e os militares, para denominar aqueles que haviam mudado de lado politicamente, passando para a repressão.

esse nome que a contracultura ganhou entre nós – a bunda tornada ação com o prefixo des a indicar antes soltura e desgoverno do que ausência [...]. Desbundar significava deixar-se levar pela bunda, tomando-se aqui como sinédoque para “corpo” a palavra afro-brasileira que designa essa parte avizinhada das funções excrementícias e do sexo (mas que não se confunde totalmente com aquelas nem com este), sendo uma porção exuberante de carne que, não obstante, guarda apolínea limpeza formal.²⁰⁵

O termo atingiu o status de verbo com o objetivo de descrever uma ação importante para estes sujeitos. Desbundar significou, sobretudo, resistir. Implicava em uma imersão de liberação individual, em elaborar gestos antiprovincianos e confrontar a mentalidade conservadora e domadora de corpos que predominava no país. Os maiores representantes da época do desbunde foram os cantores Caetano Veloso, Ney Matogrosso e o grupo teatral Dzi Croquettes. Nos três exemplos havia uma forte contestação aos padrões hegemônicos de gênero e sexualidade. Caetano costumava performar seus shows fantasiado de baiana e usando batom vermelho. Ney, ao despontar como vocalista da banda Secos & Molhados, ganhou fama assumindo uma postura de afronta sexual. O cantor não escondia a sua homossexualidade, e muitas vezes utilizava-a para defender os seus direitos.²⁰⁶ Já os Dzi, através de suas intervenções artísticas vão incitar debates sobre os papéis sexuais instaurados na sociedade. Trevisan afirma que “foram eles que trouxeram para o Brasil o que de mais contemporâneo e questionador havia no movimento homossexual internacional, sobretudo americano”.²⁰⁷ O espetáculo dos Dzi Croquettes alcançou um grande sucesso de público, sobretudo da classe média intelectualizada. Este fato que pode servir como indicativo de que além de uma maior tolerância, existia também um certo fascínio para com estes sujeitos.

Uma das formas de resistência no contexto da ditadura civil-militar foram os periódicos pertencentes à imprensa alternativa, ou imprensa nanica²⁰⁸, que “tinham como traço comum a oposição intransigente ao governo militar”.²⁰⁹ Para Kucinski, esta imprensa é subdividida em duas vertentes: uma composta pelos jornais assumidamente políticos, que visavam a difusão do marxismo, da luta de classes e da revolução como alternativa de solução para a classe trabalhadora; já a outra, e a que interessa particularmente a esta pesquisa, se

²⁰⁵ VELOSO, 1997, p. 469.

²⁰⁶ Nesta conjuntura vivida pelos homossexuais o simples ato de se assumir, de “sair do armário”, muitas vezes representava também uma importante atitude política. Neste sentido, Ney Matogrosso é fonte de representatividade para muitos destes sujeitos prestes a assumir sua homossexualidade.

²⁰⁷ TREVISAN, op. cit., p. 288.

²⁰⁸ Esta forma de imprensa era considerada alternativa por consistir em uma forma diferente de expor posições políticas, denunciar e resistir às opressões vigentes. Mas esta imprensa também era considerada nanica por operar em fluxo contrário à grande imprensa, em oposição ao estado, e tratar de assuntos considerados “menores” dentro das prioridades desta grande imprensa. “Nanico” também era uma alusão ao formato destes jornais, o tablôide.

²⁰⁹ KUCINSKI, 1991, p. 13.

constitui através de uma rejeição à superioridade do discurso ideológico. Estes jornais vão contestar a sociedade como um todo, em seus costumes, tradições e moral religiosa, pregando o rompimento desta cultura conservadora.²¹⁰ Seguindo esta segunda vertente, surge em 1978 o *Lampião da Esquina*, “o grito que quebrou o silêncio imposto pela repressão da direita e da hostilidade da esquerda”.²¹¹

O jornal *Lampião da Esquina* não foi pioneiro no gênero, contudo se particulariza e diferencia-se de seus antecessores em dois aspectos: o fato de, apesar de ter sido criado no eixo Rio-São Paulo, sua distribuição ter alcançado nível nacional, dialogando com diversos estados do país. Outro fator de diferenciação é a própria proposta do jornal. Enquanto nas outras publicações em geral persistia um formato de jornalismo social, o *Lampião* se propunha a debater seriamente as pautas homossexuais. O conselho editorial explicita isso na primeira edição do jornal,

É preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, [...] que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição [...] o que o LAMPIÃO reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito – o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal. [...] abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias. [...] LAMPIÃO deixa bem claro o que vai orientar a sua luta: nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor – que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos.²¹²

Isto posto, entende-se que o propósito principal do *Lampião* é dialogar sobre o ser homossexual e o exercer homossexualidade, buscando romper os mitos que entornam as homossexualidades, almejando a liberação sexual. Porém, o periódico acabou por desempenhar outras funções significativas. Foi uma importante ferramenta de denúncia das arbitrariedades sofridas pelos homossexuais. Serviu também como instrumento de visibilidade aos grupos organizados de homossexuais que vinham se formando pelo país, sempre incentivando a criação de novos grupos versando sobre união e representação das homossexualidades ao mostrar que estes não estariam sozinhos na luta. Por dar conta de todas estas questões ao longo do seu curto período de existência, o *Lampião* acabou conquistando seu lugar de importância na história da homossexualidade brasileira, auxiliando a fortalecer a cultura destes sujeitos e servindo para a consolidação do nascente movimento homossexual brasileiro.

²¹⁰ Ibid.

²¹¹ SANTOS, op. cit., p. 15.

²¹² LAMPIÃO DA ESQUINA, edição experimental, nº 0, Abril, 1978, p.2.

Durante a década de 1970, a partir da política de distensão, apesar da repressão persistir enquanto política de estado, propicia-se a volta ao país de muitas pessoas que estavam exiladas no exterior por serem opositores à ditadura civil-militar. Estes indivíduos, ao voltar, trazem consigo experiências vividas em contato com realidades de esquerdas e movimentos sociais desenvolvidos no exterior. Parafraseando Fernando Gabeira, em entrevista ao *Lampião* após sua volta ao Brasil, “é a esquerda que viveu no exílio e, num certo sentido, teve oportunidade de se chocar com posições diferentes no exterior”.²¹³ Este contexto político de distensão, somado à volta destes indivíduos ao país, resulta na criação das mínimas condições necessárias para que, em meio à vigilância constante aos atos repressivos oriundos dos aparatos estatais, os homossexuais começassem a delinear formas organizadas de resistência. E por conta desta mesma conjuntura em que estão inseridas, estas organizações vão resistir em várias frentes: lutam ao mesmo tempo contra a ditadura civil-militar que usa sua política para combatê-los, e contra a sociedade conservadora como um todo que também os oprimia ao submetê-los a um conjunto de valores cristãos que os empurravam para uma condição de anormalidade.

Paralelamente, e muito atrelado à repercussão nacional do *Lampião da Esquina*, surge o *Grupo Somos*, o primeiro grupo reconhecido por apresentar uma proposta de politização das pautas relativas à homossexualidade. Apoiando-se na publicidade propiciada pelas publicações do *Lampião*, em pouco tempo surgiram outros grupos espalhados pelo país e dispostos a seguir a mesma linha defendida pelo *Somos*.²¹⁴ Estes grupos que estavam despontando pelo país alinhavam-se a um novo esquema político que irrompia, advindo em parte do exterior. Para além de novas pautas políticas, era uma maneira de fazer política diferente da tradicionalmente praticada pelas esquerdas. Afinal, muitos dos sujeitos que participam deste desenvolvimento do movimento homossexual já tinham integrado algum grupo de esquerda que, como já citado, não abria espaço para as homossexualidades. Já se conhecia o funcionamento destes grupos, e, ao menos neste período, se buscava outros caminhos. Nestes novos trilhos, os grupos homossexuais buscam a valorização de suas identidades, lutando contra a discriminação, o silenciamento e a negação de direitos humanos. Não demorou muito tempo para que as divergências dos membros do *Somos* e de alguns

²¹³ LAMPIÃO DA ESQUINA, Ano 2, nº 18, novembro de 1979, p.5.

²¹⁴ Em 16 de dezembro de 1979, ocorreu o 1º Encontro de Homossexuais Militantes, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) no Rio de Janeiro. Nove grupos marcaram presença: o Somos/RJ, o Auê/RJ, o Somos/SP, o Eros/SP; o Somos/Sorocaba, o Beijo Livre/Brasília, o Grupo Lésbico Feminista/SP, o Libertos/Guarulhos, o Grupo de Afirmação Gay/Caxias do Sul, e mais um representante de Belo Horizonte, futuro fundador do Grupo 3º Ato. Ver mais em: BOLETIM DO GRUPO GAY DA BAHIA. Salvador: GGB, ano XIII, n. 27, agosto de 1993.

outros grupos se transformasse em uma grande polarização entre a integração da luta aos grupos de esquerda e a autonomia das próprias lutas. Esta polarização aumenta, sendo responsável por conflitos internos à medida que os militantes do *Somos* passam a defender a necessidade de aliança com outros grupos oprimidos, com a classe trabalhadora e os grupos de esquerda em geral.²¹⁵

Neste capítulo buscamos evidenciar que apesar do período selecionado para esta pesquisa estar contextualizado na política de distensão da ditadura civil-militar brasileira, as violências e opressões orquestradas pelo estado permanecem, e quando trata-se especificamente das homossexualidades se acentuam, e contam com o embasamento da sociedade como um todo. Tanto direita quanto esquerda, com suas políticas machistas, misóginas e homofóbicas vão colocar estes sujeitos à margem da sociedade. Em contraposição a isto, muitos homossexuais vão fazer jus ao fato de serem acusados de subversivos e passam a buscar maneiras de transpor as ordens impostas a eles. Acabam transformando seus cotidianos em espaços de resistência, seja ela como tentativa de sobrevivência ao cortar-se para fugir de prisões, como manifestação através de expressões artísticas, periódicos de denúncia e informação, ou atuando na organização de grupos e encontros para debates de pautas necessárias. Esta resistência, que por muito tempo encontrou na própria estrutura da ditadura um empecilho para o desenvolvimento dos movimentos sociais como um todo, se constitui através das vivências destes sujeitos, e por isto acaba por abarcar âmbitos sociais, culturais e políticos.

As resistências exercidas por homossexuais durante a ditadura civil-militar brasileira apresentam-se enquanto primórdios do complexo processo de luta por direitos humanos aos sujeitos LGBT. Sua (r)existência é composta por múltiplas especificidades dadas pelo contexto histórico, social, cultural e político destes “segmentos sociais que, ao mesmo tempo em que foram alvo privilegiado das políticas de repressão e de controle, acabaram se constituindo como atores fundamentais da redemocratização brasileira”.²¹⁶ Como disse Santos, reitero que a resistência à ditadura também foi “colorida, poética, subversiva, debochada, travestida e coberta de muita pluma, lantejoulas e purpurina”.²¹⁷

²¹⁵ FACCHINI, 2003.

²¹⁶ GREEN; QUINALHA, op. cit., p. 12.

²¹⁷ SANTOS, op. cit., p. 12.

3. A NOVIDADE NO OLÍMPICO: “UM INCENTIVO DIFERENTE”

*“Bandeiras tricolores: azuis, como um céu de noite tropical,
listras negras com estrelas douradas e um fundo virginalmente branco.
Agitadas por tipos humanos incrivelmente originais, no alto de uma arquibancada:
nada mais, nada menos do que a Coligay,
‘a torcida mais animada do mundo’”.*²¹⁸

Neste capítulo pretende-se analisar a Coligay enquanto primeira torcida autoafirmada²¹⁹ homossexual a surgir e se fixar por alguns anos em meio ao contexto de produção e reprodução de uma masculinidade hegemônica nos estádios de futebol. Objetiva-se ainda entender as relações identitárias que se estabelecem entre estes sujeitos e a sociedade conservadora que os cerca, e compreender os motivos que os possibilitam constituir-se enquanto grupo e ocupar este espaço em uma conjuntura de ditadura civil-militar que permeia a sociedade brasileira e direciona parte da sua atuação à vigilância e repressão das homossexualidades. Para tanto, este capítulo é subdividido em quatro partes. O primeiro subcapítulo pretende apresentar a torcida Coligay, desde o seu idealizador e o espaço em que surge, até chegar aos primeiros passos na sua estreia no estádio Olímpico, em abril de 1977. O item seguinte versa sobre a atuação deste grupo dentro e fora dos estádios, e como ele chega a inspirar o surgimento de torcidas congêneres espalhadas pelo país. A terceira subdivisão consiste em discutir os conflitos identificados nos discursos da Coligay a respeito de sua própria identificação, revelando a incidência de uma atuação política emancipada de uma autoconsciência da sua existência. Por fim, abordam-se as reações dos sujeitos externos à Coligay, envolvidos no seu contexto de inserção, que inicialmente demonstram hostilidades e aversão à existência da mesma, mudando o seu discurso a partir do momento em que decorre uma *amuletização* da Coligay, revelando a necessidade de tolerância à mesma enquanto grupo congênere na torcida pelo Grêmio.

3.1 Eis que surge a Coligay

Para entendermos a Coligay e toda a rede de complexidades que possibilita o seu surgimento e resulta na sua fixação enquanto primeira torcida autoafirmada homossexual no país, é necessário que se fale primeiro sobre um homem em específico: Volmar Santos, o seu

²¹⁸ ZH, 24 de julho de 1978.

²¹⁹ Opta-se pela utilização do termo “autoafirmação” como característica principal desta torcida, por entender que a presença de homossexuais nos estádios, assim como em qualquer outro espaço da sociedade, é uma “normalidade”, mas a especificidade de *autoafirmar* publicamente esta sexualidade, sobretudo, em um ambiente que se caracteriza pela produção de uma masculinidade hegemônica e consequente intolerância às homossexualidades, é que singulariza a Coligay e seus membros.

idealizador.²²⁰ Volmar é natural de Passo Fundo, interior do Rio Grande do Sul. Cantor desde a infância, durante a juventude aventurou-se em busca de seu sonho na cena artística porto-alegrense e paulista, apresentando-se em casas noturnas. Chegou a ganhar, no ano de 1968, o título de *A mais bela voz do Rio Grande* em um concurso da TV Gaúcha²²¹ e, em 1973, gravou um disco com a ajuda de Teixeira²²². Freqüentador assíduo e muito conhecido das noites porto-alegrenses, foi convidado por Dirnei Messias para gerenciar a boate Flower's²²³. Pouco tempo depois, passou a ser gerente de outra boate, desta vez direcionada a um público de casais heterossexuais, a Coliseu. Logo, Volmar assume a posição de empresário adquirindo a boate. É quando, aproveitando a sua experiência na antiga Flower's, decide transformá-la em um ambiente gay.

Localizada na Avenida João Pessoa, 1281, a boate Coliseu passou a figurar entre as casas gays mais famosas da cidade de Porto Alegre. Dentre as várias atrações que a boate ofertava, destacavam-se as performances artísticas protagonizadas por travestis. No auge de seu sucesso, a Coliseu chegou a proporcionar atrações nacionais aos seus frequentadores, como a famosa travesti Rogéria e a consagrada Valéria. O público da casa era formado principalmente por homossexuais, mas também havia muitos “simpatizantes”, que diziam apenas apreciar e prestigiar a vida boêmia porto-alegrense.

Heterossexuais também frequentavam a boate, especialmente depois do advento da Coligay. A partir da notoriedade que a torcida deu à casa [...] jornalistas, radialistas e jogadores de futebol iam até lá em busca de diversão garantida, boa bebida, companhia agradável e ambiente acolhedor.²²⁴

Entretanto, vale reiterar que este espaço não era acessível a qualquer público, por conta de seu alto custo. O valor da entrada era 40 cruzeiros e uma dose de bebida não saía por menos de 30. Seu sucesso se dava, portanto, entre a classe média-alta da sociedade, pois os homossexuais das classes mais baixas não tinham condições financeiras de arcar com valores

²²⁰ Atualmente Volmar Santos reside em Passo Fundo e é colunista social do jornal O Nacional, atuando também em projetos e eventos culturais na cidade.

²²¹ A TV Gaúcha, afiliada da Rede Globo, passou a se chamar RBS TV a partir de 1979.

²²² Teixeira é o nome artístico de Vitor Mateus Teixeira, um dos cantores e compositores de maior sucesso relacionado à música nativista sul-riograndense, falecido em 1985.

²²³ A Flower's é considerada a primeira boate destinada ao público homossexual e travesti em Porto Alegre, inaugurada em 1971. De acordo com entrevistas dos fundadores, a boate sofreu com a perseguição da ditadura. O departamento de censura fazia visitas frequentes à casa, revistas, e também agrediam os frequentadores. Nos relatos, cita-se também que houve episódios em que a casa teve que ser fechada, em função da polícia ter levado toda a clientela para a delegacia. No documentário *Flores de 70*, Dirnei Messias relata detalhadamente uma destas abordagens em que acabou sendo preso. Na tentativa de desviar desta perseguição, a boate Flower's, localizada na praça Jaime Telles, mudou de lugar e de nome em 1975. Passa a ocupar um prédio da avenida Independência, espaço da boemia tradicional da cidade, sob o nome de New Flower's City, perdurando por mais quatro anos. Ver mais em: Flores de 70, documentário, 22 min., 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=exXr13fVsV4>. Acesso em 01 de junho de 2018.

²²⁴ GERCHMANN, 2014, p. 35.

tão altos para manter sua sociabilidade. O jornal ZH, ao realizar uma reportagem de duas páginas sobre a nova torcida do grêmio, inicia a abordagem relatando o cotidiano da Coliseu:

Na pequena pista de danças, os casais se divertem animadamente ao som de estridentes canções de músicas pop. A luz negra pisca sem parar, dando à sala uma atmosfera ainda mais densa. Noite de sexta-feira na boate Coliseu, avenida João Pessoa, número 1281. Encostada aos automóveis, na porta da boate, uma multidão aguarda o início da noite mais movimentada da semana. O show apresentado diariamente, depois das três horas da manhã, já ficou famoso entre os apresentadores de espetáculos gays. *O local reúne um público diferente.* Alguns de gestos afeminados, roupas berrantes. O preço cobrado é alto: Cr\$ 40,00 para entrar por pessoa e a dose de qualquer bebida custa Cr\$ 30,00. Mesmo assim o movimento é sempre intenso. Gente conhecida se acomoda nos confortáveis e escondidos bancos. O show parece agradar bastante a todo o público. Dublagens, danças sensuais, e strip-tease, que invariavelmente arrancam aplausos. **É o centro do mundo gay de Porto Alegre.**²²⁵

É neste espaço de diversidade destinado pela boate Coliseu aos sujeitos que conseguiam pagar pelos seus altos custos e, principalmente, através da iniciativa de Volmar, que se autodefine como “sempre torcedor doente do Grêmio”²²⁶, que se idealizou a torcida que um mês depois Divino Fonseca, repórter da Revista Placar²²⁷, iria denominar de “o mais recente golpe no lendário machismo gaúcho”.²²⁸ Em sua formação inicial, composta sumariamente por frequentadores assíduos da boate de Volmar, pode-se dizer que a Coligay era basicamente uma torcida composta por homossexuais pertencentes à classe média-alta da sociedade porto-alegrense. Fato que é confirmado pelo próprio Volmar em entrevista à Placar ao revelar que “muitos dos integrantes da Coligay são pessoas bem nascidas. – **Gente de fino trato**”.²²⁹ Na mesma reportagem, há uma justificativa por parte de um outro integrante, não identificado, a respeito deste surgimento dentro da elite.

Aproxima-se um integrante do grupo que se diz comissário de bordo da Varig, fala da atividade gay nos Estados Unidos e na Europa e levanta uma tese: o fato de uma torcida desse gênero surgir justamente num clube de raízes elitistas, como o Grêmio, não é coincidência; pessoas de maior embasamento cultural, diz, adquirem sua liberação com menor dificuldade.²³⁰

Fonseca, na polêmica matéria *Para o que der e vier*, descreve Volmar como um verdadeiro entusiasta do mundo futebolístico, afirmando que o mesmo é sócio do Grêmio e que “vai ao estádio desde garotinho”.²³¹ E, ao que tudo indica, foi em uma destas suas idas ao Olímpico, que surgiu a ideia de montar uma torcida organizada. Volmar discordava das

²²⁵ BUENO, E. Coligay – Grêmio está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 44, grifos meus.

²²⁶ GERCHMANN, op. cit., p. 14.

²²⁷ A revista Placar é um veículo de comunicação de circulação nacional. Com viés esportivo, a revista é publicada semanalmente e volta-se quase que exclusivamente ao futebol.

²²⁸ FONSECA, D. Para o que der e vier. *PLACAR*, nº 370, 27 mai. 1977, p. 48.

²²⁹ *Ibid.*, p. 50, grifo meu.

²³⁰ *Ibid.*, p. 50.

²³¹ FONSECA, D. Para o que der e vier. *PLACAR*, nº 370, 27 mai. 1977, p. 50.

práticas de torcer exercidas pelos grupos existentes na época. Chamava-lhe atenção a frieza que os caracterizava. Resume o que pensava a respeito com a frase: “Eles só incentivam quando o time vai bem”. Anteriormente, em entrevista à ZH, afirmou que este plano amadureceu algum tempo em seus pensamentos antes de ser posto em prática.

A Coligay era uma ideia muito antiga, eu já pensava nisto há muito tempo. **Eu sou gremista fanático desde que nasci e sempre tive vontade de organizar uma torcida.** Achava que os torcedores do Grêmio eram muito parados, que não sabiam incentivar o time. Então, no início deste ano, quando eu senti o Grêmio realmente iria ser o campeão, decidi formar o grupo.²³²

Ao iniciar os contatos para fundação da torcida, Volmar já tinha em mente a ligação da mesma com a sexualidade de seus membros. Para ele, o fato era óbvio: “Acho que a nossa classe é a mais animada, mais descontraída por natureza, não é verdade?”²³³ A animação ao qual ele se refere era, em seu ponto de vista, interligada aos homossexuais e, portanto, essencial para atingir seus objetivos de “renovar o modo de torcer”²³⁴, distinguindo-se das torcidas já estabelecidas ao se opor à frieza e apatia que, segundo Volmar, as mesmas levavam ao estádio em dias de jogo. Com esta meta já pré-definida, o empresário convoca uma reunião pós-noitada aos frequentadores mais assíduos da boate para divulgar sua ideia “que foi muito bem aceita”.²³⁵ A respeito da escolha do nome, outra decisão unânime: “ficou, então, Coligay, o que foi aceito por todos”.²³⁶

,No começo o nome seria simplesmente Coliseu. Depois desisti e cheguei a pensar em Coli-Grêmio. Mas também mudei de ideia porque oficialmente nós não temos nada a ver com o Grêmio, somos uma torcida totalmente independente. **Então surgiu Coligay e eu gostei do nome.** Ele me pareceu muito apropriado porque gay em inglês, também significa alegria e nós somos realmente alegres, sabemos incentivar como ninguém.²³⁷

Estava formada a Coligay, inicialmente com uma média de 30 a 40 adeptos, segundo entrevista de Volmar Santos ao projeto *Histórias de Vida e Ação Política*²³⁸. A partir daí, os

²³² BUENO, E. Coligay – Grêmio está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 44, grifo meu.

²³³ FONSECA, D. Para o que der e vier. *PLACAR*, nº 370, 27 mai. 1977, p.50.

²³⁴ MASCARENHAS, J. A. Noticiário Esportivo (2). *Lampião da Esquina*, Ano 1, nº 3, Rio de Janeiro, jul/ago 1978, p. 05.

²³⁵ GERCHMANN, op. cit., p. 36.

²³⁶ *Ibid*, p. 36.

²³⁷ BUENO, E. Coligay – Grêmio está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 44, grifo meu.

²³⁸ *Histórias de Vida e Ação Política* é uma realização do Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LAPPACS/UFRGS). O projeto, iniciado em 2014, objetiva propiciar debates e reflexões sobre a passagem público/privado através da abordagem de narrativas autobiográficas emblemáticas do cenário político e social. O projeto dialoga com as experiências de vida de ativistas e militantes de movimentos sociais que tiveram sua devida importância para a organização política e social no Estado do Rio Grande do Sul. Volmar, enquanto fundador e líder da Coligay foi convidado a participar do projeto em 11 de setembro de 2015, no Anfiteatro da Escola de Enfermagem da UFRGS. O vídeo da sua fala

integrantes passaram a encontrar-se nas tardes de sábado na Boate Coliseu, espaço que foi adotado como sede e ponto de encontro da torcida, para os preparativos e ensaios da sua estreia que ocorreria em 10 de abril de 1977. Domingo de Páscoa, a Coligay invade o Estádio Olímpico já munida de uma faixa que a denominava, figurinos, e muita animação dos integrantes que cantaram e dançaram incentivando o time durante todo o jogo, características que iriam se tornar a marca desta torcida. Em mais uma partida pela fase classificatória do Campeonato Gaúcho, o Grêmio venceu o Santa Cruz por 2x1. Mas, desta vez, foi a Coligay que roubou a cena, causando agitação em todos os presentes. Seja como a maioria de aversão ou as poucas de apoio, a questão era que todos tinham alguma opinião formada sobre aquela torcida incomum que havia surgido no estádio.

Entretanto, sob a esperança de que aquilo fosse apenas um furor passageiro, tentou-se ocultar a existência desta torcida, o que podemos perceber pela própria mídia que incidia fortemente sobre o esporte na época e, em geral, abordava detalhadamente os fatos ocorridos com a dupla Gre-Nal.²³⁹ Dentre os meios de comunicação analisados, a primeira menção à Coligay só aparece um mês depois do seu surgimento, na ZH de 09 de maio de 1977, em uma charge que apresenta um sujeito vestindo roupas “femininas”, portando a bandeira tricolor, usando sapato de salto alto e rodeado de flores. Abaixo da representação, há um trecho que cita brevemente a torcida, apontando um princípio de crescimento da mesma: “esse novo grupo de torcedores do Grêmio começou com pouca gente e uma faixa: Torcida Coligay. Eram torcedores que costumam frequentar a boate Coliseu. Muita animação, passes de dança, requebros, o grupo já apareceu com novos adeptos no Beira-Rio”.²⁴⁰ A tática de silenciamento não havia dado certo, pois a Coligay continuou firme na sua proposta de frequentar todos os jogos do Grêmio, levando animação aos estádios. Aos poucos, a torcida iria crescer ainda mais, demarcando o seu espaço e chegando a incluir-se entre as torcidas “oficiais” do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre.

3.1 Uma torcida verdadeiramente organizada

A Coligay se percebia sob a nomenclatura de uma *torcida organizada*, fato que chega a ser motivo de piada na coluna de Carlos Nobre:

no evento está disponível no YouTube, em *História de Vida e Ação Política 01 - Volmar Santos (Coligay)*. Ver mais em <https://www.youtube.com/watch?v=cJuHfIGkZEU>. Acesso em 01 de junho de 2018.

²³⁹ Por “dupla Gre-Nal” entende-se os dois grandes clubes do Rio Grande do Sul, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e o Sport Club Internacional. A rivalidade entre os dois times é muito marcante e figura entre os maiores clássicos do futebol nacional, em função de praticamente dividir o estado do Rio Grande do Sul entre gremistas e colorados.

²⁴⁰ COLIGAY. *Zero Hora*. Porto Alegre, 09 mai. 1977. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p. 35.

A torcida Coligay é tão **organizada** que todos os seus integrantes têm que preencher vários requisitos: - Nome, data de nascimento, estado civil, nome do cônjuge e profissão: - Lia, a esquizofrênica. Dia de qualquer mês. Casada. Valdemarino Santos. Rua das Flores. É a quarta casinha da direita pra quem sobe. Na porta tem um retrato do Wanderlei Cardoso. Quanto à profissão bota aí: prendas domésticas.²⁴¹

Analisando as suas características e as contrastando com estudos teóricos da temática, pode-se entender que se trata de uma torcida verdadeiramente organizada. Toledo define o conceito enquanto fenômeno social constituído por coletivos que compartilham um conjunto de códigos comuns, como roupas, adereços, cores, expressões, distintivos e cantos. O autor entende as torcidas organizadas enquanto grupos que dispõem de uma sociabilidade singular, conduzidos por normas próprias de pertencimento e afinidade.²⁴² Dentre os elementos de identificação da Coligay, há também a marcante presença da uniformização de seus membros através de acessórios culturalmente identificados enquanto pertencentes ao universo feminino, como perucas, chapéus, brincos e maquiagem, os caftãs²⁴³ tricolores que se tradicionalizaram na torcida em substituição à camiseta do clube, além das faixas, bandeiras e cantos, habituais em todas as torcidas organizadas. Nesse sentido, a particularidade da Coligay era que, além dos aspectos convencionais a seus congêneres, usufruía ainda, em grande proporção, de ingredientes contestadores da ordem de gênero vigente neste espaço. Em entrevista a Léo Gerchmann, Volmar recorda a questão destes vestuários que marcaram a trajetória da torcida:

mandei fazer uns caftãs com as letras do time em que cada um escolhia a sua. Além disso, depois, em cada jogo cada um usava a sua imaginação para bolar algo diferente como vestimenta, o que fez tanto sucesso e provocou tanta polêmica que, sem dúvida, a torcida Coligay era a grande atração nos jogos do Grêmio, tanto em Porto Alegre quanto em todos os outros lugares onde o time jogasse.²⁴⁴

Outra característica perceptível na Coligay incide sobre a figura do Volmar, que não só foi o idealizador e o responsável pelo surgimento desta torcida, como também pode ser visto como um torcedor-símbolo do grupo, em torno do qual se agrupam o restante dos sujeitos pertencentes ao coletivo. Esta estrutura na qual se constituiu a Coligay é uma característica, segundo Toledo, da primeira fase das torcidas organizadas no Brasil, onde “os agrupamentos de torcedores eram vinculados aos times, geralmente a alguém envolvido com a organização institucional do futebol (político, dirigente, funcionário de ligas ou federações de futebol) ou ainda oriundos da atividade e do empenho pessoal de alguns indivíduos”.²⁴⁵ O fato curioso é que neste período, ao longo da década de 1970, de acordo com os argumentos do

²⁴¹ NOBRE, C. Entrevistado no seio da torcida Coligay. *Zero Hora*. Porto Alegre, 31 mai. 1977. Seção Humor, p. 47, grifo meu.

²⁴² TOLEDO, 1996, p. 112.

²⁴³ Espécie de túnica larga de mangas esvoaçantes, peça típica do vestuário feminino na época.

²⁴⁴ GERCHMANN, op. cit., p. 74.

²⁴⁵ TOLEDO, op. cit., p. 22.

autor, já estava vigente uma segunda fase onde as torcidas organizadas se constituem enquanto “agrupamentos que fazem a medição entre o anonimato da condição de indivíduo-torcedor e a indiferença de pertencer à massa torcedora”²⁴⁶, o que demonstra que esta periodização criada por Toledo não dá conta de enquadrar a Coligay.

Através de suas atuações e de toda a disposição e o preparo que as antecedem, a Coligay se revela enquanto uma verdadeira e completa torcida organizada do Grêmio Football Porto Alegre. O grupo possuía uma rotina de ensaios semanais: nos sábados à tarde encontravam-se na boate Coliseu para planejar suas aparições, treinar os integrantes da charanga²⁴⁷, produzir faixas e confeccionar adereços. Durante as preparações, preocuparam-se também com a questão da segurança aos seus integrantes, por entenderem o risco que assumiam ao invadir um espaço dominado por uma masculinidade hegemônica baseada na virilidade e violência. Para prevenir do perigo, Volmar optou por colocar “todo mundo numa academia de karatê para aprenderem a se defender”²⁴⁸, para caso de “uma eventualidade, se precisássemos enfrentar os machões”²⁴⁹. Bem treinados, os membros da Coligay precisaram utilizar dos atributos aprendidos em uma única vez, “foi quando um cara atirou pedras em nossa direção. Mas rapidinho botamos o sujeito pra correr do estádio”.²⁵⁰ Volmar relembra o episódio, onde alguns fatos se alteram, em entrevista à Gerchmann:

A lembrança negativa foi do dia em que a torcida do Gaúcho de Passo Fundo, por meio de **alguns integrantes preconceituosos**, atirou objetos na Coligay quando entramos no estádio para assistir ao jogo contra o Grêmio. **Os componentes da Coligay subiram as arquibancadas e deram uma surra nesses torcedores, que passaram a maior vergonha da vida deles.**²⁵¹

Apropriando-se do conceito de Chauí de que existem diversas estratégias que indivíduos subalternos podem desenvolver como alternativa de resistir às opressões impostas a eles, pode-se entender estas práticas de karatê como uma alternativa de resistência encontrada pela Coligay para transpor as violências que possivelmente seriam orquestradas contra si por contrapor as normas de masculinidade vigentes no futebol.²⁵²

²⁴⁶ Ibid., p. 43.

²⁴⁷ Charanga refere-se a uma banda musical normalmente formada apenas por instrumentos de sopro. No caso da Coligay, a charanga também era acompanhada por percussões. Seus membros, em sua maioria contratados, se organizavam para conduzi-la dentro do estádio, empolgando a torcida para apoiar o time durante o jogo inteiro.

²⁴⁸ Entrevista concedida à Revista ESPN em 2011. Ver mais em: http://www.espn.com.br/noticia/190329_atetorcedores-do-inter-tentaram-entrar-relembra-fundador-da-primeira-torcida-gay-do-gremio. Acesso em 08 de junho de 2018.

²⁴⁹ GERCHMANN, op. cit., p. 74.

²⁵⁰ Entrevista concedida ao jornal El País, em 2017. Ver mais em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/deportes/1491595554_546896.html. Acesso em 12 de junho de 2018.

²⁵¹ GERCHMANN, op. cit., p. 188, grifos meus.

²⁵² CHAUI, op. cit.

Apesar de almejar um reconhecimento do clube, que se caracterizava muito mais por uma questão política, identitária e de afirmação de espaço, a Coligay era classificada pelos seus próprios membros enquanto uma “torcida totalmente independente” da diretoria e não abriam mão disto. Afirmavam que estavam ali para auxiliar o Grêmio e não para serem dependentes dele, orgulhando-se de ser “torcedores como outros quaisquer” e sempre pagar todos os seus ingressos aos jogos.²⁵³

Outro grande objetivo da Coligay era seguir à risca o maior lema gremista e andar com o Grêmio, onde o Grêmio estivesse.²⁵⁴ Propósito que também é exaltado no hino da Coligay, versão composta com base no hino oficial do clube: “Nós somos da Coligay; com o Grêmio eu sempre estarei. Rebola pra frente, campeão novamente. É Grêmio, força e tradição. Sou tricolor pra valer, pra vibrar e vencer, para o que der e vier. *Nós, Coligay de pé-quente, estaremos presente onde o Grêmio estiver*”.²⁵⁵ Para isto, com suas economias, a torcida chega a adquirir “uma kombi para viagens ao interior”, que muitas vezes não é suficiente, optando-se por fretamento de transporte, como indica a nota publicada na coluna Bola Dividida que avisa que a “Coligay [estava] se preparando para uma excursão a Passo Fundo [...] Um ônibus super-luxo partirá as cinco horas da manhã de domingo [...]”²⁵⁶. Mas os planos da torcida cresciam junto com ela, que afirmava ir “de ônibus alugado para o interior. Mas talvez a gente compre um micro-ônibus para o grupo”.²⁵⁷

Os *coliboys*, como eram denominados por Volmar, acompanharam o Grêmio por todo o interior do Estado, como reforçado pela ZH que cita que “todas as vezes que o Grêmio joga no interior, a torcida Coligay acompanha o time”²⁵⁸, e ocasionalmente também fora dele, como sugere a nota da ZH que diz que “A Coligay, cada vez mais famosa, já decidiu: no Campeonato Brasileiro, só acompanhará o Grêmio fora do Rio Grande do Sul se o jogo for muito importante.”²⁵⁹. A definição de “jogo importante” parece ter sido atualizada a partir do momento em que o time passou da primeira fase do campeonato, pois a publicação de uma nova nota apontava que a torcida prometia “empurrar o time do Grêmio na próxima fase do

²⁵³ BUENO, E. Coligay – Grêmio está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 44.

²⁵⁴ Trecho do refrão do hino oficial do Grêmio, composto por Lupicínio Rodrigues no ano de 1953, que cita “mas o certo é que nós estaremos com o Grêmio onde o Grêmio estiver”.

²⁵⁵ Ouvir em: https://www.youtube.com/watch?v=LW-ciOPp_r4. Acesso em 17 de junho de 2018.

²⁵⁶ ZERO HORA. Porto Alegre, 20 out. 1978. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p. 40.

²⁵⁷ O GRITO (alegre) da Coligay ajudou o Grêmio a ser campeão. *Zero Hora*. Porto Alegre, 02 out. 1977. Caderno Esportes/Especial, p. 50.

²⁵⁸ COLIGAY BENEFICENTE. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 ago. 1977. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p. 34.

²⁵⁹ COLIGAY pé-quente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 28 set. 1977. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p. 41.

campeonato nacional, com muitos gritos e desmaios. **E não só em Porto Alegre**, porque a Coligay decidiu acompanhar o time nas viagens devidamente uniformizada [...]”²⁶⁰

As atuações da Coligay em prol do clube não se limitavam à torcida em dias de jogos. Participaram ativamente das pautas que rondavam o Grêmio, como por exemplo as eleições para presidente ocorridas em dezembro de 1978, onde apoiaram a reeleição de Hélio Dourado, conforme atestado pelo jornal ZH.

Agita-se a irrequieta torcida ‘Coligay’ em torno da recondução de Hélio Dourado à presidência do Grêmio. E, segundo seu líder, Volmar Santos, estará representada hoje à noite no meio de aproximadamente mil torcedores que estarão no pátio do estádio Olímpico, para gritar o nome de Dourado.²⁶¹

Houve também, neste período uma grande campanha de arrecadação de fundos e materiais de construção para a finalização do anel superior do Estádio Olímpico, propagandeada como “*campanha do cimento*”, na qual a Coligay participou ativamente, arrecadando dinheiro com promoção de festas e instigando a doação de tijolos aos torcedores gremistas. Volmar chegou, inclusive, a noticiar no jornal um “apelo da torcida Coligay aos simpatizantes de seus requebros e demais torcedores: quem for amanhã ao Olímpico, assistir Grêmio e São Borja, deve levar um tijolo, colaborando, assim, para a conclusão das obras do estádio Olímpico”²⁶² As ações do grupo, assim como a sua fama, ultrapassaram os limites do futebol, atingindo a sociedade gaúcha de outras maneiras. A Coligay envolveu-se em ações de assistência social, que podem ser percebidas através de notas, publicadas na ZH, pedindo apoio. Um destes atos beneficentes, sucedido em agosto de 1977, foi motivado por uma enchente ocorrida em Pelotas.

a Coligay pretende levar agasalhos, roupas e sapatos para os flagelados da enchente que atingiu a cidade. No domingo, durante o Gre-Nal eles já estavam recolhendo os primeiros donativos. Hoje, a campanha continua. Os integrantes da torcida pedem para que qualquer pessoa que tenha em casa roupas velhas, agasalhos ou até mesmo gêneros alimentícios e que deseje colaborar, entregue tudo na boate Coliseu [...]”²⁶³

Em outra ocasião, relata-se uma ação social empreendida com o intuito de auxiliar as vítimas de um temporal ocorrido na cidade de Viamão.

A torcida ‘Coligay’ entrega-se momentaneamente a um trabalho de assistência social. Para auxiliar moradores do município de Viamão, prejudicados pelo temporal da semana passada, vai montar um esquema especial de recolhimento de donativos, quinta-feira à noite, durante o jogo de Grêmio e Caxias. Espera-se que

²⁶⁰ COLIGAY. Zero Hora. Porto Alegre, 16 jul. 1978. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p. 59, grifo meu.

²⁶¹ ZERO HORA. Porto Alegre, 28 dez. 1978. Caderno Esportes, Coluna ZH Esportes, p. 40.

²⁶² COLIGAY. Zero Hora. Porto Alegre, 30 set. 1978. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p. 38.

²⁶³ COLIGAY BENEFICENTE. Zero Hora. Porto Alegre, 16 ago. 1977. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p. 34.

os torcedores contribuam com roupas, sapatos e alimentos. Só não se aceitará dinheiro.²⁶⁴

Não demorou muito, a partir da sua criação, para a existência da Coligay repercutir nacionalmente. A ZH, percebendo o fato, vai logo argumentar que “surgiram matérias na revista Placar, na respeitada Veja e em muitos Jornais de todo o país” e reproduz o que aponta ser o questionamento de todos as colunas gays destes jornais: “Quando que Rio, São Paulo, Salvador e as outras capitais brasileiras aprenderão o exemplo dado pela Coligay?”. A estas questões, a resposta de Volmar era curta: “Nós revolucionamos todo o Brasil”.²⁶⁵

A atuação da Coligay e o seu pioneirismo enquanto uma torcida autoafirmada homossexual, percorrendo os estádios do Rio Grande do Sul e por vezes até indo parar em outros estados, mostrando ser possível ocupar este espaço culturalmente tido como masculino, viril e heterossexual, vai incentivar o surgimento de diversos grupos congêneres por todo o país. Dentre estes novos grupos, o principal e talvez o mais próximo de conseguir se estabelecer, a exemplo da incentivadora Coligay, foi a Fla-gay, torcida autoafirmada homossexual do Flamengo, idealizada pelo carnavalesco Clóvis Bornay, em 1979. Essa chegou inclusive a ser mencionada em nota na ZH que dizia que a Coligay iria “enviar um telegrama de felicitações a Clóvis Bornay pela criação da Fla-gay”, entretanto o grupo não conseguiu resistir às pressões do clube e dos torcedores flamenguistas, e também não contou com o fator “sorte ao time”, o que o impediu de seguir os passos da Coligay. Houve ainda, outras tentativas de criação de torcida homossexual, como a FoGay, no Botafogo; a Raposões Independentes, no Cruzeiro; a Baleia Gay, no Santos; a Galogay, no Atlético Mineiro; e a Bragay, no Brasão de Muriaé. Apareceram iniciativas semelhantes também no interior do estado, como a Maré Vermelha, no Internacional de Santa Maria; a Leão-Gay, no São Paulo de Rio Grande; e a Lobogay, no Pelotas. Algumas destas torcidas chegaram a ocupar brevemente os estádios, outras nem isso, mas nenhuma delas, além da Coligay, conseguiu resistir às opressões impostas por torcidas e direções dos clubes.

3.3 Conflitos identitários – a atuação política da Coligay

Parece evidente o fato de que o objetivo, ao menos o principal, da Coligay estava conectado ao futebol, especificamente ao ato de torcer. Entretanto, tratava-se de um torcer notoriamente autoafirmado homossexual. Como já mencionado anteriormente, a presença de homossexuais na torcida do Grêmio não era por si só uma novidade. Volmar, em entrevista à

²⁶⁴ COLIGAY (1). *Zero Hora*. Porto Alegre, 15 nov. 1978. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p. 56.

²⁶⁵ O GRITO (alegre) da Coligay ajudou o Grêmio a ser campeão. *Zero Hora*. Porto Alegre, 02 out. 1977. Caderno Esportes/Especial, p. 50.

Placar fala que “toda essa turma que está aí já vinha ao estádio há muito tempo, e a única diferença é que agora, estamos reunidos, torcendo numa boa, na nossa”. É bem verdade que há exageros nesta generalização. Fato que ele mesmo explicita posteriormente quando diz a João Antônio Mascarenhas, repórter do *Jornal Lampião da Esquina*, que muitos dos membros tiveram que aprender algumas noções básicas do esporte, pois não estavam familiarizados, já que “bicha não entende nada de futebol, não sabe nem o que é o Grêmio, nem o que é o Internacional. Tem que ser ensinada até a torcer por um ídolo do time”.²⁶⁶ Outro membro, Frank, que também era “responsável por um show de dança e expressão corporal” na Coliseu, reitera essa hipótese dizendo: “o pior é que eu nem gosto de futebol [...] mas eu venho aqui para ajudar os rapazes”.²⁶⁷ Entretanto, para construir este discurso de pertencimento ao ambiente, anteriormente à existência da Coligay, Volmar usa da sua experiência própria e a de alguns de seus pares. Portanto, uma certa parcela destes torcedores já frequentavam os jogos do Grêmio, mas ainda não haviam afirmado sua homossexualidade publicamente neste espaço. O ineditismo surge, então, a partir da organização destes homossexuais enquanto grupo fundador de uma torcida que especifica esta condição que os une.

Inicialmente, havia uma norma de que para compor a Coligay era obrigatório que se fosse gay e gremista.²⁶⁸ Esta exigência nos permite perceber a sexualidade como um elo identitário comum entre os membros desta torcida, sujeitos inseridos em um ambiente de reprodução de formas de ser e agir enquanto seres masculinos que diverge do representado por eles. É como se, ao menos neste espaço, masculinidade e homossexualidade fossem faces opostas de um binarismo, tornando inexistente qualquer espaço de reprodução do discurso que a Coligay pretendia sustentar.

A torcida apesar de declarar-se homossexual, inserindo o termo *gay* em seu nome, não era completa e exclusivamente formada por homens gays. Havia também mulheres e, em menor número, homens heterossexuais simpatizantes da causa, e até mesmo alguns curiosos que eram aceitos no grupo desde que respeitassem as regras de comportamento que Volmar afirmava exigir “que todo o grupo cumpra”²⁶⁹. Na reportagem escrita por Eduardo Bueno, é relatada esta aderência: “Tantas inovações na maneira tradicional de torcer causam espanto e

²⁶⁶ MASCARENHAS, J. A. Noticiário Esportivo (2). *Lampião da Esquina*, Ano 1, nº 3, Rio de Janeiro, jul/ago 1978, p. 05.

²⁶⁷ BUENO, E. Coligay – Grêmio está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 45.

²⁶⁸ Esta regra com o tempo será mudada, não era mais necessário ser gremista, desde que também não fossem colorados. A flexibilização das normas também incide sobre a questão da sexualidade, se passa a aceitar homens e mulheres heterossexuais, desde que estes simpatizem com o grupo.

²⁶⁹ GERCHMANN, op. cit, p. 75.

curiosidade aos outros torcedores que vão chegando ao estádio. Em pouco tempo, Coligay já está cercada por muitos curiosos. Alguns não resistem e entram no samba. São aceitos.”²⁷⁰

Divino Fonseca diz em sua reportagem que “em sua ânsia de organização, a Coligay não se vexa de recorrer a machões”²⁷¹, referindo-se a alguns destes homens heterossexuais que estavam ali por terem sido contratados pelo Volmar para cumprir algum papel em específico. Contudo, mesmo estes que estivessem sendo pagos, tinham que entrar nas normas de convivência do grupo, afinal, de certa maneira, acabavam sendo parte integrante do mesmo e identificados externamente como tal. Como era o caso do percussionista Neri Soares Gonçalves, também conhecido como Mestre Neri Caveira²⁷², que fora contratado “por 2 mil cruzeiros mensais [...] para botar ordem na charanga”.²⁷³ O filho do percussionista, entrevistado por Gerchmann, afirma que “além dele, que era o chefe, havia outros heterossexuais na charanga”.²⁷⁴ Neri, em entrevista a Eduardo Bueno, pela ZH, cita que sofrera alguns preconceitos de seu círculo de convivências, que o fez algumas cobranças como se a sua sexualidade fosse ser alterada com o ingresso na Coligay. Em resposta, o mestre da charanga utiliza o espaço dedicado a ele para afirmar sua heterossexualidade, inclusive de uma maneira questionavelmente vinculada à masculinidade (o que pode demonstrar que, mesmo aqueles que demonstravam empatia à causa, chegando a integrar a torcida, exerciam certos preconceitos estereotipados contra ela) enquanto justifica suas motivações para aceitar integrar o grupo.

Outro dia desses, eu cheguei em casa e minha família e os meus amigos vieram me intimar, mostrando o que os jornais diziam de nossa torcida. Eu só quero dizer uma coisa: **eu sou homem, e homem mesmo**. [...] Eu sou apenas amigo do pessoas [...] me sinto bem entre eles e sou gremista. Por isso aceitei participar do grupo e ser o chefe da charanga. Estamos indo cada vez melhor e em breve teremos a melhor charanga do Rio Grande do Sul.²⁷⁵

Conforme mencionamos no capítulo anterior, na época em questão incidiam preconceitos não só da sociedade para com as homossexualidades, mas também internamente ao próprio grupo, principalmente entre gays e travestis. As travestis sempre foram vistas

²⁷⁰ BUENO, E. Coligay – Grêmio está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 45.

²⁷¹ FONSECA, D. Para o que der e vier. *PLACAR*, nº 370, 27 mai. 1977, p. 49.

²⁷² O Mestre Neri Caveira foi um aclamado percussionista porto-alegrense, músico consagrado no samba e no nativismo e importante figura da cena carnavalesca da capital. Passou por diversas escolas de samba, mas alcançou a fama e as glórias como mestre de bateria da Imperadores do Samba, escola que ganhou seu coração e sua fidelidade até a sua morte, no ano de 2014. Por ter sido um dos maiores mestres de bateria do carnaval gaúcho, o mestre Neri Caveira foi homenageado pela Liga Independente das Escolas de Samba de Porto Alegre (LIESPA), que batizou com o seu nome o recuo da bateria do Porto Seco.

²⁷³ FONSECA, D. Para o que der e vier. *PLACAR*, nº 370, 27 mai. 1977, p. 49.

²⁷⁴ GERCHMANN, op. cit., p. 86.

²⁷⁵ BUENO, E. Coligay – Grêmio está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 45, grifo meu.

enquanto sujeitos abjetos²⁷⁶, constituindo-se como vítimas de marginalização social, até mesmo nos espaços homossexuais, por conta das suas identificações divergentes que, em um contexto em que as questões de gênero e sexualidade ainda não se separavam plenamente, poderiam sustentar os preconceitos baseados na ideia de que todo homem homossexual almejava tornar-se mulher. A reprodução deste fato pode ser percebida na Coligay.

Apesar de as travestis terem sido importantes frequentadoras e, sobretudo, as principais atrações de destaque nas noites promovidas pela Coliseu, havia uma restrição declarada à presença delas na Coligay. Volmar Santos explicita publicamente, em declaração à Placar: “Travesti, aqui não entra. Aí seria avacalhação”.²⁷⁷ Esta censura destinada às travestis pode ser percebida enquanto uma evidência sobre a necessidade de uma identificação coletiva, buscando determinar uma diferenciação entre performances possíveis neste espaço, englobando sujeitos como os homossexuais de “fino trato” citados por Volmar, e impossíveis, neste caso, bem especificadamente as travestis. Outra influência nesta recusa à participação de travestis na Coligay pode ter sido o esforço feito pelo grupo em busca de aceitação enquanto torcida legítima pelos sujeitos que compunham o ambiente futebolístico. Através destas constatações, podemos perceber que, apesar de contestá-la, a Coligay acaba por, em certos sentidos, reproduzir normas de comportamento da sociedade. Dentro dos limites impostos entre os membros, um deles era considerar que o comportamento das travestis exorbitava o consentido pelo grupo.

Entretanto, recentemente em entrevista a Marcus Alves, da Revista ESPN, Volmar muda drasticamente o seu discurso referente à restrição a travestis na Coligay dizendo que eles não eram aceitos “apenas por questão de segurança, para que eles não fossem agredidos”²⁷⁸, argumentando que em razão da ostensividade das vestes, corriam riscos de se tornarem vítimas de violência. Todavia, esta nova justificativa não aparenta fazer muito sentido, já que a insegurança era uma preocupação constante de Volmar, que se precava arranjando táticas de combatê-la, como foi o caso do karatê. O que pode ser percebido em um trecho de sua entrevista ao Gerchmann, quando diz que “sabia que iríamos encontrar dificuldades, pois na época era o fim do mundo os gays irem a um estádio de futebol torcer, porque havia muita discriminação. [...] Coloquei para todos o perigo que estávamos correndo

²⁷⁶ “O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito”. BUTLER, 2000, p. 155.

²⁷⁷ FONSECA, D. Para o que der e vier. *PLACAR*, nº 370, 27 mai. 1977, p. 50.

²⁷⁸ Entrevista concedida à Revista ESPN em 2011. Ver mais em: http://www.espn.com.br/noticia/190329_atetorcedores-do-inter-tentaram-entrar-relembra-fundador-da-primeira-torcida-gay-do-gremio. Acesso em 08 de junho de 2018.

e todos aceitaram”.²⁷⁹ Se a preocupação com os perigos do machismo existia também para os gays e estava posta desde o início para todos, tanto que se buscou alternativas de transpô-las, esta prática poderia ser facilmente estendida às travestis, caso houvesse interesse na presença delas na torcida, ou então as mesmas poderiam ser protegidas por estes que já estavam treinados para tal. Por conta destes fatos, acreditamos que esta declaração recente de Volmar seja mais uma tentativa de reparação da reprodução de preconceitos pelo grupo do que uma justificativa atemporal a respeito do fato.

O fato do surgimento da torcida ter se dado dentro de uma das maiores boates porto-alegrenses voltadas ao público de homossexuais e, principalmente, em função deste vínculo ter se fixado ao longo da existência da mesma que, inclusive, o expõem na nomenclatura escolhida para identificação própria, serve como indicativo de que, inserida em um contexto histórico mais amplo, a Coligay é responsável por levar a prática do desbunde ao mundo futebolístico. Conforme já citado no capítulo anterior, durante a década de 1970 ganhou força um movimento contestador das normas sociais que incidiam fortemente sobre uma heteronormatividade ideal. A composição de um esfera de ascensão cultural e artística, pautada por uma maior fluidez das performances de gênero e sexualidade, que desencadeia uma conquista de espaço social e um certo avanço na visibilidade pública destes sujeitos é iniciada no eixo Rio-São Paulo, estendendo-se para outros estados. Em Porto Alegre, apesar das poucas pesquisas a respeito, podemos identificar esta incidência do desbunde através do sucesso alcançado tanto pela Flower’s, quanto pela Coliseu. A ligação entre o desbunde e a Coligay já pode ser sutilmente percebida em uma reportagem da *Veja*, ainda em 1977, que expõe que “em Porto Alegre, afinal, a singular expansão de estabelecimentos do setor desaguou, recentemente, na criação da Coligay – a torcida declaradamente homossexual do Grêmio Porto-Alegrense, com 150 adeptos”.²⁸⁰

A Coligay, apesar de seu intuito inicial estar centralizado em “torcer pelo Grêmio”, acaba por levar as contestações e as performances características da prática de desbundar para as arquibancadas, ligando-a ao ato do torcer. Trevisan entende a radicalidade e a transgressão das normas de gênero, características principais do desbunde e identificáveis na Coligay, como atitude política, constituindo-se enquanto mais uma das variadas maneiras de resistência desenvolvida pelos homossexuais para enfrentar o autoritarismo exercido pela ditadura civil-militar brasileira.²⁸¹ Assim, - como foi tão defendido pelo Volmar que dizia estar renovando

²⁷⁹ GERCHMANN, op. cit., p. 74.

²⁸⁰ UM GAY POWER a brasileira. *Revista Veja*, nº 468, 24 ago. 1977, p. 67.

²⁸¹ Trevisan, op. cit, p. 284.

as maneiras de torcer, e ressaltado pelos veículos de comunicação analisados, que afirmavam ser um “incentivo diferente”²⁸², muito provavelmente em busca de distinguir os membros desta torcida dos demais torcedores e, principalmente, da sua masculinidade hegemônica - a Coligay trouxe realmente uma inovação nas práticas de torcer: era um torcer desbundado.

Concomitante a este desbundar, estava em ascensão um princípio de organização do movimento homossexual na sociedade brasileira. O movimento pelos direitos humanos, que já estava em um estágio bastante avançado no exterior, e que por conta da ditadura civil-militar havia se desmobilizado no Brasil, começa a se constituir a partir da volta de exilados que passam a pôr em prática as experiências vividas em outros países.²⁸³ Através das fontes analisadas, foi possível identificar um certo conflito da Coligay quanto à sua própria identificação perante este movimento organizado, que na mídia será denominado de *gay power*.²⁸⁴

Volmar afirmava, sempre que possível, que a causa da Coligay era clubista, como proclama à ZH, singularizando o seu objetivo em “queremos só torcer e ajudar o Grêmio”²⁸⁵, e reitera logo depois à Placar declarando que “antes de tudo somos gremistas, que vibramos de paixão pelo nosso clube”²⁸⁶. Todavia, nestas mesmas reportagens, e em algumas outras, versa a respeito do movimento gay, misturando suas opiniões pessoais com as do grupo e deixando dubiedade no ar quanto à Coligay nesta questão. O fundador é enfático ao afirmar “não somos um grupo de vanguarda do movimento gay”, mas ao mesmo tempo, demonstra que também não estão somente inseridos no ambiente futebolístico, alienando-se do que os seus pares vêm discutindo, pelo contrário, têm ciência e um certo aprofundamento que o faz afirmar: “concordamos com o movimento, mas aí é outra história”²⁸⁷.

Se nossa análise parasse por aqui, pareceria facilmente perceptível que, apesar de seus membros estarem inteirados e concordarem com as motivações que estavam gerando o impulso para o movimento homossexual, enquanto grupo, a Coligay não integrava a causa. Porém, há outros fatos que se relacionam, como a declaração de Volmar referente ao fator

²⁸² BUENO, E. Coligay – Grêmio está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 44-45.

²⁸³ É válido, para entender este contexto no exterior, lembrar que a pauta dos direitos humanos, neste período, foi um dos pontos norteadores da política exercida por Jimmy Carter, que presidiu os Estados Unidos da América entre 1977 e 1981.

²⁸⁴ Gay Power é a denominação pela qual ficou conhecido o movimento pela luta de direitos aos homossexuais nos Estados Unidos da América. O termo foi importado para o Brasil, por conta do movimento que ocorria aqui ser fortemente influenciado pelos EUA, e não ter se criado um termo que o definisse.

²⁸⁵ BUENO, E. Coligay – Grêmio está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 44, grifo meu.

²⁸⁶ FONSECA, D. Para o que der e vier. *PLACAR*, nº 370, 27 mai. 1977, p. 49.

²⁸⁷ BUENO, E. Coligay – Grêmio está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 44.

financeiro da Coligay que, em pouco mais de um mês de existência, já chamava a atenção. De acordo com a ZH: “A Coligay parece ser a torcida bem favorecida economicamente. O seu patrimônio já é razoável. Possuem uma Kombi própria para as viagens ao interior, já investiram mais de Cr\$ 20 mil na sua charanga, todos os participantes recebem entradas e lanches gratuitamente”.²⁸⁸ Ao explicar a origem da estabilidade financeira que possibilitava o investimento e, conseqüentemente, o crescimento da torcida, Volmar revela: “Somos sustentados pelo movimento gay de Porto Alegre”.²⁸⁹ Conclui-se que, se o movimento, ou mesmo os seus ativistas, desembolsam valores que poderiam ser bem utilizados em causa própria para amparar e fortalecer a Coligay, é porque, ainda que inconscientemente, ela é de alguma maneira representativa para o movimento. Embora pareça haver uma certa consciência deste envolvimento, pois o próprio Volmar relata que “pela primeira vez, num Estado machista como o nosso, os homossexuais se manifestam em público. Não é pouca coisa, não? Às vezes, chego a ficar assustado. Mas pelo que já se viu, Porto Alegre está madura para nos aceitar”.²⁹⁰ Apesar do otimismo demonstrado pelo líder do grupo, não havia tanto “amadurecimento” na sociedade porto-alegrense, como veremos mais à frente.

O jornal *Lampião da Esquina*, o qual citamos no capítulo anterior destacando a sua importância para a construção do movimento homossexual brasileiro, possuía uma seção denominada “Escolha seu grupo” destinada a propiciar visibilidade aos grupos organizados no país e fomentar o surgimento de novas organizações. Em dezembro de 1980, o *Lampião* insere a Coligay na seção e, em outro espaço justifica esta inserção, pedindo desculpas por não ter reconhecido anteriormente o seu ativismo e declarando que os considera “verdadeiros Panteras Negras” por encarar o ambiente dos estádios.

e viva, também, o que acaba de entrar na lista, o Coligay, que surgiu antes dos outros mas que tinha sido, até aqui (pedimos desculpas pelo nosso preconceito), esnobado por nós: comparados com certos ativistas homossexuais que se escondem debaixo da mesa quando vêem um fotógrafo, ou que só se apresentam em recintos fechados e sob pseudônimo, vocês, turma da Coligay, que desfraldam suas bandeiras em estádios ocupados por mais de 80 mil pessoas, são **verdadeiros Panteras Negras**.²⁹¹

Há também, na mesma edição do *Lampião*, a publicação de uma carta-resposta à manifestações de leitores do jornal veiculadas na Seção Cartas na Mesa da edição nº 27. Neste espaço foram registradas reclamações a respeito da falta de um grupo gay em Porto Alegre, nos mesmos moldes dos existentes no centro do país. Nesta carta-resposta, assinada por Luiz

²⁸⁸ Ibid., 44.

²⁸⁹ Ibid., p. 44.

²⁹⁰ FONSECA, D. Para o que der e vier. *PLACAR*, nº 370, 27 mai. 1977, p. 50.

²⁹¹ SILVA, A. Lampiônicos: ativistas, astronautas?. *Lampião da Esquina*, Ano 3, nº 31, Rio de Janeiro, dez. 1980, p. 12, grifo meu.

Roberto Machado e Milton Bordini Silva, que diziam responder “pelo Grupo Coligay”, incide o espanto diante da cobrança acerca da constituição de grupos ativistas na cidade e através da sua argumentação, pode-se inferir alguns fatos perceptíveis da consciência identitária presente nestes membros da torcida.

Infelizmente, tem pessoas que ou não são bem informadas, ou pouco conhecem das coisas que as rodeiam; em Porto Alegre, terra de conhecidos machões, há quatro anos existe o mais famoso e comentado grupo guei do Brasil: a nossa fabulosa torcida Coligay, do Grêmio Porto-alegrense. **Estamos aqui, vivos, lutando dentro dos estádios de futebol, nas arquibancadas, por nossos direitos** – o direito de nascer e viver como homossexuais; pois, como todos os seres vivos deste planeta, estamos aí, na luta, à espera de todos aqueles que queiram assumir sua condição. [...] Queremos é ver se todos os que reclamam da falta de união do guei gaúcho têm coragem de assumir como nós, no meio do povo, sua condição.²⁹²

A Coligay, através de suas práticas acabava por exercer uma maneira de resistência, contrapondo a masculinidade hegemônica vigente no futebol, que busca historicamente naturalizar uma determinada hierarquização no ambiente e, sobretudo, uma forte estigmatização de gêneros e sexualidades que não se ajustam aos padrões estabelecidos neste espaço. A ação política, de acordo com Rancière, possibilita que estes indivíduos enquadrados nas margens de convenções sociais executem práticas discursivas questionadoras que expõem que os códigos e as normativas responsáveis por regulamentar as relações no universo futebolístico não são fruto de um “caráter natural”, e sim de uma construção cultural.²⁹³

A atividade política é a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha lugar o barulho, faz ouvir como discurso o que era só ouvido como barulho. (...) Espetacular ou não, a atividade política é sempre um modo de manifestação que desfaz as divisões sensíveis da ordem policial ao atualizar uma pressuposição que lhe é heterogênea por princípio, a de uma parcela dos sem-parcela que manifesta ela mesma, em última instância, a pura contingência da ordem, a igualdade de qualquer ser falante com qualquer outro ser falante. Existe política quando existe um lugar e formas para o encontro entre dois processos heterogêneos.²⁹⁴

A formação da Coligay, no contexto em que se insere, a aquisição de espaço entre os frequentadores do estádio, e também a maneira como se apropria da identidade de torcida através de manifestações culturais e artísticas dos sujeitos membros, podem ser percebidas enquanto uma forma de ativismo político que propõe subverter este ambiente tido como hegemonicamente masculino heterossexual. Neste sentido, e seguindo a teoria de Rancière, pode-se dizer que o grupo produz uma prática discursiva em oposição aos ideais hegemônicos vigentes no ambiente em que se inserem, empenhando-se em desestruturar a noção de “efeito

²⁹² MACHADO, L. R.; SILVA, M. B. Bandeiras Desfraldadas. *Lampião da Esquina*, Ano 3, nº 31, Rio de Janeiro, dez. 1980, p. 12, grifos meus.

²⁹³ RANCIÈRE, 1996.

²⁹⁴ RANCIÈRE, op. cit., p.42-43.

de destino que a categorização estigmatizante produz”²⁹⁵, visando uma reconfiguração das relações de poder. A carta-resposta publicada no *Lampião* torna perceptível que, na visão de seus membros, a Coligay não era somente um grupo de homossexuais voltados ao futebol, mas também um grupo ciente da necessidade de atuação política através da conscientização social em todos os âmbitos, para além das formas de luta pautadas pela esquerda partidária.

Queremos, através do *Lampião*, avisar aos gueis ou não de todo o Brasil que estamos aqui à espera de todos. **Existe muito mais que um grupo guei no Rio Grande do Sul; existe, sim – uma consciência do guei em relação à sociedade, uma conscientização grande e espontânea, através do principal esporte brasileiro, o futebol.** E nós temos consciência total dos problemas dos gueis do Brasil, mas achamos que, pra começo de conversa, temos que lutar pelo direito a forma de agrupamento que convém a cada um; e achamos, também, que a união é fundamental.²⁹⁶

Volmar, já em 1977, demonstrava uma certa inclinação a esta ideia de que a Coligay tinha sim um papel político, dentro do contexto ao qual se propunha e também para além dele, como acabaram por atingir. Ele afirmava que enquanto grupo estavam “satisfeitos com o fato de termos vencido os preconceitos. Os gay devem ter liberdade de expressão, e de certa forma nós conseguimos isto. Nosso sucesso foi absoluto, em todas as área de atuação. Agora, as pessoas já estão mais abertas à classe”.²⁹⁷ Aparentemente, este conflito de identidade se insere como uma estratégia de autopreservação, para tornar possível a sua sobrevivência frente ao conservadorismo e a homofobia presente nos espaços futebolísticos. O que se corrobora com o fato da carta-resposta apresentada a um jornal destinado ao público gay apresentar um conteúdo tão mais incisivo do que os discursos feitos à ZH, jornal de grande circulação na sociedade.

3.2 “Cumé que tanta frescura pode ser tão pé quente?”: A amuletização da Coligay, da aversão à tolerância.

Com o aparecimento da Coligay naquele abril de 1977, e à medida em que a mesma demonstrava que o seu surgimento estava interligado à uma tendência de permanecer naquele espaço, naturalmente despertou-se um estardalhaço de opiniões a respeito. Como cita Celso Curi, na sua famosa *Coluna do Meio*, “os machistas não estão nada contentes com a nova

²⁹⁵ BOURDIEU, 2002, p.144.

²⁹⁶ MACHADO, L. R.; SILVA, M. B. Bandeiras Desfraldadas. *Lampião da Esquina*, Ano 3, nº 31, Rio de Janeiro, dez. 1980, p. 12, grifo meu.

²⁹⁷ O GRITO (alegre) da Coligay ajudou o Grêmio a ser campeão. *Zero Hora*. Porto Alegre, 02 out. 1977. Caderno Esportes/Especial, p. 50.

torcida”.²⁹⁸ Estas reações eram advindas principalmente dos sujeitos pertencente à sociedade conservadora que os envolvia naquele ambiente, preocupados com os rumos que levaria aquele inesperado atentado à macheza gremista, mas também houve reflexos na comunidade homossexual, enquanto sua fama se espalhava pelo país.

O Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense possuía, na época, duas torcidas oficiais: a Eurico Lara e a Força Azul. A Eurico Lara, na realidade, era um departamento de Torcida criado pelos próprios dirigentes do clube, com o intuito de promover a organização formal dos torcedores, evitando conflitos nas arquibancadas. Aos jovens integrantes do Departamento de Torcidas Eurico Lara, incidiam normas rígidas de disciplina, como a apresentação do boletim escolar mensal e a presença dos pais em confraternizações especiais com a diretoria. Já a Força Azul, fundada em 04 de agosto de 1974 por dissidentes da Eurico Lara insatisfeitos com sua rigidez, foi a primeira torcida organizada, independente da organização oficial a surgir no Estádio Olímpico. As duas torcidas se mostraram reticentes e, em intensidades diferentes, externavam manifestações de rejeição à presença da Coligay entre elas.

A Eurico Lara, como era de se esperar devido à sua realidade regrada, demonstra um conservadorismo maior através das palavras enfáticas do seu dirigente José Buaes, que se preocupava em declarar que a sua torcida é composta por “cem meninos, *sadios, normais*” em contraposição ao que pensa sobre a coligay: “Lamentável! Lamentável! Uma vergonha. Quem poderia imaginar que isso pudesse acontecer com o nosso Grêmio”²⁹⁹. Já outro membro, Elton Lopes, em entrevista à ZH, usa palavras mais conciliadoras, mas não deixa de expressar preconceitos e deixar explícito que eles não concordavam com as atitudes do grupo: “Acho que eles podem ser aceitos. Afinal, são gente também e **cada um dá o que tem**. [...] Nós realmente não gostamos muito **daquilo**, mas cada um na sua, não é?”³⁰⁰ A revolta inicial da Eurico Lara contra a Coligay era declarada para todos, tanto que Volmar ao ser questionado sobre as reações das outras torcidas enfatizou a inimizade desta e justificou como um ato puramente invejoso do sucesso de sua torcida.

O nosso principal inimigo são algumas pessoas do Departamento Eurico Lara. Eles estão fazendo tudo para acabar conosco. Mas isto é puro ciúmes deles, nada mais. Acontece que nós somos uma torcida de verdade, que berra, que ajuda o time, enquanto que eles pararam no tempo, não souberam evoluir. Uma torcida arcaica. Por inveja do nosso sucesso estão querendo nos incomodar.³⁰¹

²⁹⁸ CURTI, C. Torcida Gay Organizada!?!?... Coluna do Meio *Apud* TUDO com a coligay. Zero Hora. Porto Alegre, 29 mai. 1977, Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p.46.

²⁹⁹ FONSECA, D. Para o que der e vier. *PLACAR*, nº 370, 27 mai. 1977, p. 49.

³⁰⁰ BUENO, E. Coligay – Grêmio está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 44, grifos meus.

³⁰¹ *Ibid*, p. 44-45.

Já a Força Azul, demonstra através da declaração de seu chefe, Jorge Menezes, uma menor intensidade de aversão à Coligay, por conta de ser formada por jovens menos conservadores comparada à Eurico Lara. Menezes chega a afirmar que apoiaram o novo grupo: “Logo que a Coligay surgiu, nós a recebemos muito bem. Sempre que chegam grupos novos, ou até mesmo torcidas de outras cidades, nós tratamos de dar força”.³⁰² Ele resume este apoio, e não a aprovação a torcida, em uma frase “é tudo grêmio”, para em seguida, fazer piada da situação, expondo o cotidiano futebolístico de rebaixar os adversários ou os juízes com xingamentos homofóbicos: “qualquer dia desses os juízes vão se achar com razão para se postar na frente da arquibancada e gritar aquela palavra que eles sempre ouviram”.³⁰³ Mas ao versar sobre o sucesso da mesma, tratou de criticar: “a verdade é que todo este sucesso que eles estão fazendo, não tem razão de ser: eles ainda não fizeram nada de objetivo.”³⁰⁴

O fato da recém-chegada Coligay estar chamando mais a atenção do público em geral, por conta principalmente da curiosidade que o grupo inusitado despertava, era uma das maiores preocupações das torcidas já existentes. Entretanto, estavam cientes de que qualquer reação deles poderia inflar ainda mais a situação, e em função disto, tentaram inicialmente silenciá-la, como se pode perceber no discurso de Buaes:

Enquanto eles ficarem nisso, tudo bem. Não tomaremos conhecimento. **É como se não existissem.** Conheço essa gente e sei que qualquer pressão provocaria a explosão da bicharada. Na base da solidariedade, eles invadiriam este estádio às centenas e seria um escândalo. Melhor deixar como está.³⁰⁵

Por trás destas tentativas de ignorar a nova torcida, ofuscando a sua presença, percebe-se uma esperança de que a sua existência fosse breve. O diretor da Eurico Lara chegou a agourar o fim dizendo: “isso é modismo, logo passa”.³⁰⁶ Frase que faz com que Volmar responda efusivamente:

Nossa torcida veio pra ficar. [...] Acabar? Pelo contrário. E tem mais: já falei com muitos cabeleireiros meus amigos, eles ficaram encantados com o sucesso que a torcida está fazendo e prometeram aderir e convidar seus amigos. Só queremos paz e alegria, mas já vou avisando a quem quiser mandar contra nós: tem muita gente importante, que não pode aparecer, nos dando apoio.³⁰⁷

A repercussão negativa, envolta em preconceitos, a respeito da Coligay não se restringia somente às torcidas organizadas. Divino Fonseca insere em sua reportagem a manifestação de alguns outros torcedores, que afirma ter abordado nas famosas “rodinhas da

³⁰² Ibid, p. 44-45.

³⁰³ FONSECA, D. Para o que der e vier. *PLACAR*, nº 370, 27 mai. 1977, p. 50.

³⁰⁴ BUENO, E. Coligay – Grêmio está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 44.

³⁰⁵ FONSECA, D. Para o que der e vier. *PLACAR*, nº 370, 27 mai. 1977, p. 49, grifo meu.

³⁰⁶ Ibid., p. 49.

³⁰⁷ Ibid., p; 49, grifo meu.

Rua da Praia”. O primeiro, contrariado, argumenta: “era só o que faltava. *Logo neste ano*, quando estava dando tudo tão certinho, [...] aparece essa gente pra desmoralizar tudo”. Outro, mais radical: “Olha, por mim comandava uma pauleira contra eles, mas toda vez que falo nisso na arquibancada o pessoal manda deixar pra lá, que é feio brigar dentro da própria torcida”. E finaliza, explicitando que uma torcida homossexual não se encaixava no perfil de torcedor concebido por ele: “não considero aqueles caras torcedores. Eles querem é rebolar, é aparecer”.³⁰⁸ Havia até mesmo alguns torcedores que acusavam a Coligay de ser “um grupo de colorados, formado para desprestigiar a imagem do Grêmio”. Questionamentos a respeito eram formulados pelos inquisidores: “como é que eles conseguiram entrar no Beira-Rio antes que os portões fossem abertos. Como é que eles tem tantos amigos por lá?”.³⁰⁹

Por falar na torcida rival, em geral, aproveitava o momento para fazer zombarias a respeito. A definição da revista Placar aborda os dois lados, dizendo que “para muitos gremistas é um pesadelo – tanto quanto é a delícia dos colorados”³¹⁰, o que salienta a ideia de que ter uma torcida gay ocupando as suas arquibancadas era vexatório para o clube. Dentre as abordagens feitas por Fonseca, relatos de colorados confirmam o fato. “A torcida de vocês [gremistas] sempre foi isso aí. Só que agora vocês resolveram abrir o jogo. **A Coligay é apenas a comissão de frente**”. Provoações como esta tornaram-se rotineiras, e eram respondidas na mesma moeda: “vocês não fiquem gozando muito, porque já ouvi dizer por aí que **as coloradas** não vão querer ficar para trás. Vem aí a Interflowers. Vai ser uma afinação total na arquibancada”.³¹¹ Foi neste contexto que surgiu o boato de criação da Interflowers, que até foi incentivado por alguns colorados que queriam integrar a Coligay, pelo que passou a representar, mas não foram aceitos. Entretanto, a Interflowers nunca chegou a ser criada, o boato foi desmentido por Dirnei Messias, em nota na coluna Bola Dividida da ZH.

O proprietário da boate New Flowers, Dirnei Anselmo Messias, esteve ontem na redação da ZH, com a finalidade de esclarecer algumas declarações escritas na reportagem sobre a torcida COLIGAY do Grêmio. E ele garante que não pretende participar de nenhuma torcida Inter-Flowers: - Sou gremista, não posso formar nenhum movimento colorado.³¹²

³⁰⁸ Ibid., p. 48, grifo meu.

³⁰⁹ BUENO, E. Coligay – Grêmio está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 45.

³¹⁰ É interessante perceber que esta definição continua muito atual, pois para muitos gremistas, sobretudo dentro das torcidas organizadas, a Coligay é uma mancha no seu passado, e sempre que possível negam a sua existência, enquanto que a maioria dos colorados usa o fato até hoje como motivo de piadas homofóbicas. FONSECA, D. Para o que der e vier. *PLACAR*, nº 370, 27 mai. 1977, p. 48.

³¹¹ Ibid., grifo meu.

³¹² INTER-FLOWERS não vai sair. *Zero Hora*. Porto Alegre, 17 mai. 1977. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p. 34.

Dentre os torcedores, identifica-se, em sua maioria, uma repulsa inicial advinda do ambiente preconceituoso e conservador de que faziam parte, e da conseqüente preocupação com a sua masculinidade - e do torcedor gremista em geral, que estaria em questionamento a partir do fato de aceitarem a presença de uma torcida composta por homossexuais entre eles. Porém, existiam algumas poucas opiniões mais liberais dentro do estádio. O advogado Werner Becker, incentiva a Coligay, relacionando a sua presença com algo que ele acredita ser um Grêmio “democrático e popular”: “Eu sempre disse que o Grêmio é o time mais democrático e popular do Rio Grande do Sul. Brancos, negros e mulatos são bem aceitos. O primeiro, o segundo e o terceiro sexo, também. Qualquer um que quiser torcer e incentiva o time, será sempre muito bem recebido”. Mas Werner não deixa de citar inicialmente a frase “o que eu tenho a ver com isto?”, que demonstra que mesmo aqueles que apoiavam o grupo, geralmente preocupavam-se em distinguir sua opinião liberal de sua imagem heterossexual.³¹³

Havia também aqueles despreocupados com esta distinção, que acabaram aderindo à Coligay, como é o caso de Dora:

Eu fui a primeira mulher a entrar na Coligay, **mulher mesmo não é?** Eu gosto muito do pessoal lá da boate e sempre que posso vou lá. Como sou gremista fanática, topei entrar na torcida. Mas cada um na sua. Eu gosto de todos, nos damos bem e estamos ajudando o Grêmio a ir cada vez melhor no Campeonato.³¹⁴

Houve até alguns dissidentes da Força Azul que aderiram a nova torcida, assim que surgiu. Acontecimento que é diminuído pelo Chefe da Força, Jorge Menezes, que diz que “eram duas **bonecas**, e uma nem participava muito”.³¹⁵

um dos membros da “diretoria” da Coligay é Osmar Dziekaniaki Rodrigues, o Careca, como é conhecido por todos. Ele foi fundador da Força Azul: “[...] Tivemos bastante sucesso e inventamos o grito de guerra da torcida do Grêmio. Mas em outubro de 1976, eu resolvi sair. Nós sofríamos muitas pressões, principalmente por parte do departamento Eurico Lara e eu já estava ficando cheio de tudo aquilo. **Quando surgiu a Coligay, entrei com muita alegria ao grupo.** [...] não vamos admitir nenhuma espécie de interferência no nosso trabalho.”³¹⁶

Dentre os jogadores do time, público-alvo do incentivo destes torcedores, as reações iniciais também surgiram envoltas em estranheza. Walter Corbo, recém-chegado na equipe, recebera uma faixa da torcida em sua estreia, com os dizeres: “A Coligay saúda seu mais novo Ídolo Walter Corbo”. O goleiro uruguaio reagiu com espanto: “Que raro, no?”. Enquanto Iúra, assim como a maioria, se negava a opinar a respeito: “O que? Eu opinar, que é isso? Olha bem pra minha cara”; Tarciso afirmava que “o mundo está mesmo virado. A gente não pode

³¹³ BUENO, E. Coligay – Grêmio está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 44.

³¹⁴ Ibid., p. 45, grifos meus.

³¹⁵ Ibid., p. 44, grifo do autor.

³¹⁶ Ibid., p. 44, grifo meu.

se surpreender com mais nada”.³¹⁷ O oposto pensava o técnico Telê Santana, que segundo Volmar foi “o responsável pelas grandes mudanças no Grêmio”.³¹⁸ Telê manifestava, desde o início, assentir com os propósitos da Coligay:

Acho que eles têm direito de assistir o jogo como qualquer outra pessoa. [...] Eles querem incentivar o time, e realmente conseguem isto. Eu observo o grupo 1º do túnel e vejo que eles gritam muito. Acho que qualquer iniciativa para incentivar o Grêmio deve ser bem aceita, por isto é válido o que eles estão fazendo.³¹⁹

Através da reportagem da Placar, podemos perceber também a incidência de vigilância da Delegacia de Costumes sobre a Coligay e seus membros, trazendo as marcas do contexto de ditadura civil-militar em que estavam inseridos estes sujeitos. Nela, o chefe do setor de meretrício e vadiagem, Teodósio Pielewski afirma: “Estamos de olho nos rapazes e até agora não notamos nenhuma atitude inconveniente. Se algum provocar os outros torcedores, será retirado. Só isso. Nem a faixa que os identifica é ilegal”.³²⁰ Contudo, os integrantes da Coligay sabiam que seriam alvo de fiscalização e estavam precavidos: “Temos advogados e tudo o mais, por isto sabemos que estamos dentro da Lei. Somos torcedores como outros quaisquer, pagamos o ingresso e ninguém pode nos tirar do estádio”³²¹.

Ciente desta legalidade, atestada pela Delegacia de Costumes, e considerando todas as consequências que poderiam acarretar para o clube uma reação, sendo ela favorável ou contrária à situação, o posicionamento cobrado da diretoria, tanto pela Coligay quanto por seus opositores, demorou a sair. Durante os primeiros meses de existência da torcida, o silêncio imperou entre a diretoria referente a este assunto. A revista Placar relata, o que teria sido o primeiro contato do presidente Hélio Dourado com a Coligay, alegando que ele “passeava pela pista e sorria diante dos aplausos das torcidas organizadas. **Ao passar diante da Coligay, diminuiu o passo, franziu o cenho, depois prosseguiu**”. Um mês depois, quando procurado para entrevista à reportagem da revista, o presidente negou-se a abordar o assunto.³²² O mais próximo de um posicionamento oficial da diretoria, foi através de José Buaes, do departamento Eurico Lara, que garantia que “embora cause vergonha, a Coligay [...] não sofrerá pressões da diretoria”.³²³

³¹⁷ FONSECA, D. Para o que der e vier. *PLACAR*, nº 370, 27 mai. 1977, p. 50.

³¹⁸ BUENO, E. Coligay – Grêmio está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 45.

³¹⁹ *Ibid*, p. 45.

³²⁰ FONSECA, D. Para o que der e vier. *PLACAR*, nº 370, 27 mai. 1977, p. 49.

³²¹ BUENO, E. Coligay – Grêmio está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 45.

³²² FONSECA, D. Para o que der e vier. *PLACAR*, nº 370, 27 mai. 1977, p. 49, grifo meu.

³²³ *Ibid.*, p. 49.

Uma das maiores certezas populares acerca do futebol é que ele é feito de resultados. Neste sentido, pode-se dizer que o Grêmio vivia, durante toda a década de 1970 até então, um período de má fase que se agravava quando comparado ao rival, motivo pelo qual virava chacota pelos colorados.³²⁴ O surgimento da Coligay coincide com uma virada de jogo entre os dois clubes, fator preponderante para uma mudança na forma de tratamento da mesma, possibilitando a sua permanência entre as torcidas oficiais do Grêmio. A primeira aparição da Coligay, no jogo contra o Santa Cruz, é resumida em vitória gremista. Logo em seguida, em um clássico contra o favoritíssimo Internacional, o Grêmio venceu por 3x0. Alguns meses depois, em 25 de setembro de 1977, o Grêmio sagra-se campeão gaúcho, acabando com oito anos de invencibilidade colorada e dando o pontapé inicial para os anos de maior glória da sua história que culminam no título intercontinental em 1983.

Por conta desta coincidência do surgimento da nova torcida com a ascensão do time, em pouco tempo se atribui à Coligay, que não participou das terríveis derrotas anteriores, a sorte que agora passa a estar ao lado do Grêmio. A partir daí, a Coligay passa a ser conhecida como “torcida pé-quente”, o que pode ser percebido em nota publicada na coluna bola dividida: “a Coligay convoca seus adeptos para hoje à tarde darem força ao Grêmio contra o Santa Cruz. **A torcida que acabou ganhando fama de ‘pé quente’**, quer que o ano termine com uma boa vitória gremista e já fala que o time deverá ser o campeão do Brasil”³²⁵; assim como outras diversas citações à torcida nas fontes analisadas que traziam o adjetivo como complemento do nome da torcida. Houve, portanto, um processo de amuletização da torcida no estádio Olímpico, e por conta disto, passou-se a tolerar a presença da mesma entre a torcida gremista. Tratava-se de uma necessidade para um bem maior, para que o time continuasse vencendo seus adversários era preciso que se deixasse a Coligay estar com o Grêmio onde o Grêmio estivesse.

Uns restos de preconceito, em parte, ou a preocupação de não ser identificado erroneamente, condicionaram estas reações [de aversão], que foram diminuindo rodada a rodada. E mais diminuíram, quase desaparecendo, quando os rapazes da Coligay provaram uma virtude que no futebol tem enorme prestígio: **o pé quente**.³²⁶

A fama de pé-quente adquirida pela Coligay alcançou repercussão nacional, o que fez com que Vicente Matheus, o Presidente do Sport Club Corinthians Paulista, os fizesse um convite para que fossem levar esta sorte para o clube na decisão do campeonato paulista. De

³²⁴ O Sport Club Internacional vivia uma ótima fase, havia vencido os últimos dois campeonatos nacionais, por oito anos seguidos fora sagrado campeão estadual e vinha disputando a Libertadores da América.

³²⁵ COLIGAY. *Zero Hora*. Porto Alegre, 18 dez. 1977. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p. 30.

³²⁶ PINHEIRO, I. *Novos Ares*. *Zero Hora*. Porto Alegre, 02 out. 1977. Caderno Esportes/Especial, p. 50, grifo meu.

acordo com uma nota da coluna Bola Dividida, a Coligay estava “no compromisso de provar que é ‘pé quente’”.³²⁷ Vicente enviou Cr\$150 mil para custear a viagem da torcida que aceitou o pedido, fato relatado pelo jornal ZH: “[...] vamos a São Paulo torcer por eles. Este ano o sofrimento vai terminar para todos. E nós somos muito pé-quentes. Vamos ajudar a terminar com a maldição dos 23 anos”.³²⁸

As passagens já estavam em Porto Alegre desde a semana passada. Ontem chegaram mais Cr\$ 150 mil para Volmar Santos, responsável pela torcida Coligay, do Grêmio. Portanto, a Coligay estará presente esta noite no Morumbi para torcer contra o time de Campinas (a favor do Corinthians logicamente) nessa importante decisão regional. Não é preciso dizer que quem mandou dinheiro e passagens para os torcedores do Grêmio a São Paulo foi Vicente Matheus, presidente do Corinthians.³²⁹

O Corinthians venceu a Ponte Preta por 1x0, rompendo com um jejum de 22 anos sem títulos e acabou servindo como mais uma confirmação a respeito da carga de sorte que a Coligay carregava junto consigo aos jogos que frequentava. Fato que vem a reforçar a amuletização destes sujeitos que, apesar de tolerados, continuam não tendo total aceitação no ambiente futebolístico, assim como também não eram aceitos na sociedade como um todo, conforme citado anteriormente. Esta tolerância, é importante frisar, se restringia a Coligay enquanto grupo de apoio ao clube, assim como os outros existentes, não se interligando com uma tolerância à categoria dos homossexuais como um todo. Ibsen Pinheiro, em uma abordagem sobre a Coligay na ZH atesta este pensamento dizendo que “não importa o nosso juízo (ou sentimento) sobre os hábitos sexuais de seus integrantes; importa a nossa capacidade de convivência”.³³⁰ Em reportagem pós-título estadual, a ZH publica a opinião de um sociólogo, André Foster, a respeito do fenômeno Coligay, que reitera esta ausência de relação entre a tolerância ao grupo com uma tolerância aos homossexuais em geral.

- O que aconteceu – segundo o sociólogo André Foster, analisando o grupo – é que **as pessoas não racionalizaram a sua aceitação à Coligay**. Simplesmente eles descobriram que aquele grupo era mais um interessado em que o Grêmio fosse campeão. Descobriram que eles estavam ali para incentivar o time, como todos os outros. Além disto, eram simpáticos e então foram aceitos. Não como uma classe, e sim como um grupo de apoio ao Grêmio. A sorte é que o clube venceu e eles conservam a imagem simpática. **Se o Grêmio perdesse, eles seriam linchados**.³³¹

Contudo, a partir daí, diminuem as declarações mais hostilizadas contra a torcida. A Coligay cresce “assustadoramente depois da conquista do título regional pelo Grêmio”,

³²⁷ CHEQUE para a Coligay. *Zero Hora*. Porto Alegre, 05 dez. 1977. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p. 32

³²⁸ COLIGAY pé-quente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 28 set. 1977. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p. 41.

³²⁹ COLIGAY presente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 13 out. 1977. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p. 39.

³³⁰ PINHEIRO, I. Novos Ares. *Zero Hora*. Porto Alegre, 02 out. 1977. Caderno Esportes/Especial, p. 50.

³³¹ O GRITO (alegre) da Coligay ajudou o Grêmio a ser campeão. *Zero Hora*. Porto Alegre, 02 out. 1977. Caderno Esportes/Especial, p. 50, grifos meus.

segundo a ZH o número de integrantes chega a “mais de 150 frenéticos torcedores”³³² que aos poucos firmam seu espaço, oficialmente, entre as torcidas organizadas do clube, chegando a receber uma sala no Olímpico para guardar seus instrumentos.

A este contexto de tolerância, se adequam todos os setores do clube, inclusive a direção que já demonstra isto com a cedência da sala. Paulo Santana, na sua coluna esportiva, sob o título de “um lugar pra Coligay”, afirma que “o entusiasmo daqueles jovens gremistas que se atiram por todas as partes atrás do Grêmio, estimulando toda a torcida à agitação das gerais já está por merecer **mais um** reconhecimento da diretoria do Grêmio”, dando a entender que este reconhecimento já estava em andamento.³³³ A concessão do espaço pretendido se confirma em uma reportagem sobre a requisição de igualdade pela Torcida Jovem (organizada criada posteriormente à Coligay) que “quer ter o mesmo privilégio da ‘Força Azul’ e a ‘Coligay’: uma sala no Olímpico, para guardar seus materiais”.³³⁴ Podemos perceber que o discurso de Hélio Dourado passa a estar alinhado a esta característica, nas poucas vezes em que se manifesta publicamente a respeito. Como é o caso de sua fala, em março de 1979, em um evento promovido pelo consulado gremista em Gravataí em que cita o surgimento da torcida: “[...] quando fundaram a Coligay, me perguntaram se eu ia permitir. Eu disse: se pagarem, podem vir. Não importa que seja bicha. Pagando bem que mal tem. E se todas as bichas da cidade fossem ao Olímpico, lotava o estádio e era uma festa.”³³⁵

A Força Azul, que já desde o início se mostrava um pouco mais tolerante à presença da Coligay nas arquibancadas do Olímpico, passa a demonstrar ainda mais liberalidade neste sentido, chegando a aproximar-se da torcida em busca de aliança, como se pode perceber na nota publicada na ZH a respeito da sua programação anual: “a Torcida Organizada Força Azul quer começar cedo suas atividades em 1978. Por isso, seu presidente, Jorge, já convidou a relações públicas da Coligay – a Dora – para trabalhar junto com a Força”.³³⁶ O restante da torcida, mais conservadora, se limita a tolerá-la em função de sua contribuição ao sucesso do clube. Chegando inclusive a defendê-los das frequentes zombarias coloradas (não esquecendo-se de diferenciá-los do restante da torcida gremista), como se evidencia no episódio que dá nome a este trabalho.

Um torcedor colorado resolveu provocar os alegres integrantes da Coligay que se dirigiam ao Olímpico e gritou:
- Bichonas.

³³² COLIGAY cresce. *Zero Hora*. Porto Alegre, 14 out. 1977. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p. 38.

³³³ SANTANA, P. Gay Power. *Apud* GERCHMANN, op. cit. p. 25, grifo meu.

³³⁴ ZERO HORA. Porto Alegre, 04 set. 1979. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p. 36.

³³⁵ NA HORA do discurso, todos ouviram Dourado. *Zero Hora*. Porto Alegre, 27 mar. 1979. Caderno ZH Esportes, Especial Festa do Grêmio em Gravataí, p. 43.

³³⁶ TEM que assumir. *Zero Hora*. Porto Alegre, 06 jan. 1978. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p. 44.

A resposta veio de cima, de um torcedor gremista:
 - **São bichas, mas são nossas.**³³⁷

Devido à fama que vinha alcançando, a Coligay passa a ser assunto também nas altas rodas sociais, chegando a ser mencionada pelo reconhecido cronista social Paulo Raimundo Gasparotto que diz achar “essa manifestação um barato”. Percebe-se nas palavras do jornalista, uma identificação da torcida com uma atuação política, ao relacioná-la com o movimento em ascensão. “A propagação do movimento gay através do esporte é uma ideia muito boa. **Melhor do que ficar se fresqueando por aí, não?** Estou dando muita força para a Coligay e espero que eles continuem crescendo”.³³⁸ Paulo Santana, na sua coluna de 02 de outubro de 1977, que nomeia de *Gay Power* – já direcionando o seu objetivo de fala, resume a sua visão deste contexto de aceitação à torcida como uma vitória da Coligay através do rompimento das barreiras edificadas em contrariedade ao seu reconhecimento.

A espontaneidade dos seus integrantes, a sua invulgar capacidade de movimentação pela dança nas gerais, no entanto, acabaram por vencer todas as resistências. **A Coligay era vitoriosa, e os homossexuais gaúchos, talvez até mesmo sem essa intenção, terminaram por chegar a uma conquista inesperada: eles eram agora reconhecidos pela sociedade e pelo público [...].**³³⁹

Entretanto, esta aceitação, não só a que incide para com a torcida, mas também a da própria Coligay em relação à suas limitações perante ao espaço em que se propõem a ocupar, e à esta amuletização baseada em uma estereotipização homossexual, é fonte de fortes críticas advindas de outros sujeitos pertencentes à cena gay, mas distantes do universo futebolístico. Dirnei Messias, na época em que foi procurado a respeito da criação da Interflowers, declarou que não pretendia “expor os homossexuais ao ridículo em campo de futebol”, dando a entender que esta era a sua opinião a respeito da Coligay.³⁴⁰ O Apresentador de televisão e jornalista Tatata Pimentel, reiterando que não gosta de futebol, ao mesmo tempo em que afirma ser colorado, também dispara críticas a respeito da falta de seriedade da torcida: “como sou frequentador da boate, estou dando força para o grupo. Mas por enquanto, ainda não dei muito apoio. **Eu acho o movimento gay uma coisa muito séria.** Por isto, enquanto ele continuar sendo underground, não vejo muito sentido em ajudar”.³⁴¹

³³⁷ SÃO NOSSAS. *Zero Hora*. Porto Alegre, 26 set. 1977. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p. 30, grifo meu.

³³⁸ COLIGAY: história e pedágio da vitória. *Zero Hora*. Porto Alegre, 26 set. 1977. Caderno Esportes, Coluna Torcida, p. 42.

³³⁹ SANTANA, P. *Gay Power*. Apud GERCHMANN, op. cit. p. 25, grifo meu.

³⁴⁰ MASCARENHAS, J. A. Noticiário Esportivo (2). *Lampião da Esquina*, Ano 1, nº 3, Rio de Janeiro, jul/ago 1978, p. 05.

³⁴¹ BUENO, E. Coligay – Grêmio está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 44, grifo meu.

Mas a crítica mais ferrenha vinha de João Antônio Mascarenhas, através da reportagem que fez a respeito da Coligay no jornal *Lampião da Esquina*, onde argumenta contrariamente à mesma por conceitua-la como “machista e guetoizante”. Para o jornalista a consolidação da torcida só se realizou por conta da mesma não fazer questionamentos às normas dos estádios, que depreciavam os homossexuais, e, sobretudo, por reforçar os preconceitos sociais que vinculam homossexualidade e efeminação, expondo-se como entretenimento aos demais sujeitos que compareciam ao estádio.

Por tais razões – creio –, permitiram-lhe nascer e fortalecer-se, malgrado pequenos percalços. **Aceitaram-na quando perceberam que ela não questionava nada, que sabia o seu lugar.** Servia de circo para o Establishment e para o povão. Tudo se limitava a alguns minutos de espetáculo, continuando cada macaco no seu galho. Os componentes do grupo, ao unirem-se pela identidade dos gestos afetados, dos requebros e do agressivo exibicionismo, **representam exatamente o papel que a eles atribuem os machões, o de bichas efeminadas e escandalosas**, ainda que de briga, quando fisicamente agredidas, o que lhes confere maior pitoresco. Sem se darem conta, **atuam como machistas**, pois introjetaram os estereótipos da nossa sociedade, que erradamente – e de má-fé – identifica homossexualidade com efeminação. Ao aceitarem, felizes, convites para exibirem-se pelo interior, mostram que se acham prontos a **servir de palhaço a machistas basbaques** desejosos de conhecer as novidades da capital.³⁴²

À este tipo de opinião, a carta-resposta escrita por Luiz Roberto Machado e Milton Bordini da Silva, alfinetava declarando que não serviam para a luta por espaço na sociedade aqueles sujeitos que abusavam do glamour demonstrando a sua “*gayzisse*” somente nos espaços destinados à eles, enquanto no cotidiano omitiam-na.

É fácil cobrir-se de plumas e paetês no carnaval, e badalar em boates, em bares, parecendo fadas encantadas que, ao toque do amanhecer, correm em debandada para casa, a fim de, durante o dia, ser apenas mais um ‘rapaz da sociedade’. Ora, isso é ridículo. Nós, não: **somos gueis de noite e de dia.** Desfilamos nosso charme guei nos empregos e nas ruas. [...] não nos intimidamos quando chegamos num estádio e 30, 50, às vezes 80 mil pessoas se voltam para nos ver.³⁴³

Esta relação entre efeminação e homossexualidade, apontada por Mascarenhas, está constantemente presente nas representações da Coligay nos veículos de comunicação analisados. A revista *Placar*, que traz em suas páginas o predomínio do preto e branco, com algumas imagens e títulos coloridos, ao publicar a primeira reportagem à respeito do surgimento da torcida, traz o título “Para o que der e vier” em azul – cor oficial do clube pelo qual declaram seu amor – e as páginas dedicadas à ela com fundo na cor rosa. Problematizando a utilização desta cor, exclusivamente na reportagem sobre a Coligay,

³⁴² MASCARENHAS, J. A. Noticiário Esportivo (2). *Lampião da Esquina*, Ano 1, nº 3, Rio de Janeiro, jul/ago 1978, p. 05, grifos meus.

³⁴³ MACHADO, L. R.; SILVA, M. B. Bandeiras Desfraldadas. *Lampião da Esquina*, Ano 3, nº 31, Rio de Janeiro, dez. 1980, p. 12, grifos meus.

revela-se um certo estereótipo preconceituoso que homossexual usa e/ou gosta de rosa, pois está é uma cor que culturalmente é atrelada ao feminino.³⁴⁴ Enquanto a ZH, produz uma série de desenhos que frequentemente acompanham as notas sobre a Coligay em suas colunas esportivas. Estes desenhos, ao serem analisados, também apresentam um elo entre a torcida e a efeminação de seus sujeitos. Em geral, estes desenhos representam um membro da Coligay, vestindo o traje que acabou se tornando famoso e oficializando-se como uniforme da torcida, o caftã, sapatos de salto, maquiagem (em geral, batom e cílios) e florzinhas ou corações ao seu redor como forma de representar tanto física quanto sentimentalmente o ser feminino existente nestes indivíduos, conforme pode ser aferido no anexo 2. Há também uma charge, que se refere à ida da Coligay para São Paulo torcer pelo Corinthians que mistura este estereótipo efeminado da torcida com o estereótipo do “gaúcho macho”. Na charge é representada a torcida corintiana Fiel recepcionando a “brava torcida gaúcha” e finaliza com uma fileira de gaúchos (de bombacha, lenço, chapéu e bigode) sendo abordados por um repórter e revelando seus nomes, todos femininos (Suzy, Marilda, Ofélia, Paula, Odete) despertando, por fim, a frustração do repórter perante a estes sujeitos efeminados (ver em anexo 3).

Constata-se ainda que, no decorrer do período pesquisado, a incidência de menções à Coligay no jornal ZH se dava, na grande maioria das vezes, na coluna de humor assinada por Carlos Nobre, atestando o tom de jocosidade com o qual se falava a respeito da mesma. A coluna aparecia sempre na última página do jornal, exibia fotos de mulheres com legendas machistas - evidenciando que o seu público-alvo era formado por homens heterossexuais. Nobre fazia piadas a respeito de acontecimentos gerais, tendo como enfoque principal o futebol, reproduzindo, muitas vezes, preconceitos e estereótipos da sociedade, com a finalidade de provocar o riso aos seus leitores. Capta-se nesta coluna humorística uma forte propagação do conservadorismo social, responsável por ridicularizar estes sujeitos, impedindo que se titubeasse a incidência de uma masculinidade hegemônica na sociedade.

De acordo com o historiador Rodrigo Patto de Sá Motta, o riso é sempre atravessado por uma certa ambiguidade, uma vez que pode ser crítico e mobilizar sentimentos favoráveis a mudanças, como também pode ser utilizado enquanto um instrumento a favor do conservadorismo.³⁴⁵ Há uma linha tênue que separa os diferentes tipos de humor existentes, e o exercido por Nobre é, muitas vezes, baseado em agressividades destinadas às sexualidades subalternas. Segundo D’Angelli e Paduano, o riso pode ser uma “consequência de um

³⁴⁴ FONSECA, D. Para o que der e vier. *PLACAR*, nº 370, 27 mai. 1977, p. 48-50.

³⁴⁵ MOTTA, 2006, p. 21.

movimento agressivo que denota a presunção de superioridade de quem ri em relação ao objeto do riso: é de fato uma refutação de identificação com o outro”.³⁴⁶ Utilizando-se de tom humorístico, Carlos Nobre expõe opiniões envoltas em homofobia, como quando questiona se “afinal, bicha é um homem ou uma mulher que não deu certo”.³⁴⁷ Suas publicações auxiliam a constituir o estereótipo de efeminação atrelado à Coligay, ao passo que Nobre usa sempre de adjetivos femininos para caracterizar os seus integrantes. Termos como “bonecas”, “bichas”, “gurias”, “bichonas”, “sinhazinha”, “princesas” aparecem como alternativa de denominar estes sujeitos aos quais o humorista também atribui atos de “frescura” e “xiliques” (ver anexo 4) Como no episódio em que argumenta que a Coligay acredita que “as grandes essências estão nos pequenos frescos”, fazendo um trocadilho com o ditado popular.³⁴⁸ Há ainda uma citação, que nos parece ser a mais problemática delas, em que o autor tenta fazer um trocadilho com o termo utilizado pelos próprios homossexuais, “lindo(a) de morrer”, mas acaba relacionando-a com uma situação explícita de violência, o que a torna um tanto chocante. A “piada” versa: “não sei se aquela criatura da Coligay cumpriu a promessa de se pendurar numa cruz no Morro da Embratel caso o Grêmio perdesse pro São Paulo. Se não cumpriu foi uma pena: **bicha crucificada ia ficar linda de morrer**”.³⁴⁹

Percebe-se, como tão efusivamente afirmado por Mascarenhas, que as performances irreverentes apresentadas pela Coligay, e reforçadas pela imprensa, acabavam por reiterar os vínculos entre homossexualidade e efeminação, possibilitando que fossem posicionados pelos demais torcedores a uma condição de entretenimento. Mas, em contrapartida, estas performances também acabavam por requisitar um espaço que, até então, era exclusivo e hegemonicamente masculino e viril, provocando um significativo e subversivo deslocamento na cultura futebolística por conceber a torcida enquanto um fenômeno produtivo e passível de recontextualização. O sucesso alcançado pela Coligay acaba por ressignificar um coletivo entendido como um espaço restrito ao masculino heterossexual que a partir de então passa a contar com sujeitos afirmadamente homossexuais em seu meio. A presença da Coligay entre a torcida gremista age em contraposição à prática comum neste ambiente em que se atribui a ausência de masculinidade (atrelando-a à homossexualidade) ao adversário. Os torcedores gremistas passam a vibrar e torcer em consonância com estes sujeitos, ato comumente atrelado ao outro. Este gesto acaba por significar uma subversão nas normativas culturalmente vigentes nos estádios de futebol.

³⁴⁶ D’ANGELLI e PADUANO, 2007, p.273.

³⁴⁷ NOBRE, C. *Zero Hora*. Porto Alegre, 28 out. 1977. Seção Humor, p. 47.

³⁴⁸ NOBRE, C. *Zero Hora*. Porto Alegre, 30 ago. 1978. Seção Humor, p. 47.

³⁴⁹ NOBRE, C. *Zero Hora*. Porto Alegre, 21 fev. 1978. Seção Humor, p. 55, grifo meu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o propósito de analisar a Coligay, primeira torcida organizada autoafirmada homossexual a frequentar os estádios brasileiros, e entender quais foram os pilares que possibilitaram o surgimento e, sobretudo, a consolidação deste grupo em um espaço de produção de uma masculinidade ideal oposta à exercida por estes sujeitos. Acredito que as questões iniciais da pesquisa foram sanadas, mas exigiram uma grande contextualização de toda a conjuntura a qual estes indivíduos estavam submetidos, para que através deste entendimento fosse possível extrair as informações necessárias das fontes analisadas.

Para chegar a este resultado, iniciamos a abordagem a respeito do futebol, entendendo-o enquanto um espaço onde se produz e se sobrepõem uma masculinidade hegemônica, que por conta disto se constitui enquanto um ambiente machista, misógino e homofóbico, caracterizando-se como um local de pertencimento aos homens heterossexuais. Destacamos ainda que na cultura futebolística, a homossexualidade é tida como sinônimo de “ausência de masculinidade” e portanto atrelada ao outro (a torcida adversária, o jogador adversário, o juiz) como forma de inferiorizá-lo.

Contextualizamos o período político da ditadura civil-militar vigente no país, buscando evidenciar o seu caráter violento e opressivo direcionado às homossexualidades, embasado pela sociedade conservadora. Reiteramos que os homossexuais eram postos à margem da sociedade tanto pela direita quanto pelos grupos de esquerda, através de suas políticas machistas, misóginas e homofóbicas. O que faz com que muitos homossexuais passem a buscar maneiras de transpor as ordens impostas à eles, transformando seus cotidianos em espaços de resistência. Neste sentido, entendemos também a Coligay.

Concluimos que a torcida encontrou formas de resistência à conjuntura que estava exposta e, ainda que sem uma declaração oficial em meio ao conflito de discursos a respeito de sua posição perante o movimento homossexual, entendemos que o grupo exerceu uma atuação política através desta resistência em estabelecer-se como contestadores da ideia de que uma determinada masculinidade tem maior legitimidade para figurar nos estádios de futebol. Entendemos que a Coligay, ainda que inconscientemente, acabou por contribuir para o andamento do movimento homossexual brasileiro ao demarcar seu espaço em mais um ambiente da sociedade que lhes era negado, propiciando visibilidade pública destes sujeitos e incentivando o surgimento de demais grupos congêneres.

Percebemos através das reações analisadas que inicialmente houve uma aversão generalizada à presença da Coligay entre as torcidas do Grêmio. Entretanto, a medida que ela coincidia com uma virada na sorte gremista em campo, passou-se a relacionar uma coisa à outra. Ocorre o que denominamos de amuletização da torcida, e por conta disso, a mesma passa a ser tolerada em benefício do clube. Evidenciamos que esta tolerância se dá somente ao grupo enquanto torcedor do time, e não aos homossexuais enquanto categoria. Portanto, não tirou a característica homofóbica vigente naquele ambiente, o que se confirma através da grande gama de citações à mesma na coluna de humor analisada. A amuletização da torcida vai servir como peça-chave para respondermos o problema suscitado por este trabalho. Ela se constitui enquanto pilar central que possibilita que a Coligay permaneça ocupando as arquibancadas do estádio Olímpico, alcance fama e visibilidade nacional, incluindo-se entre as torcidas organizadas do clube.

O uso de fontes orais não foi explorado neste trabalho, conforme já explicitado anteriormente, por conta de limitações acadêmicas. Entretanto, acredito que os testemunhos servem como um excelente instrumento para o estudo da história do tempo presente, e através de suas especificidades metodológicas teriam muito a acrescentar no desenvolvimento desta pesquisa. Portanto, acredito que esta seja uma das possibilidades futuras, em busca de outras amplitudes para avançar na compreensão desta torcida e de toda a complexidade de reações que propiciaram sua existência. Por fim, tenho consciência de que esta pesquisa está longe de esgotar os questionamentos ao machismo, a misoginia e a homofobia ainda muito presentes nos estádios. Neste sentido, deixo aqui mais um desafio para as pesquisas futuras: o de tentar entender as tentativas de subversão e contraposição às normas de gênero e sexualidade vigentes no universo futebolístico, sob a ótica das outras torcidas autoafirmadas homossexuais que tiveram seu surgimento posterior à Coligay.

O meu entendimento de que, apesar da importância da Coligay na trajetória gremista nos anos finais da década de 1970 – ou por conta da mesma -, houve uma simples tolerância, e não uma aceitação, à presença da torcida nos estádios, se reitera no fato de que após o seu término, a história oficial do clube tenha omitido a Coligay de seus discursos e registros por longos anos. Este fato resulta em um caráter mitológico atribuído à existência da Coligay pelos torcedores do clube, principalmente pelas gerações de gremistas que não conviveram com sua presença nos estádios. Somente em 2006, a revista institucional do clube, *Imortal Tricolor*, vai resgatar o grupo através de uma reportagem assinada por Lúcia Brito que afirma que a revista “decidiu prestar uma homenagem aos corajosos gremistas gays que foram à luta

de seu direito de torcer para o time do coração dentro dos estádios.”³⁵⁰ Mas este resgate feito por Lúcia se restringe apenas à veiculação da revista, que é bem restrita, não se transformando em um discurso pelos dirigentes do clube.

Na atualidade, pode-se constatar a implantação de uma política, alinhada à um discurso oficial de que o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre é um time que abarca uma pluralidade de diversidades. Esta política foi posta em prática após a decorrência do episódio de racismo de torcedores gremistas à Mário Lúcio Duarte Costa, conhecido como Aranha, goleiro do Santos na época, que acarretou a punição de eliminação do clube da Copa do Brasil.³⁵¹ Coincidindo também com o lançamento do livro *Coligay – Tricolor e de todas as cores*, do jornalista Léo Gerchmann, o Museu do Grêmio foi reinaugurado em 2015, no novo estádio e passou a contar com um painel dedicado à torcida autoafirmada homossexual dentre sua exposição a respeito da história do clube. Entretanto, em visita ao museu, fiz uma análise deste painel que me permitiu suscitar uma série de questionamentos e problemáticas a respeito dos objetivos que envolveram a sua construção. Apesar de estar naquele espaço representando uma possível abertura do clube à diversidade existente há bastante tempo, pude perceber uma série de cuidados com as palavras para tornar o painel menos chamativo para possíveis opositores à esta política que possam vir a vê-lo.

Já no título, que é - em conjunto com a imagem – o que chama a atenção dos visitantes para cada painel, incide a ausência do nome da torcida, resumindo-se apenas em “Diversidade da alegria”, o que desperta uma curiosidade menor dos visitantes do que se houvesse uma maior centralidade ao termo Coligay, que desperta tantos conflitos entre os torcedores a cada vez que vem à tona. Outra peculiaridade é que, ao longo de todo o texto exposto no painel, não há menção à homossexualidade, o mais próximo disso está na frase: “era preciso ser muito corajoso para expor sua *preferência sexual*, ainda mais dentro de um estádio de futebol”.³⁵² Portanto, é evidente que a Coligay passou a integrar oficialmente a história do clube enquanto torcida organizada, mas de maneira extremamente comedida, provavelmente por opção do clube de evitar polêmicas a respeito.

Esta posição de neutralidade do clube é uma prática habitual nos dias atuais. Nos últimos quarenta anos houve uma grande melhora, principalmente discursiva, a respeito da

³⁵⁰ BRITO, Lúcia. Coligay. In: *Imortal Tricolor*, janeiro de 2006, nº 3, p. 24.

³⁵¹ O fato ocorreu no estádio Olímpico, em um jogo entre Grêmio e Santos pela Copa do Brasil, no dia 28 de agosto de 2014, onde um grupo de torcedores fez insultos racistas ao jogador imitando macacos, fato levado ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva para julgamento. O Grêmio publicou uma nota de condenação aos atos de racismo cometidos e responsabilizou-se por ajudar a justiça com a identificação dos sujeitos que participaram do ocorrido.

³⁵² Painel exposto no museu do Grêmio, ver anexo 6.

visibilidade às vidas de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros e não-binários. Entretanto, em coexistência a esta visibilidade, cresce alarmantemente nos últimos anos a violência destinada a estes sujeitos. A onda conservadora que assola o país, e o mundo, vem em corrente contrária aos poucos avanços conquistados pela camada LGBT nestas quatro décadas. O Brasil é, atualmente, o país que mais mata LGBT's – peço perdão ao leitor pela recorrência da informação, mas esse me parece ser um dado que precisa ser exaustivamente repetido. Vivemos em um país que exala preconceitos, não só sexuais, como de raça e gênero. Todos nós, brasileiros, já presenciamos alguma situação preconceituosa. Todavia, um levantamento do Ibope, feito em 2017, aponta que só dois em cada dez indivíduos admitem serem preconceituosos.³⁵³ O que demonstra que incide no país uma cultura de neutralidade e silenciamento perante esta realidade. É com a esperança de lançar luz sobre estas questões muito presentes em nossa sociedade que finalizo este trabalho. Vejo a sua conclusão não como um ponto final, mas como o ponto inicial destinado a incitar reflexões futuras.

³⁵³ Ver mais em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,so-2-em-cada-10-brasileiros-admitem-ser-preconceituosos-diz-pesquisa-do-ibope,70002034390>>. Acesso em 20 de junho de 2018.

ANEXOS

Anexo 1 - Processo n° 936/07

Em 5 de julho de 2007, Faço estes autos conclusões ao Dr. Manuel Maximiano – Juiz Criminal da Câmara da Capital.

Eu, Ana Maria R.Goto, Escrevente, digitei e subscrevi.

A presente queixa-crime não reúne condições de prosseguir.

Vou evitar um exame perfunctório, mesmo porque é vedado constitucionalmente, na esteira do artigo 93, inciso (IX), da carta Magna.

1. Não vejo nenhum ataque do querelado ao querelante.
2. Em nenhum momento o querelado apontou o querelante como homossexual.
3. Se o tivesse rotulado de homossexual, o querelante poderia optar pelos seguintes caminhos:
 - 3.A - não sendo homossexual, a imputação não atingiria e bastaria que, também ele, o querelante, comparecesse no mesmo programa televisivo e declarasse ser homossexual e ponto final;
 - 3.B - se fosse homossexual, poderia admiti-lo, ou até omitir, ou silenciar a respeito. Nesta hipótese, porém, melhor seria que abandonasse os gramados... Quem é, ou foi, BOLEIRO, sabe muito bem que estas infelizes colocações exigem réplica imediata, instantânea, mas diretamente entre o ofensor e o ofendido, num "TÈTE-À-TÈTE" Trazer o episódio à Justiça, outra coisa não é senão dar dimensão exagerada a um fato insignificante, se comparado à grandeza do futebol brasileiro. Em Juízo haverá audiência de retratação, exceção da verdade, interrogatório, prova oral, para se saber se o querelado disse mesmo...e para se aquilatar se o querelante é, ou não...
4. O querelante trouxe em arrimo documental, suposta manifestação do "GRUPO GAY", DA BAHIA (FOLHA 10) em conforto a posição do jogador. E também suposto pronunciamento publicado na Folha de S.Paulo, de autoria do colunista Juca Kfourri (folha 7), batendo-se pela abertura, nas canchas de atletas com opção sexual não de todo aceita.
5. Já que foi colocado como lastro, este Juízo responde: futebol é jogo viril, varonil, não homossexual. Há hinos que consagram essa condição: "OLHOS ONDE SURGE O AMNHÃ, RADIOSO DE LUZ, VARONIL, SEGUE SUA SENDA DE VITÓRIAS...". [trecho do hino do Sport Clube Internacional, de Porto Alegre (RS)]
6. Está situação incomum do mundo moderno, precisa ser rebatida...
7. Quem se recorda da "COPA DO MUNDO DE 1970", quem viu o escrete de ouro do jogador (Félix, Carlos Alberto, Brito, Everaldo e Piazza; Clodoaldo e Gerson; Jairzinho, Pelé, Tostão e Rivelino), jamais conceberia um ídolo seu como homossexual.
8. Quem presenciou grandes orquestras futebolísticas formadas: Sejas, Clodoaldo, Pelé e Edu no Peixe; Manga, Figueroa, Falcão e Caçapava, no Colorado; Carlos, Oscar, Vanderlei, Marco Aurélio e Dica, na Macaca; dentre inúmeros craques, não poderia sonhar em vivenciar um homossexual jogando futebol.
9. Não que um homossexual não possa jogar bola. Pois que jogue, querendo. Mas, forme o seu time e inicie uma Federação. Agende jogos com quem prefira pelear contra si.
10. O que não se pode entender é que a Associação de Gays da Bahia e alguns colunistas (se é que realmente se pronunciaram neste sentido) teimem em projetar para os gramados, atletas homossexuais.
11. Ora, bolas, se a moda pega, logo teremos o "SISTEMA DE COTAS", forçando o acesso de tantos por agremiação...

12. E não se diga que essa abertura será de idêntica proporção ao que se deu quando os negros passaram a compor as equipes. Nada menos exato. Também o negro e, homossexual, deve evitar fazer parte de equipes futebolísticas de héteros.

13. Mas o negro desvelou-se (e em várias atividades) importantíssimo para a história do Brasil: o mais completo atacante, jamais visto, chama-se Edson Arantes do Nascimento e é negro.

14. O que não se mostra razoável é a aceitação de homossexuais no futebol brasileiro, porque prejudicariam a uniformidade de pensamento da equipe, o entrosamento, o equilíbrio, o ideal...

15. Para não se falar no desconforto do torcedor, que pretende ir ao estádio, por vezes com seu filho, avistar o time do coração se projetando na competição, ao invés de perder-se em análise dos comportamento deste, ou aquele atleta, com evidente problema de personalidade, ou existencial; desconforto também dos colegas de equipe, do treinador, da comissão técnica e da direção do clube.

16. Precisa, a propósito, estrofe popular que consagra: "CADA UM NA SUA ÁREA, CADA MACACO EM SEU GALHO, CADA GALO EM SEU TERREIRO, CADA REI EM SEU BARALHO".

17. É assim que eu penso...e porque penso assim, na condição de Magistrado, digo!

18. Rejeito a presente queixa-crime. Arquivam-se os autos. Na hipótese de eventual recurso em sentido estrito, dê-se ciência ao Ministério Público e intime-se o querelado para contra-razões.

(São Paulo, 5 de julho de 2007. Manoel Maximiano Junqueira Filho, Juiz de Direito titular).

Anexo 2 – Cartum



COLIGAY. *Zero Hora*. Porto Alegre, 09 mai. 1977. Caderno ZH Esportes, Coluna Bola Dividida, p.35.



COLIGAY presente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 13 out. 1977. Caderno ZH Esportes, Coluna Bola Dividida, p.39.



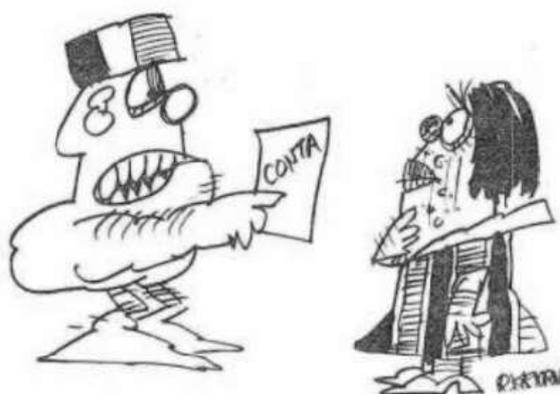
CADÊ a Coligay?. *Zero Hora*. Porto Alegre, 29 jun. 1977. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p.31.



TEM que assumir. *Zero Hora*. Porto Alegre, 06 jan. 1978. Caderno Esportes, Coluna Bola Dividida, p.44.

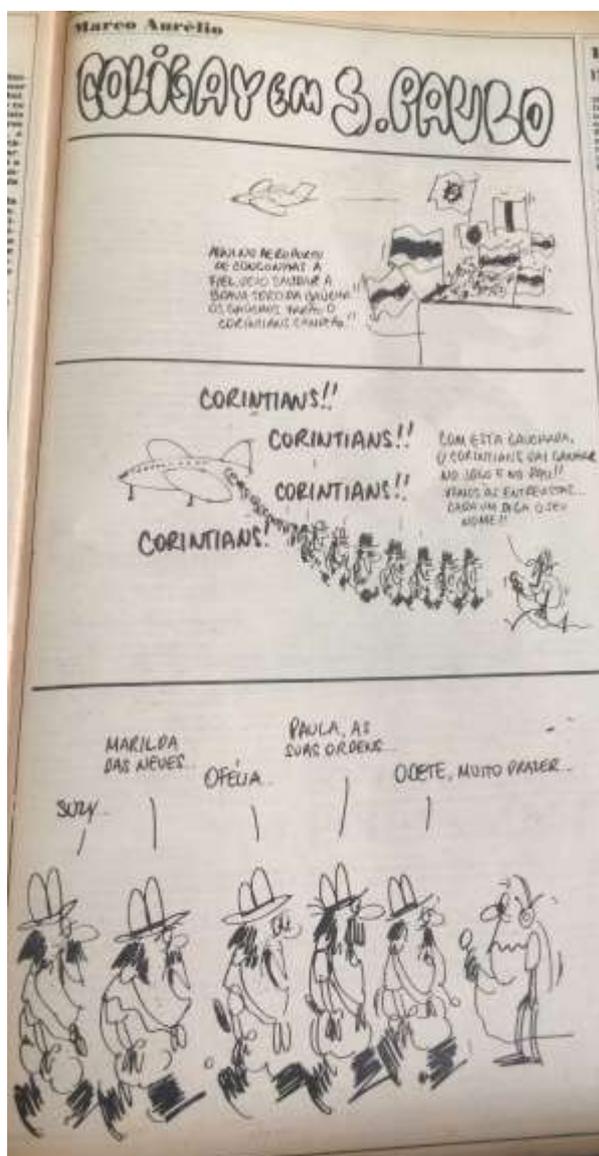


COLIGAY. *Zero Hora*. Porto Alegre, 30 jul. 1978. Caderno ZH Esportes, Coluna Bola Dividida, p.56.



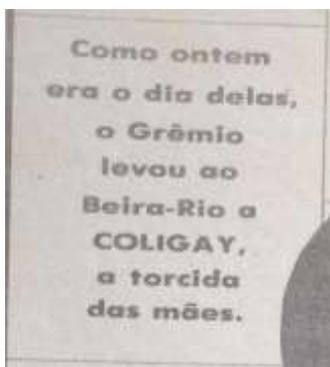
COLIGAY. *Zero Hora*. Porto Alegre, 13 out. 1979. Caderno ZH Esportes, p.34.

Anexo 3 - Charge



AURÉLIO, M. *Zero Hora*. Porto Alegre, 04 out. 1977. Caderno Esportes, p.39.

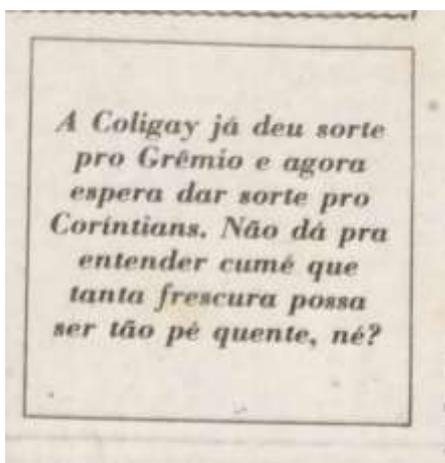
Anexo 4 – Fragmentos Coluna Carlos Nobre



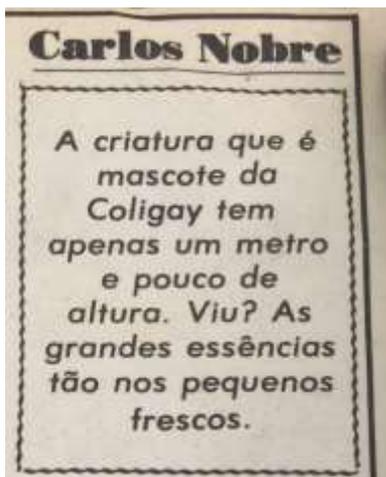
NOBRE, C. *Zero Hora*. Porto Alegre, 09 mai. 1977. Coluna Humor, p.55.



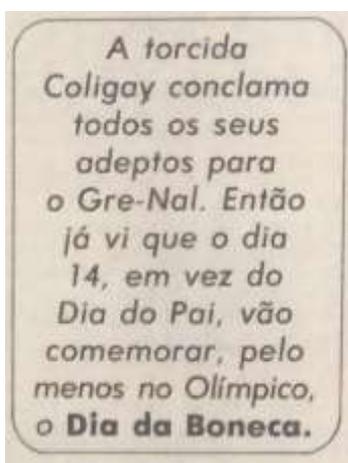
NOBRE, C. *Zero Hora*. Porto Alegre, 17 set. 1977. Coluna Humor, p.39.



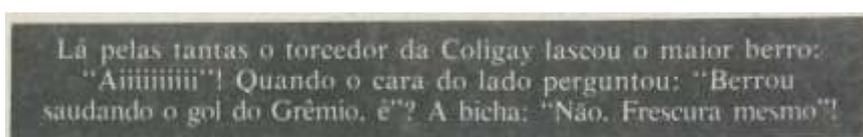
NOBRE, C. *Zero Hora*. Porto Alegre, 05 out. 1977. Coluna Humor, p.43.



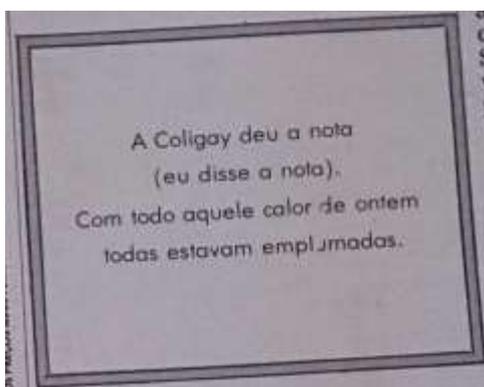
NOBRE, C. *Zero Hora*. Porto Alegre, 05 out. 1977. Coluna Humor, p.43.



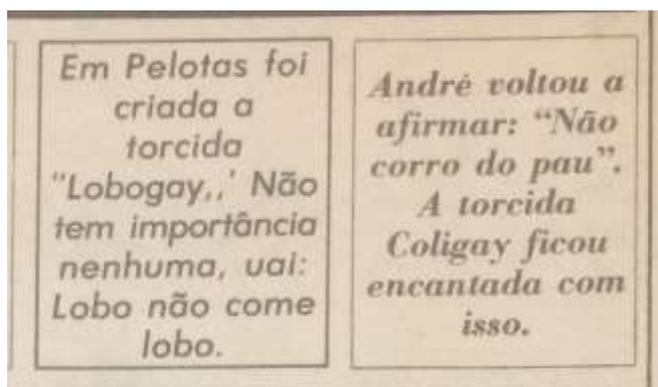
NOBRE, C. *Zero Hora*. Porto Alegre, 11 ago. 1977. Coluna Humor, p. 55.



NOBRE, C. *Zero Hora*. Porto Alegre, 20 set. 1977. Coluna Humor, p. 47.



NOBRE, C. *Zero Hora*. Porto Alegre, 14 dez. 1978. Coluna Humor, p. 71.



NOBRE, C. *Zero Hora*. Porto Alegre, 28 jun. 1977. Coluna Humor, p. 43.

Anexo 5 – Imagens encontradas nas reportagens



GRÊMIO está recebendo um incentivo diferente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 mai. 1977. Caderno Esportes, Seção Especial, p. 45.



UMA NOITE de festa no Olímpico. *Zero Hora*. Porto Alegre, 07 out. 1977, p.25.



COLIGAY pé-quente. *Zero Hora*. Porto Alegre, 28 set. 1977. Caderno ZH Esportes, Coluna Bola Dividida, p.41.

Anexo 6 – Paineis Museu do Grêmio

DIVERSIDADE DA ALEGRIA

Na segunda década de 1970, o Brasil atravessava um dos períodos mais libertadores de sua história, com repressão e censura imprimeando e subvertendo as liberdades democráticas. Era preciso ser muito cuidadoso para expor sua preferência sexual, ainda mais dentro de um estádio de futebol. Mas a torcida Grigey nasceu e durou e trouxe para si o desafio de emergir e moral da luta, que acabou baixo.

Vestidos figuram extravagância e cuidado de técnicas entoadantes, piques e piadas – tudo em azul preto e branco, à laia –, cerca de 600 espigas igmentas provaram que o Grêmio é mesmo o clube mais piada e inovador do país.

Vulnar Santos, então gerente da cidade Izilda Collares, de Porto Alegre, foi quem sequestrou a festa: "Da guerra a torcida inventando como quando o time não tá bem... Quando parti para recitar, pensei em fazer como eu" Camandú, falando e falando e ninguém falou só sem de sua potente chazanga, a Grigey imitava o time e se sentia por onde passava. O que realmente os distinguia era a animação e o bom humor.

O clube acredita e temido e esta, além de alegria, trouxe medo e foi por quem? Logo, todas as grêmistas passaram a usar camisetas brancas com o nome Grigey (1977) e seguintes comemorando, Anacleto e Libertadores, até a conquista do título, em 2000.

A torcida Grigey só foi, por sua iliter, Vulnar, recorreu ao que ele para sua terra natal, Porto Alegre. Mas a Grigey já havia ajudado a criar as artes de clubes!





“... NUNCA HAVIA APARECIDO UM GRUPO COMO AQUELE, QUE BEBEM O TEMPO TODO, INCENTIVAM A EQUIPE EM TODAS AS PARTIDAS, VIAJAM PARA O INTERIOR E TINHA CONFIANÇA ABOLUTA DE QUE O TIME SERIA O CAMPEÃO. JÁ NO INÍCIO DO DECADONAL, NINGUÉM MAIS ERA CONTRA A COLIGAÇÃO.”

—
Orlando Neto Neto
1970/1972, página 50

REFERÊNCIAS

ACERVOS PESQUISADOS

Museu da Comunicação Hipólito José da Costa

Acervo da RBS

Acervo da Revista Veja, disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/>>

Acervo Grupo Dignidade, disponível em:

<<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>

Acervo Revista Placar, disponível em:

<https://books.google.com.br/books/about/Placar_Magazine.html?id=62E72n4n42wC>

JORNAIS PESQUISADOS

LAMPIÃO DA ESQUINA, edição experimental, nº 0, Abril, 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 1, maio/junho de 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Ano 2, nº 18, novembro de 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 3, Julho/Agosto, 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 31, dezembro de 1980.

ZERO HORA, 09 de maio de 1977.

ZERO HORA, 16 de maio de 1977.

ZERO HORA, 17 de maio de 1977.

ZERO HORA, 29 de maio de 1977.

ZERO HORA, 31 de maio de 1977.

ZERO HORA, 16 de agosto de 1977.

ZERO HORA, 26 de setembro de 1977.

ZERO HORA, 28 de setembro de 1977.

ZERO HORA, 02 de outubro de 1977.

ZERO HORA, 13 de outubro de 1977.

ZERO HORA, 14 de outubro de 1977.

ZERO HORA, 28 de outubro de 1977.

ZERO HORA, 05 de dezembro de 1977.

ZERO HORA, 18 de dezembro de 1977.

ZERO HORA, 06 de janeiro de 1978.

ZERO HORA, 16 de julho de 1978.

ZERO HORA, 30 de agosto de 1978.

ZERO HORA, 30 de setembro de 1978.

ZERO HORA, 20 de outubro de 1978.

ZERO HORA, 15 de novembro de 1978.

ZERO HORA, 27 de março de 1979.

ZERO HORA, 04 de setembro de 1979.

REVISTAS PESQUISADAS

IMORTAL TRICOLOR, nº 3, janeiro de 2006.

PLACAR, nº 370, 27 de maio de 1977.

VEJA, nº 468, 24 de agosto de 1977.

SITES PESQUISADOS

ALVES, Marcus. "Até torcedores do Inter tentaram entrar", relembra fundador da primeira torcida gay do Grêmio. **Revista ESPN**: 06 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/190329_ate-torcedores-do-inter-tentaram-entrar-relembra-fundador-da-primeira-torcida-gay-do-gremio>. Acesso em: 08 de junho de 2018.

ANISTIA INTERNACIONAL. **Informe 2017/18** – O estado dos direitos humanos no mundo. Londres, 2018. Disponível em: < <https://anistia.org.br/entre-em-acao/carta/informe-anual-20172018-o-estado-dos-direitos-humanos-mundo/>>. Acesso em: 15 de junho de 2018.

BIBLIOTECA PRESIDENCIA DA REPUBLICA. **Discurso feito aos dirigentes da ARENA**. 29 de agosto de 1974. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/ernesto-geisel/discursos/1974/17.pdf/view>>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

BOLETIM DO GRUPO GAY DA BAHIA. Salvador: **GGB**, ano XIII, n. 27, agosto de 1993. Disponível em: < <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2018/02/2-boletim-do-ggb.pdf>>. Acesso em: 15 de maio de 2018

CONFERÊNCIA DE DIREITOS HUMANOS – VIENA – 1993. **DHNET**. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/viena/viena.html>>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

BRASIL. DECRETO-LEI Nº 898, DE 29 DE SETEMBRO DE 1969. **Lei de Segurança Nacional**. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-898-29-setembro-1969-377568-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

BRASIL. DECRETO-LEI Nº 3.688, DE 03 DE OUTUBRO DE 1941. **Lei de Contravenções Penais**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del3688.htm>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

DICIO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>> Acesso em 10 de abril de 2018

DIÓGENES, Juliana; Castanho, William. Só 2 em cada 10 brasileiros admitem ser preconceituosos, diz pesquisa do Ibope. **Estadão**: 09 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,so-2-em-cada-10-brasileiros-admitem-ser-preconceituosos-diz-pesquisa-do-ibope,70002034390>>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

FABER, Rodrigo. Após beijo, Sheik ganha aplausos, protesto, e ataca: 'Preconceito babaca'. **Globo Esporte**: 19 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2013/08/apos-polemica-sheik-ganha-aplausos-do-grupo-e-protesto-de-torcedores.html>> Acesso em 15 de abril de 2018.

FOLHA DE SÃO PAULO ONLINE. Leia a íntegra da sentença envolvendo o jogador Richarlyson. **Uol Esporte**: 03 de agosto de 2007. <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u317519.shtml>> Acesso em 15 de abril de 2018

FOLHAPRESS. Richarlyson diz ignorar cantos homofóbicos da torcida do São Paulo. **Uol Esporte**: 13 de agosto de 2009. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2009/08/13/ult5895u6969.jhtm>> Acesso em 15 de abril de 2018

LAPPACS. **História de Vida e Ação Política 01** - Volmar Santos (Coligay). 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cJuHfIGkZEU>>. Acesso em: 01 de junho de 2018.

OFFICE OF THE HISTORIAN. **Bureau of Public Affairs**, United States Department of State. Memorandum From Director of Central Intelligence Colby to Secretary of State Kissinger. Washington, April 11, 1974. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve11p2/d99?platform=hootsuite>>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

PIRES, Breiller. Em plena ditadura, a torcida Coligay mostrava a cara contra o preconceito. **El País**: 12 de abril de 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/deportes/1491595554_546896.html>. Acesso em: 12 de junho de 2018.

SOMOSLGBT. **Flores de 70**. Direção Vinícius Cruxen. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=exXr13fVsV4>>. Acesso em: 01 de junho de 2018.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Miguel Vale de. “Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do Sul de Portugal”. In: **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 95, p.161-190, 1996.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinidades**: fútbol, tango y pólo en la Argentina. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. “**Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração**”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

_____. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, maio/ago, 2010.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. FUTEBOL, GÊNERO, MASCULINIDADE E HOMOFOBIA: UM JOGO DENTRO DO JOGO. **Espaço Plural**, Ano XIV, Nº 29, 2º Semestre, 2013, p. 246 – 270.

BARRETO, Túlio Velho. Gilberto Freyre e o futebol-arte. **REVISTA USP**, São Paulo, n.62, p. 233-238, junho/agosto 2004

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. LOURO, Guacira Lopes (org.): **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte. Autêntica, 2000.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAVALCANTI JUNIOR, Ary Albuquerque. A ditadura civil-militar (1964-1985) no âmbito do regional e do local – uma breve abordagem. In: **Revista Eletrônica Discente História.com**: Ditaduras e Autorismos. Cruz das Almas. UFRB, v. 3, n. 5, 2016.

CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidades**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CONNELL, R. W. **Masculinidades**. México: UNAM. Programa Universitario de Estudios de Género, 2003.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, James W. – Masculinidade Hegemonica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**. Vol. 21, No. 1 (janeiro-abril – 2013), pp. 241-282.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EduFSCar, 2015.

DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o futebol Brasileiro. In: _____. **Universo do Futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

_____. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

D'ANGELI, C.; PADUANO, G. **O cômico**. Trad. Caetano Waldrigues Galindo. Curitiba: Ed. UFPR, 2007.

DAOLIO, Jocimar. A Superstição no Futebol Brasileiro. In: _____. (org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 3-19.

_____. **Da cultura do corpo**. 5.ed. Campinas: Papyrus, 2000.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no Esporte. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.5, n.2, p.321-348, 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. In: LEAL, Elizabete, et. al. **O uso das fontes**: a bibliografia acadêmica, o jornal e o documento oficial na pesquisa histórica. Porto Alegre: Cadernos do PPG em História da UFRGS, 1995.

FACCHINI, Regina. Movimento Homossexual no Brasil: recompondo um histórico. In: **Cadernos AEL**. Homossexualidade: Sociedade, Movimento e Lutas. Campinas. Unicamp/IFCH/AEL, V. 10, n. 18/19, 2003.

FERNANDES, Marisa. Lésbicas e a ditadura militar: uma luta contra a opressão e por liberdade. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EduFSCar, 2015.

FICO, Carlos. Ditadura Militar: mais do que algozes e vítimas. A perspectiva de Carlos Fico. In: **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 5, n.10, jul./dez., p. 464-483, 2013. Entrevistadores: Silvia Maria Fávero Arend, Rafael Rosa Hagemeyer e Reinaldo Lindolfo Lohn.

_____. Prefácio. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EduFSCar, 2015.

_____. Violência, trauma e frustração no Brasil e na Argentina: o papel do historiador. **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 239-261, jul./dez. 2013.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p. 243 - 276.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p. 243 - 276.

_____. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GASTALDO, Edison. **Pátria, Chuteiras e Propaganda** – o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

GERCHMANN, Léo. **Coligay**: Tricolor e de todas as cores. Porto Alegre: Libretos, 2014.

GIL, Gilson Pinto. O drama do “Futebol-Arte”: o debate sobre a seleção nos anos 70. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 9, n. 25, p. 100-109,

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, abril/junho, 2005.

_____. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, v.8 n. 1, p. 85-100, 2005.

GREEN, James N. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. A Luta pela igualdade: Desejos, Homossexualidade e a Esquerda na América Latina. In: **Cadernos AEL**. Homossexualidade: Sociedade, Movimento e Lutas. Campinas. Unicamp/IFCH/AEL, V. 10, n. 18/19, 2003.

_____. **“Quem é o macho que quer me matar?”**: Homossexualidade masculina, masculinidade revolucionária e luta armada brasileira dos anos 1960 e 1970, 2012. Disponível em: <http://www.corteidh.or.cr/tablas/r33222.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

_____. O Pasquim e Madame Satã: a “rainha” negra da boemia brasileira. In: **Revista Topoi**, V.4, n. 7, Jul-Dez 2003, p. 201-221.

_____. O grupo Somos, a esquerda e a resistência à ditadura. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EduFSCar, 2015.

GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EduFSCar, 2015.

GUEDES, Simoni Lahud. Subúrbio: Celeiro de Craques. In: DAMATTA, Roberto et al. **Universo do Futebol**: Esporte e sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo, Scritta Editorial, 1991.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. A imprensa como fonte: apontamentos teórico-metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica. Fortaleza: **Revista de História Bilros**, v. 4, n. 6, jan.-jun. 2016.

LACLAU, Ernst. **La razón populista**. Buenos Aires: FCE, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Um corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: identidade sexual e política no Brasil da abertura. Campinas: Editora UNICAMP, 1990.

MARCELINO, Douglas. **Subversivos e Pornográficos**: Censura de livros e diversões públicas nos anos 1970. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2011.

MASCARENHAS, Gilmar. **A Bola nas redes e o Enredo do Lugar**: por um Geografia do Futebol e de seu Advento no Rio Grande do Sul. 269 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2001.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 8 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

MORANDO, Luiz. Por baixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-1969). In: GREEN, James; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EduFSCar, 2015.

MORATO, Márcio Pereira. A dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos. In: DAOLIO, Jocimar (Org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. **Jango e o golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MURAD, Mauricio. **Dos pés à cabeça**: elementos básicos de Sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **História Regional e Local no Brasil**: fontes e métodos da pesquisa histórica regional e local. Feira de Santana/ Salvador, UEFS/ ed. Arcádia, 2002.

OCANHA, Rafael Ortiz. As rondas policiais de combarte à homossexualidade na cidade de São Paulo (1976-1982). In: GREEN, James; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EduFSCar, 2015.

OLIVEIRA, Camila Guterres. **Uma mudança nas arquibancadas**: A elitização do futebol leva mulheres aos estádios (Porto alegre, 2007 – 2014). 131 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. Discursos Sobre a Masculinidade. In: **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, Vol. 06, n. 1, 1998.

ORTIZ, Renato. Revisitando o tempo dos militares. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo & MOTTA, Rodrigo P. Sá (Orgs.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p.112-127.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. Homossexualidades e Ditaduras Militares: Os casos de Brasil e Argentina. In: **Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos**. Anais eletrônicos. Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares#P>>. Acesso em: 16 de maio de 2018.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades** – a hierarquia das invisibilidades. São Paulo: Cortez, 2008.

QUINALHA, Renan. A questão LGBT no trabalho de memória e justiça após a ditadura brasileira. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EduFSCar, 2015.

_____. Contra a moral e os bons costumes: **A política sexual da ditadura brasileira (1964-1985)**. 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, USP, São Paulo, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento** – Política e Filosofia. São Paulo: Editora 34, 1996.

REIS FILHO, Daniel Aarão. (Coord.). **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014b.

RODRIGUES, Rita de Cassia Colaço. De Denner a Chrysóstomo, a repressão invisibilizada: as homossexualidades na ditadura. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EduFSCar, 2015.

ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: _____. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SANTOS, Rogério Reis dos. **“Uma bicha atrevida pede a palavra”**: O Lamião da Esquina e a resistência de homossexuais durante a ditadura civil militar brasileira. 2017. 127 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) – Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, UNB, Brasília, 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, Metrôpoles e Desatinos. **Revista USP**, nº 22, Dossiê Futebol. São Paulo, CCS/USP, 1994.

SILVA JUNIOR, José Aelson. TORCER, RETORCER, DISTORCER E DESTORCE: NOTAS SOBRE FUTEBOL, HOMOFÓBIA E PERTENCIMENTO. In: **Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer**, 2. 2016, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte : EEEFTO/ UFMG, 2016

SOUZA, Marcos Alves. **“A nação em chuteiras”**: Raça e masculinidade no futebol brasileiro. 62 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso** – a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. São Paulo: Record, 2007.

VANEIGEM, Raoul. **A arte de viver para as novas gerações**. São Paulo: Veneta, 2016.

VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

VERGONA, Rodrigo. Profissão: sofredor. **Revista Superinteressante**. São Paulo: Abril/maio. 2002.

VOGEL, Arno. O Momento Feliz – Reflexões sobre o Futebol e o Ethos Nacional. In: DAMATTA, Roberto. **O Universo do Futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio – o futebol e o Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.